NÚMERO 2

EDIÇÕES ELP

JUNHO — 1938

ESFERA

REVISTA DE LETRAS ARTES CIÊNCIAS

REDAÇÃO:

Edifício Ouvidor

R. Uruguaiana, 86 — S. 805

Caixa Postal, 1.219
Rio de Janeiro

TELEFONE: 42-8835

Brasil .... 2$000
Estrangeiro .... 3$000

ADMINISTRAÇÃO

DIRETOR:
Maria Jacintha

REDATOR CHEFE:
Sílvia de Leon Chalréo

GERENTE:
Aureo Ottoni

SECRETÁRIO:
Frederico R. Coutinho

REDATORES

Afonso de Castro Senda, Attilio Garcia Mellid, Dias da Costa, Eneida, Fábio Leite Lobo, Fábio Crissiuma, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Roberto Alvim Corrêa, Santa Rosa, Waldemar de Oliveira

ÍNDICE

Hai - Kai

Tirado de uma lira de Gonzaga

Quis gravar "Amor"
No tronco de um velho freixo:
"Marilia" escrevi.

Manuel Bandeira

Uma casa fechada. Uma voz lá dentro. A multidão pára na rua, escutando. A voz canta sem saber que a multidão parou na rua escutando. A culpa é das paredes.

■ ■ ■

Sôbre a terra adormecida, entre a claridade que déce das núvens e a sombra que sóbe das ruas, — um grande anúncio luminoso. A réclame da vida... Da vida que não pára, da vida que não descança, da vida que está sempre acordada. Projéta-se no espaço, na escada da esperança humana, nos degráos da angústia humana... E' um corpo que encerra todos os corpos... E' uma alma que encerra todas as almas...

■ ■ ■

A imaginação ás vezes inventa a felicidade, ás vezes inventa coisas peóres. Afinal, sempre distráe.

■ ■ ■

Eu ia tomar o ônibus ao anoitecer, pensando de vagar. Meti-me naquéla especie de curral, onde outros passageiros esperavam antes de mim, e onde outros passageiros viéram esperar depois de mim. Quando o ônibus chegou, trazia logar para todos. Mas os que estavam na frente começaram a se empurrar e os que estavam atraz julgavam talvez que era o último ônibus do mundo, e não queriam perdê-lo. Eu não empurrei ninguem. Um senhor supôs assim. Expliquei:

— Não, senhor. Eu sou apenas uma consequência...

E fiz uma viagem triste.

■ ■ ■

Entre o que se sente e o que se faz, não existe relação nenhuma além da aparência humana que confunde tudo no mesmo espetáculo.

■ ■ ■

A gordura é o humorismo da carne. E o humorismo é a última consequência do espírito.

■ ■ ■

Eu sou contra o equilíbrio. Acho que a gente de-

OUTONO...

AS FOLHAS CAEM

ALVARO MOREYRA

ve caír para poder se levantar.

■ ■ ■

Morrer e viver são dois verbos que se equivalem. Apenas, os enterrros lhes põem uma pequena diferença. Há enterros de mortos e há enterros de vivos.

■ ■ ■

A melhor prova de amizade que um homem póde dar a outro homem, quando precisa falar com êle, — é não falar.

■ ■ ■

Um artista pobre, que precisa do preço do seu trabalho, que espéra a retribuição do que fez, póde possuir muito talento, póde merecer todos os louvores, póde honrar a sua terra, póde impôr o seu nome á glória... — para os que o pagam, não vale nada...

■ ■ ■

Nunca me vinguei dos que me fizeram mal, dos que me exploraram. Resumi ou desenvolvi uns e outros em assuntos. Foi o meu geito de os explorar tambem, de tambem lhes fazer mal. Porém êles não se reconheceram e acharam muita graça. Diverti-os, desopilei-os, dei giro á bilis extranumerária de todos. Em suma: fiz-lhes bem. Continuaram me explorando...

■ ■ ■

Ninguem se entende. A anedóta da Torre de Babel é a única verdade verdadeira.

■ ■ ■

As vidas que eu tenho vivido, misturadas ás vezes e, mais comumente, seguindo umas ás outras — sem ligações visiveis — não foram de responsabilidade próprias e não fizeram mal a ninguem. Nem a mim. Experiências. No fim, todas serão "a minha vida". Boa? Boa. O pessimismo é uma atitude literária. O ótimismo é mais natural. O ótimismo vem de fóra. O pessimismo sáe da gente. Uma coisa de Montaigne dá sempre prazer repetir: "E' uma perfeição absoluta, quasi divina, saber gozar lealmente do seu sêr". Lealmente...

carta a um jovem colega

amadeu amaral junior

Meu joven amigo:

Tenho lido as suas colaborações, o que faço sem custo e até com algum prazer. Já me permito certas veleidades de homem experiente e essas veleidades, juntadas aos ensinamentos, juntadas aos ensinamentos das aventuras sociais que me aconteceram, fazem de mim um leitor benevolo e indulgente.

Seus pequenos episodios da vida da imprensa não deixam de ter graça, sobretudo para quem conhece os personagens verdadeiros que você põe em cena. Esse "seu" Edmundo está muito bom. O ambiente escolar do "Relampago" é bem o ambiente que um nosso amigo desejaria vêr em todos os jornais em que trabalha e em parte tem conseguido estabelecer.

Agora que eu já lhe fiz bastante elogios, tenho direito de apresentar umas restrições, e é bem possivel que, levado pelo meu temperamento exaltado, descambe na critica mais desabalada. Se assim fôr, me perdoe e leve á conta da minha situação de preso, em quem uma irritação é coisa compreensivel e de pouca monta.

As restricções que eu posso fazer aos seus trabalhos dizem respeito principalmente ao ultimo deles. Estou me referindo áquela historia do reporter que blefou os companheiros, fornecendo-lhes informações erradas. Essa historia parece ser veridica ou pelo menos você a conta como uma proeza digna de admiração. Conversemos um pouco sobre isso como se estivessemos nós ambos aí na sala da redação. E me suporte o tom algo conselheiral. Veio-me de viver tanto tempo no meio da imprensa, onde, como você sabe, o nivel cultural é tão baixo.

Pois, a sua historiasinha é assim mais ou menos como a apologia da mistificação. Você exalta um reporter que passou uma vasta *barriga* nos companheiros desprevenidos e fiados na sua palavra. Eu sei que você, chegado a este ponto, está certo de que lhe vou fazer um sermão cheio de bonitas palavras condenando a mentira e a falsidade, pecados em que incorreu o seu personagem e você exaltou como virtudes. Mas não, está enganado. Vou falar ao seu espirito e não ao seu carater, ou mais especialmente ainda, vou falar apenas ao seu senso profissional. Porque você, antes de mais nada é jornalista e é ao jornalista que eu estimo e, não raro, admiro.

Examinemos o que significa o seu conto, encarado do ponto de vista profissional. Significa o elogio da falta de solidariedade entre colégas, o panegirico da má fé, o preconicio da deslealdade e mais sinonimos. Não é um significado muito atraente e merecedor do nosso entusiasmo. Mas como nos colocamos, por hipótese, á margem da Moral afim de examinar o produto do seu engenho exclusivamente do ponto de vista profissional, não nos permitamos em frizar a ausencia de bons sentimentos no seu personagem e vejamos, tão somente, se ele agia com inteligencia.

Não agia tal. Errava e ecrassamente. O seu reporter está imbuido da preocupação do *furo*, é redator do "Relampago" e não jornalista, falta-lhe o sentimento de classe. Não vale a pena tirar as ilusões do seu personagem. Para quê? Seria apenas apressar uma evolução fatal. Vamos deixar que a luz do sol chegue lentamente aos vales mais profundos, como lá diz o Macaulay. A seu tempo o entusiasmado plumitivo perceberá que a solidariedade profissional é uma grande coisa.

Isso se dará na primeira oportunidade em que êle precisar da classe. Verá, então, que, na luta pela vida, é mais util contar com o apoio da multidão anonima de Joões Ninguem que ser prestigiado pelos "seus" Edmundos. E agora, deixemos o seu heroi de lado e vamos falar de você.

Seja ou não uma aventura que lhe haja ocorrido, a sua historia demonstra bem que você ainda tem as puerilidades do novato no oficio, do *fóca*, digamos para empregar a nóssa giria. Aplique ao seu caso o que ficou dito sobre o seu personagem. Sacrificar os colegas em favor de um jornal é uma atitude erronea e perigosa. Muitos já fizeram a experiencia e viram todos os colegas se transformarem em inimigos. Não vá nos cantos de sereia dos falidos na profissão e, antes de pensar no seu jornal, pense no seu interesse. Não é muito mais justo e natural? E o seu interesse lhe diz que é melhor ter amigos em varios jornais que se dedicar a um só.

Ciao! Pense nisso um pouco. Pensar nem sempre faz mal, ás vezes é até recomendavel.

Do velho confrade

AMADEU

O folk-lore cristão do Brasil

ARTHUR RAMOS

Os eruditos da historia das religiões teem provado exhaustivamente que, no bojo do cristianismo se juntaram velhos cultos e crenças do paganismo oriental e greco-romano. Sébillot fala mesmo num "paganismo contemporaneo entre os povos celto-latinos".

A mentalidade popular não assimilou as abstrações do monoteismo cristão. Nos degraus baixos das crenças cristãs, vamos encontrar todo um corpo politeista, herdado das religiões desaparecidas.

O velho dualismo oriental deus-demonio, a oposição entre os dois principios do bem e do mal, persistem entre as crenças populares dos povos ocidentais. As imagens de Deus e do Diabo veem tingidas do mesmo antropomorfismo de outróra. Entre Jehovah e o Deus dos cristãos, ha varios nomes para o "grande deus primitivo", que os teoricos do **Urmonotheismus** querem encontrar, mesmo entre os povos não civilizados. O assunto é imenso.

Se estudarmos agora a origem e a formação do cristianismo, vamos encontrar toda uma herança principalmente grego-romana, na genese dos seus cultos. A começar pela imagem do Cristo que os eruditos emparelham á de Orfeu e aos misterios das catacumbas. Realmente foram as "religiões de misterio", isto é, este conjunto de praticas privadas que sobreviveram ao esfacelamento do paganismo grego-romano, que deram origem aos primeiros cultos cristãos. Principalmente os misterios orficos, sobre os quais, já existe enorme bibliografia.

O "filho de Deus" é assim a primeira sobrevivencia pagã do cristianismo. Na doutrina e no ritual do cristianismo primitivo, encontram-se em sua pureza quasi absoluta, os traços dos misterios orficos. Os dogmas principais do orfismo, do pecado original e da redenção, por exemplo, a crença na ressurreição do Messias, os cultos de misterios, suas comunidades misticas, sua teologia e sua moral, seus ritos, um vasto conjunto que poude ser estudado na arte das catacumbas... tudo isso tornou-se sobrevivencia no cristianismo primitivo.

Verificando-se, por sua vez, que o culto de Orfeu proveio de uma larga confluencia de concepções, de um sincretismo com esta serie de deuses orientais, que morrem e ressuscitam, vai-se encontrar no simbolo do Cristo a primeira grande sobrevivencia destes deuses das "religiões de salvação".

Se estudarmos, então, o catolicismo popular, este vasto folk-lore cristão, que veio dos primeiros tempos do cristianismo, corporificou-se na idade media, com os Evangelhos Apocrifos, com os Actos dos Santos, com a **Legenda Aurea**.... se recolhermos todos os fragmentos miticos, legendarios, anedoticos, das seitas cristãs, reconstituiremos uma a uma as sobrevivencia do paganismo.

Folk-loristas já se teem dedicado ao assunto. As lendas da Virgem-Mãe, da Santa Familia, dos Santos, "sucessores dos deuses", como escreve Saintyves, o folk-lore biblico, as reliquias e imagens legendarias, os cultos e liturgias populares do diabo, os ritos funerarios, as praticas magicas e supersticiosas, enfim tudo aquilo que podemos englobar sob o nome generico de folk-lore cristão, constitue um enorme corpo religioso-magico que subsiste ao lado da religião oficial.

Nos cultos á Virgem-Mãe, por exemplo, vamos encontrar vestigios das religiões chtonianas e orgiasticas, cultos da Terra e da prostituição sagrada, existentes nas religiões pagãs antigas. No tema das virgens-mães, há ainda uma confluencia notavel de velhos cultos litolatricos, hidrolatricos, e teogamicos solares, como documentou tão bem Saintyves.

O culto dos santos, que tomou um desenvolvimento tão grande com o catolicismo, principalmente com o catolicismo popular dos povos celto-latinos, tem sobrevivencias francamente pagãs. Os santos seriam "sucessores dos deuses".

Quando o cristianismo se difundiu entre os povos europeus, encontrou por toda a parte cultos e religiões, quer de origem greco-romana, quer oriundos de cultos nacionais. Ahi operou toda a especie de assimi-

lações. Os deuses antigos, o culto dos mortos e dos herois, as legendas locais. e até personagens historicas evhemerizados... tudo isso foi englobado num vasto sincretismo com os santos do agiologio cristão. As lendas dos primeiros tempos do cristianismo mostram-nos a formação dos cultos dos santos. A **Legenda Aurea** é um grande repositorio neste particular.

Na peninsula iberica, o cristianismo encontrou as divindades, crenças e cultos, quer dos tempos protohistoricos, quer das religiões lustitano-romanas e até as de origem asiatica e africana. Leite de Vasconcelos deixou-nos uma obra notavel dedicada ao estudo das Religiões da Lusitania. Estas divindades e estes cultos não desapareceram. O cristianismo absorveu-os, mas os seus vestigios. as suas sobrevivencias passaram a constituir este mundo enorme do folk-lore cristão. "O diabo, os santos. a Virgem Maria, o proprio Cristo, desempenham, como escreve Leite de Vasconcelos, muitos papeis que os antigos atribuiam aos seus deuses". Nomes como **Bruxa, Feiticeira, Moira, Olharapo. Papão, Provinco, Trasgo, Velha, Fada, Já, Sereia,** etc. são entidades de influencia dos cultos antigos, que sobreviveram no folk-lore lusitano. Lendas, crenças, costumes, ritual popular, superstições, deixam adivinhar reminiscencias de velhos mitos e cultos. Ritos de fecundidade, do nascimento, etc., Ritos de passagem", no sentido de Van Gennep, praticas magicas, cultos funerarios, folk-lore dos astros, dos meteoros, das aguas, da terra, das pedras... tudo isso conserva vestigios das religiões primitivas e pagãs.

No Novo Mundo, este catolicismo popular celtibero encontrou um campo favoravel ao seu desenvolvimento. Nos países ibero-americanos, ele se desenvolveu, assimilando, por sua vez, os cultos naturais aqui encontrados. E é este o catolicismo popular do Brasil, o catolicismo rural de certos grupos de população. como nos meios incultos do Nordeste, que subsiste ao lado da religião oficial.

O trabalho dos investigadores do folklore brasileiro, recolhendo um corpo de crenças e ritos populares, vem nos demonstrar que, nestes meios, as praticas supersticiosas, o culto dos santos, os ritos dos mortos, etc., tomam quasi sempre a dianteira ás legitimas praticas do catolicismo oficial.

Será tarefa longa e interessante o recolher no Brasil este enorme contingente do que podemos chamar o "folk-lore cristão". Velhas praticas magico-populares e cultos dos santos vamos encontrar no Brasil. ampliados, acrescidos de elementos que lhes trouxeram o amerindio e o negro.

Lendas cristãs, de "quando Deus veio ao mundo", da Virgem Maria, da Sagrada Familia, todo um agiologio popular, historicos de santos-herois, lendas e historias do diabo, praticas supersticiosas, orações e amuletos, fragmentos pagãos de um culto á natureza. á chuva, aos trovões e relampagos, ás pedras, ás aguas, preces e rituais magicos... tudo isto existe numa mescla inextricavel, onde o erudito vae descobrir velhas influencias de religiões proto-historicas e greco-romanas englobadas pelo cristianismo.

O culto dos santos é o aspécto mais flagrante deste catolicismo popular. Culto das "devoções", das irmandades, dos "santos milagreiros", das competições, das orações fortes. Uma longa galeria de santos. Impossivel de enumerá-los, pois alem dos santos da **Legenda Aurea**, ha ainda divinizações regionais. locais, herois evhemerizados a quem se tributa um culto, muitas vezes de mais intensidade religioso-emocional que os outros.

Carlos Drumond de Andrade

O COTOVELO DÓI

Ai, ai, ai, meu Deus. Tenha pena de mim.
(Arací de Almeida)

Ias triste e lucida.
(Manuel Bandeira)

1 *A impossibilidade de participar de todas as combinações em desenvolvimento a qualquer instante numa grande cidade, tem sido uma das dores de minha vida. Sofro como se sentisse em mim, como se houvesse em mim uma capacidade desmesurada de agir. Entretanto, na parte de ação que a vida me reserva, muitas vezes me abstenho e outras me comprometo.*

2 *A idéa de que diariamente, a cada hora, a cada minuto e em cada lugar se realizam milhares de ações que me teriam profundamente interessado, de que eu deveria certamente tomar conhecimento e que entretanto jamais me serão comunicadas — basta para tirar o sabor a todas as perspectivas de ação que encontro na minha frente. O pouco que eu pudesse obter não compensaria jamais esse infinito perdido. Nem me consola o pensamento de que, entrando na posse imediata e simultanea de tantos acontecimentos, eu não pudesse siquer registá-lo, quanto mais dirigí-los á minha maneira ou mesmo tomar de cada um o aspecto singular, o tom e o desenho próprios, uma porção mínima que fosse de sua peculiar substancia.*

3 *Uma creatura que era tudo na nossa vida (embora o não suspeitassemos, mas como a ruptura se encarregou de demonstrar), fazer dela, em momentos, com a urggência que exigem as crises do coração, um ser indiferente e neutro, eis um dos problemas que a vida costuma nos colocar de maneira imperativa, com a aprovação bonacheirona dos médicos. "Não dê mais importancia a essa mulher", aconselham-me por cima do ombro. Como se ela não houvesse adquirido, por isso mesmo que me deixou, uma importancia enorme no universo, e como se fosse fácil realizar a operação de aniquilamento de um ser que já não me pertence nem é mais dôcil aos meus manejos. Ela reconquistou a sua independência de movimentos — e impomos sanções á prisioneira evadida, que se diverte com a nossa ferocidade.*

4 *Fugir dos neurologistas, que receitam algumas injeções intramusculares para os mais perigosos conflitos morais e fazem acompanhar essa receita de conselhos otimistas. As injeções aplicam-se, mas quanto aos conselhos, invade-me uma tentação forte de fazer exatamente o contrário do que eles recomendam. Donde uma súbita e enganadora melhora, tirada do prazer de contrariar o médico e agir por meios próprios, logo agravada pela reiteração dos sintomas que me haviam levado ao consultório.*

5 *Fugir dos amigos, para poupar-lhes a história detalhada de uma crise que eles não poderão ouvir com interesse continuado porque difere da que eles no momento experimentam, ou porque não experimentando nenhuma crise não se sentem inclinados a compreender a nossa. E principalmente para não crear o hábito de contar cada dia um capítulo novo, o que acaba por forçar a creação de, cada dia, um novo capítulo. A crise tira daí um prolongamento incalculável.*

6 *Se ela, antes de nos conhecer, tinha já uma experiência amorosa, podemos omitir essa experiência, em proveito da que se realizará sob nossa orientação e com a nossa cumplicidade. Mas, uma vez declarada a ruptura, será para nós um tormento horrível, a simples suposição de que ela esteja realizando outra experiência, Deus sabe em que proporções e com que espírito. Perdoamos a infidelidade passada, anterior a nós, embora a consideremos sempre uma traição prévia, que chegamos a tempo de debelar. Mas, não admitimos a traição posterior ao nosso periodo, talvez por uma vaidade que nos faça julgar esse período como o mais esplêndido de todos na vida de uma mulher. Que ela se haja esquecido prestamente dessas horas inolvidáveis (e inolvidáveis precisamente porque se permitiu a leviandade de esquecê-las) está, para nós, acima da compreensão humana.*

7 *A minha traição, diária e renovada, múltipla e metódica, nunca me fez diminuir os méritos da mulher traída. Por isso considero chocante que ela se insurja contra a minha conduta e me ameaça de imitá-la — o que me irrita. Não imitação possivel sem grave dano sentimental e moral, pois que conduta idêntica, da parte de uma mulher, importaria implicitamente no desconhecimento ou no menosprezo dos meus méritos. Trair-me é diminuir-me e esquecer-me. Este é o meu raciocinio primário, como o de todos os homens. Admito mesmo que perdoaria a "revanche" dessa traição, si ela viesse acompanhada do mais indiscutivel testemunho de que, no momento mesmo da traição, eu não fôra desestimado; isto é, que a traição foi ato mecanico e sem nenhuma significação moral (como a que pratico).*

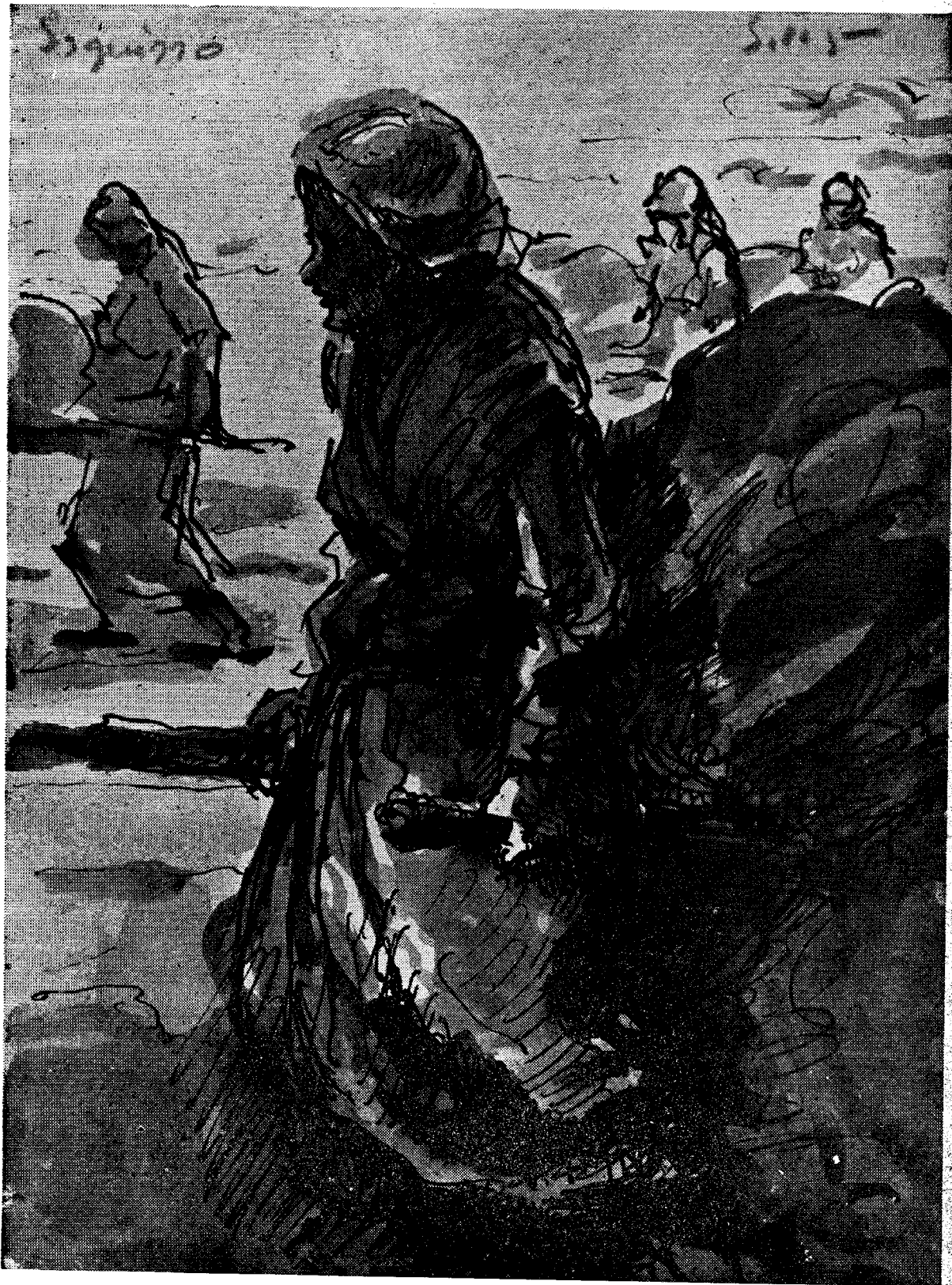
8 *A sub-estimação de mim mesmo, a sobre-estimação da mulher amada, juntando-se, tornam dramáticos os lances do ciume, o qual seria uma paixão suportável si a todo instante não insinuasse que creatura tão admirável não poderia, evidentemente, viver presa a um completo imbecil como eu. E ha ainda a sobre-estimação do individuo que eu suponho a tenha roubado. E' sempre um grande homem, cujas riquezas espirituais e materiais me colocam numa posição de ridícula inferioridade. Sofremos pela privação do objeto amado, sofremos pela sua posse por outras mãos, sofremos, finalmente pela desvalorização pessoal de nossa própria individualidade.*

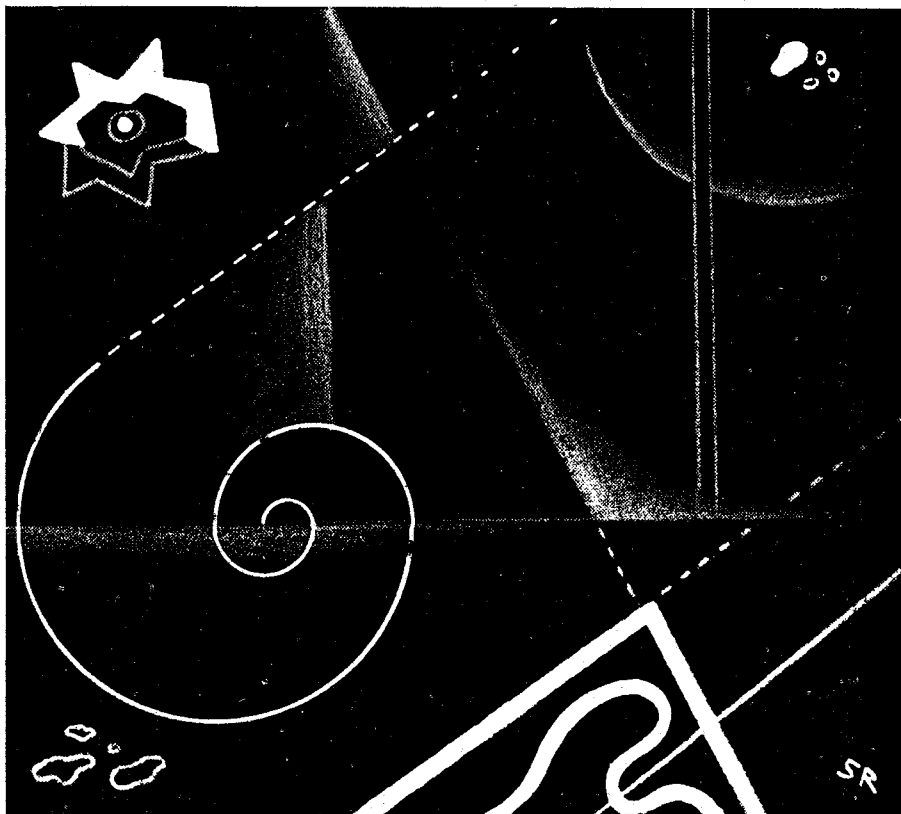
o que não mata, engorda.

Partido Trabalhista da Escocia

Reuniu-se, em Edimburgo, a conferência do Partido Trabalhista da Escossia, na qual foram aprovadas várias resoluções a favor do levantamento do embargo sobre o envio de armas ao governo espanhól

Entre outras resoluções, os dirigentes sindicalistas escossezes manifestam uma grande inquietação "por causa da pressão feita pelo governo britanico sobre o governo democrático da Tchecoslovaquia para obrigá-lo a capitular ante o fascismo" e pedem ao governo britanico que "apresente garantias de que a independencia da Tchecoslovaquia será mantida".

Esquisso

Abel Salazar

Poemas de Afonso de Castro Senda

REVELAÇÃO DE ESSÊNCIA

QUE TENHO EU A DIZER PARA FAZER POEMAS?
— A IDEIA É VELHA E NADA ORIGINAL:
OS POEMAS NASCEM SEM QUE A GENTE ORDENE
NEM PARA ISSO SE CONDENE.

PENSA A GENTE UMA COISA QUE NÃO TEM PRINCÍPIO.
O QUE VALE É O QUE FICOU E QUE NINGUEM OUVIU:
— GRITOS DE ESPANTO, DE AMBICIONAR E DE RENÚNCIA,
PERDIDOS NUMA GAMA DE PRONÚNCIA.

MAS O QUE VALE NÃO É ISSO!
— NÃO É O QUE FICOU, ALHEIO, ENTREGUE A HISTÓRIA.
O QUE VALE É O QUE MOVEU O NOSSO "SER",
E O LEVOU A "DIZER"

VALE APENAS O QUE NOS IMPOZ A CENA,
E COM BERROS — COM INTIMOS SILENCIOS,
— E COM FALAS DE PAZ E VIOLENCIA
"LUZIU" A NOSSA ESSENCIA.

FOI SOMENTE O QUE NEM EU CONHEÇO
NEM NINGUEM DESCONHECE.
FOI O MUNDO, FORAM OS HOMENS, FOI O PASSADO,
FOI TUDO QUANTO NOS É DADO.

POR ISSO OS POEMAS NUNCA SÃO DO POETA.
ANTES O POETA É QUE É DOS SEUS POEMAS:
TOTALIZAR DE ESSÊNCIA A TRANSMITIR NO ESCURO,
REVELAÇÃO DE VIDA E DE FUTURO!

PORTO,

RAZÃO DE SER E DE VIVER

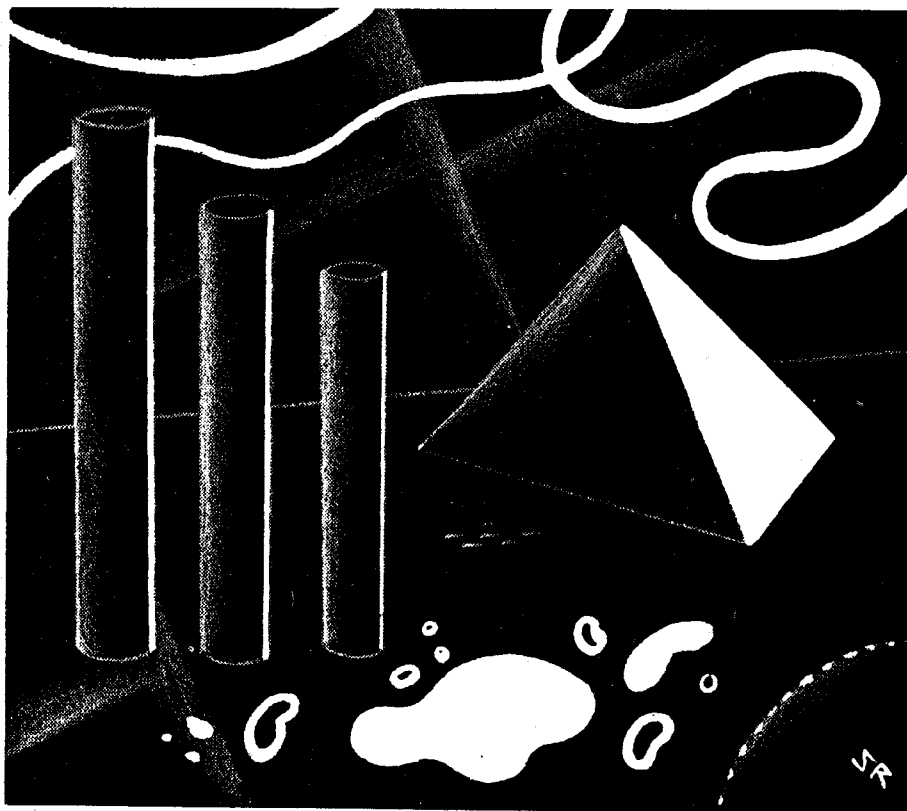
TEMOS TODOS UM PÉ NA MESMA LUTA.
A LUTA É PARA TODOS E POR TODOS FEITA.
ALGUNS É QUE JULGARAM QUE NÃO ERA DELES
E POR ISSO FICARAM.

FICARAM, NÃO CON-SIGO NEM COM OS OUTROS;
— FICARAM FÓRA DE TODOS.
FICARAM AUSENTES.
AUSENTES NO SEU PASSADO PORQUE DELE NÃO SURGIRAM COMO MOTIVO DE LUTA,
AUSENTES NO PRESENTE PORQUE NÃO VIERAM,
E AUSENTES NO FUTURO PORQUE NÃO TRANSMITEM.

FICARAM QUIETOS, PARADOS, PARADOS,
DOBRADOS SOBRE SI MESMOS —
MORTOS SOBRE O SEU PRÓPRIO CADÁVER.

ENTRETANTO A GENTE VIVE E A NOSSA VIDA NÃO ACABA
PORQUE ANTES MESMO DE NOS TEREM NASCIDO
JÁ A GENTE VIVIA NOS TEMPOS QUE NÃO LEVAM CALENDÁRIOS.

— VIVER É ULTRAPASSAR
É SER SEMPRE OUTRO SER.
PASSA O PASSADO E O PRESENTE
MAS A VIDA FICA.

PORQUE A VIDA DO PRESENTE É A VIDA QUE JÁ É FUTURO.
NÃO CHEGA A SER PASSADO PORQUE VAI LOGO ADIANTE,
— NÃO CHEGA A SER PRESENTE PORQUE LOGO É FUTURA.

Ilustrações de Santa Rosa

GUERRA?

O terror e a violencia por toda parte.
Para onde vamos?
Para a guerra?
Não, respondem os ótimistas.
Mas François Mauriac, que é poeta, constatou o desabrochar prematuro das arvores de Auteuil. Máo sinal, diz êle.

O MAL

P. Bernus fala na corrupção da S. D. N.: (LE JOURNAL DES DEBATS)

A atitude de certas potencias, chamadas secundarias, poderia provocar reparos, mais ou menos descortezes, que é melhor calar. Na realidade, a inquietação desses paizes é bem comprensivel e a verdadeira responsabilidade da situação lamentavel em que se encontra o mundo cabe, antes de tudo, aos grandes governos que, no momento em que estavam em condições de impedir a ruina dos resultados mais felizes da guerra, não souberam agir.

Deixaram as forças destruidoras realizar livremente a obra premeditada.

Os pequenos e os medios só recuperarão a coragem quando, de novo, lhes apresentarem razões de confiança. Tambem, é preciso repetir, aceleraram a decomposição da Liga, introduzindo nela os Soviets, cuja presença forneceu um argumento aos adversarios da S. D. N.

NYON

Notando a evolução que sofre a guerra na Hespanha, Pertinax escreve: (ECHO DE PARIS)

Durante longos mezes, atraz, das linhas, formou-se um exercito republicano numeroso. Entrou em ação. Como estão atualmente constituidas, as duas partes adversarias se equilibram, mais ou menos. Resta saber si, com intervenções exteriores, o epilogo não se precipitará. E' bem significativo o bombardeamento de cidades abertas e o reaparecimento dos submarinos. Nenhum desembarque italiano ou alemão tem sido assinalado, mas a base aerea da Majorca foi reforçada. A Italia irá despender novo esforço? Essa conjectura obriga os governos de Londres e de Paris a sairem da passividade. A respeito dos bombardeios aereos, francezes e inglezes têm os mesmos pontos de vista. Queriam, por meio de um acordo internacional, "humanisar a guerra", segundo a expressão geral. No verão de 1936, foi feita uma primeira tentativa, pelos embaixadores refugiados em Hendaye. A tentativa já foi renovada... Quanto ao incidente do *Endymion*, atinge o acordo de Nyon, do qual uma das principaes disposições foi violada, a que impõe aos submarinos o dever de observar as regras da convenção internacional de Londres, de março de 1936: obrigação de usar a bandeira do paiz e de salvar passageiros e equipagem.

NEM HITLER NEM FRANCO

Sobretudo nada de cruzada, recomenda Émile Buré: (L'ORDRE).

Nada de cruzada. Nenhuma especie de cruzada. A França, qualquer que seja o seu governo, está com os paizes decididos a antepôr uma barreira á ameaça de guerra, cada dia mais insolente, por parte da Alemanha e da Italia. A França não poderia estar com a Hespanha que se diz nacionalista, e cujus sustentaculos interessados são Hitler e Mussolini.

O TERROR

Estas palavras são de Jean Pupier: (LA JOURNÉE INDUSTRIELLE)

Os bombardeios de Barcelona, depois dos massacres de Guernica, de Alméria, e outros, confirmam que o terror é o instrumento final da politica autoritaria, quando ela consegue agarrar isoladamente um dos seus adversarios

A VIOLENCIA

Estamos num mundo onde a violencia reina, constata G. Bidault: (L'AUBE)

Assistimos hoje á glorificação de tudo que atenta contra a vida e a dignidade humanas. A guerra, que uma maldição imensa, acreditavamos, tinha atirado para o nada, renasceu, mais insolente do que nunca, no louvôr daqueles que se julgam fortes. Temos que ouvir as loucuras, sofrer as provocações e calar: eis até onde chegamos, vinte anos depois do holocausto que sacrificou dez milhões de homens! Basta lêr o discurso do senhor Mussolini aos legionarios fascistas, a proposito do passo de ganso. Diremos, talvez, que não deve ser tomado ao tragico. Diremos, talvez, que não deve ser tomado a serio. Porém, nada disfarçará a tristeza inquietante destas palavras:

"A Italia fascista tem a alma temperada por quatro guerras!"

A quarta, é a da Hespanha. Todos sabiamos... Mas um desprezo tão tranquilo pela palavra é uma cousa á qual não nos habituamos, á qual não nos resignamos. E' facil prevêr os termos que a posteridade empregará...

PRIMAVÉRA MORTAL

Uma primavéra precoce se anuncia. E a morte abre as azas sobre a Hespanha. Corpos de mulheres e de crianças nas ruas de Barcelona. François Mauriac está angustiado: (LE FIGARO)

Burguezes de Francfort e de Colonia, irmãos de Milão e de Turim, vocês acreditam que a França oferecerá a outra face? Não têm piedade de vocês mesmos? Quem quer que sejamos, francezes, inglezes, alemães, italianos, tudo quanto fizermos pela defesa e a proteção das cidades abertas, faremos por nós mesmos, pelas nossas mulheres, pelos nossos filhos. E', sem duvida, esse o unico argumento ao qual a prodigiosa insensibilidade da Europa nos permite ainda recorrer.

Não ha tempo a perder porque a primavéra se aproxima. Adiantou-se este ano; chega antes de tempo. As arvores dos jardins de Auteuil já estão verdes. Não gosto dessa impaciencia da natureza, dessa intervenção sorrateira, dessa cumplicidade de Cybéle e do deus dos mortos... Desconfio dessa brisa muito suave, desse vento morno, perfumado de terra, de argila; desse ar que tem um odôr de destino.

Pedaço de Caminho

Joel Silveira

(Capitulo do romance em preparo)

Na primeira noite choveu muito. Meu quarto ficava no vão esquerdo do edificio, defronte de um sitio muito antigo, então desalugado. A agua escorria pelas persianas e o vento, passando velóz pelos caixilhos, fazia um ruido exquisito de alguem chorando. Não consegui adormecer. No quarto ao lado uma mulher — fôra operada pela manhã, me dissera irmã Clara — gemia, um gemido continuo intercalado de gritos de dor. Contei as tabuas do forro amarelo, reconteí-as. Acompanhei com os ouvidos o gemer do vento, tentando descobrir nos silvos qualquer conversa misteriosa. Corri com os olhos, inconciente, de alto a baixo, as parêdes quasi cinzentas do aposento. Uma campainha soava espaçadamente, viva no silencio completo, Alguem arrastava mansamente os pés pelo assoalho, no pavimento de cima. Vozes apagadas se distinguiam, fracas, ininteligiveis. A mulher, ao lado, gemia.

As horas iam escorrendo devagar, pela noite a dentro. E no relogio da cabeceira os ponteiros se arrastavam, ritmando o silencio com um tic-tac imperturbavel. A luz era tenue — um abajur meio esverdeado enfraquecia-a.

Alguem bateu na porta, perguntando baixo:

— Posso entrar?

Sentei-me na cama, encostei-me ao travesseiro:

— Entre.

Entrou uma enfermeira, a mesma que, pela manhã, me indicara o quarto e ao meio dia, trouxera o almoço.

— Vi a lampada acesa. Pensei que quizesse alguma coisa.

— Não...

— Se está com fome possos trazer uma laranjada ou um copo de leite...

Era alva, cabelos pretos, olhos grandes, colo erguido e farto. Bem moça ainda, ia pelos seus vinte anos. Tinha um modo infantil de falar rindo e os dentes alvos e certos brilhavam na luz frouxa.

— Não, obrigado. Não quero nada. Estou é sem sono...

— Póde ser estomago vazio. Vou buscar um copo de leite.

Eu ia protestar. Mas ela retirou-se, puxando a porta sem força. Voltou momentos depois com o leite. Fez-me beber todo, ameaçando com o dêdo:

— Todo!

Agradeci — não precisava se incomodar.

— Incomodo nenhum. Meu trabalho é este mesmo. Quando precisar de alguma coisa é só tocar a campaínha. Venho logo...

Apanhou a bandeja, foi saíndo. Virou-se, na porta — o sorriso era muito mais claro que a luz:

— Agora vai dormir. Até amanhã.

Efeito do leite ou do sorriso — o que é certo é que adormeci. Acordei já dia feito. Uma restea de sol alumiava no meio do quarto. Cessara a chuva. Pelo vidro ainda meio embaciado divisavam-se um pedaço de céu muito azul e alguns ramos muito verdes. Havia vozes no corredor. Carrinhos passavam apressados. Uma criança choramingava perto. Ao lado, no espaço formado pela reentrancia do predio, o ruido de uma tezoura cortando advertia que irmã Clara cuidava dos seus minusculos canteiros.

Chama-se Margarida. Como começou aquele delirio — ainda hoje não sei direito explicar a mim proprio. Depois de quinze dias no hospital, as dôres retornaram, fortes e continuas, umas dôres cruas que subuiam pelas costas e oprimiam o peito. Passava as noites em claro, a tocar a campaínha, pedindo uma coisa, pedindo outra, insatisfeito. Margarida desdobrava-se. Era ela quem mudava meus lençois encharcados de suor, quem me endireitava o traves-

seiro e o colchão. Andava para cima e para baixo pelo comprido e frio corredor de mosaicos lisos, em mil afazeres. Insistia, maternal, para que eu bebesse o copo de leite, pela manhã, e a sôpa, ao meio dia:

— Não é muito bôa. O hospital é pobre...

Pelas tardes sempre tinha alguma coisa diferente — roscas finas, mingau, chá — que me fazia provar, a insistir com aquele sorriso dôce e com os olhos nêgros.

Cinco, seis, vinte dias — eramos como amigos velhos. Logo surgiram os primeiros dialogos. Margarida já não saía repentinamente. Ficava no quarto a endireitar qualquer coisa, demorando na limpeza. Trazia novidades, que contava cheia de minucias, sorrindo, sorrindo sempre. Eu, por minha vez, ia estendendo minhas perguntas:

— Ha quanto tempo você está aqui, Margarida? — já perguntara quatro ou cinco vezes.

— Seis anos.

— Nunca se aborreceu disto, desta vida?

— Acostuma-se logo. Nos primeiros mezes se estranha um bocado. Tanto gemido, tanta tristeza... Mas depois vai se acostumando. As irmãs são muito bôas.

Tambem foi por intermedio dela que comecei a conhecer e a distinguir as pessôas e os sons que me cercavam. Irmã Genoveva tinha uma voz leve de soprano e cantava ao entardecer, no velho orgão de cima, as ladaínhas infindas. Irmã Maria, de olhos claros e mãos finas, entrava, pela manhã, no quarto, acompanhada do medico. Era muito nova. Tomava o pulso — sorria:

— E' um homem curado.

Irmã Clara aparava a grama teimosa, no jardinzinho ao lado. Havia ainda as enfermeiras, uma dezena delas, que passavam o dia a descer e a subir o corredor, atendendo, solicitas, aos mil chamados das campaínhas.

Mas o som maior vinha de Margarida. Vinha de Margarida a luz mais clara.

Delicia de viver

PEDRO PAULO

Busco, na inconstancia das cousas, a volúpia sublime de um prazer que não se finde... A delícia de viver.

Tudo que se não transforma, espelha monotonia...

A alma deve ser como o olhar: ansiar sempre por novos horizontes...

O homem não verá, assim, constantemente, que "a ventura não é mais que uma interrupção momentanea da dor..."

Sinto a atração deliciosa do abísmo... e a vertigem louca das alturas. E tudo, enlevado pelo amor, que é o centro de gravitação de toda ansiedade humana.

O homem nasceu mesmo da terra molhada aquecida pelos raios solares. E' filho da terra fecundada pelo sol...

Amo os dias quentes que sonhar nos fazem com a vida primitiva, igual á natureza ... E anseio os dias húmidos e frios em que buscamos o calor acolhedor...

"Je songe au vide pur des cieux"... e volvo á terra incitado por um desejo louco, um deleite raro e ardente de abraçar e beijar apaixonadamente o meu ideal...

E sinto a grandeza de tudo. Céo, terra, mar... Tudo existe e corre e brande dentro do meu sangue e se reflete dentro de minh'-alma!...

E quando me foge o amor, eu faço como o Artista que transforma o bronze em nova estátua, ou dá um colorido novo á tinta, já lançada na téla...

Procuro diluir-me no ambiente e levar, purificado, sempre belo, para o alto de um azul diafano, todo o meu sentimento terreno... Transformo-o em sonho, alcançando a volupia sublime de um prazer que não se finda...

O cravo de Mozart é eterno

"C'est ainsi que Mozart quitta Paris á tout jamais, au moment oú il allait y réussir, parce que son destin était de devenir un compositeur allemand, et pour que la séve allemande put monter dans cet arbre merveilleux dont les fruits appartiennent aujourd'hui au monde entier".

E' Annette Kolbe que fala. Mozart tinha tudo para vencer em Paris apezar dos ciumes de Grimm. Mas, no coração do musico, no seu ser, havia uma fôrça essencial, um germen que queria subsistir, brotar; era a terra, a gente, toda a Alemanha chamando por ele. Mais uma vez vencia na composição da arte o que com tanto desprezo alguns criticos chamam de regionalismo. No entanto, por mais que eles desdenhem não ha grande arte que não seja nutrida assim, que não se alimente da terra, como o fruto maior de todos.

Ha bem pouco tempo eu me dirigia a um poeta paulista que sorria superior ás preocupações do romance nordestino. Terra pobre, terra seca, gente sem grandes cabedais não podia dar grande coisa em romance.

Um homem como Mozart, que era uma especie de anjo entre os genios da musica, deixava Paris na adolescencia para fortificar a sua inspiração no contato da terra natal, dando por este modo uma resposta aos que acham que Arte é uma total separação entre o real e o artista. E nada é mais universal que a musica de Mozart. Ele é dos que ficaram patrimonio de todo o mundo. E, no entanto, investigando-se as nascentes de sua arte, a alma lirica da Alemanha aponta, essa especie de vapor que envolve de poesia e de musica a sensibilidade de um povo que tudo tem feito para contrariar a sua vocação. Dizem que a musica do creador do "REQUIEM" está ameaçado pelos poderes de uma chamada Nova Alemanha. E' a politica querendo amputar a alma de um povo, como se a alma não fosse imponderavel, como se essas forças não estivessem acima de tudo que é transitorio e de tudo que é secundario.

Destruindo Mozart uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos "lieds", dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor, das florestas sombrias, do amor, da alegria, das tristezas de Werther, dos impulsos romanticos, da liberdade, do misticismo. Porque Mozart era essa Alemanha, essa humanidade; ele tinha a côr, o "charme" da sua terra, da sua gente.

Fôra a doce patria, a grande mãi germanica que lhe dera a seiva para a sua musica. Quando ele voltava de Paris para ser mais alemão, ele sabia que, o que procurava era o solo fecundo. De longe, entre admiradores estranhos, mesmo numa França que o amava, o seu genio se sentia abalado, fora de seus fundamentos. Mozart precisava de terra, de ar, de arvores, de céo, de cantos, de amor. A patria tudo lhe daria.

Agora, os politicos querem liquidar com uma riqueza que Mozart extraiu das profundezas da Alemanha para oferecer ao mundo. Veem nele um universal, um genio, que tanto pode ser amado em França, como na Italia. E' que a politica não poude extrair da sua "Flauta encantada" um germen de destruição, não poude transformar a doce e celeste arte de Mozart, num grito de guerra, num patrimonio exclusivo para a chamada raça ariana. Mozart é mais que ariano, que celta, que negro, que amarelo, que slavo; Mozart, uma humanidade que brotou do solo alemão para goso de todos, para o deleite dos que têm alma. Acham que ele não é uma voz que anime o furioso deus THOR. E, por isso, botam-no para fora dos programas de concerto. Embora ele seja como o grande alemão florido na primavera, embora ele tenha o coração apaixonado como os jovens de sua terra, ele não pode servir.

O seu canto não inflama os "Leaders", não convida os homens á luta. E' antes de tudo uma invocação á paz.

Ha pelo mundo ruidos de tri-motores devastadores, tanks em avalanche, de explosivos, mas emquanto houver mundo, o doce e triste cravo de Mozart não calará. E' que ele é eterno, emquanto toda politca é mortal.

JOSÉ LINS DO REGO

A revolução cientifica e filosofia do seculo XX

UMA CONVERSA PRELIMINAR

Abel Salazar

Os fins do século XIX e os princípios do século XX são caracterisados por uma revolução ciêntifica e filosófica que Reichenbach considera como histórica, e comparavel ás de Copérnico e Galileo. Esta revolução atingiu o pensamento ciêntifico clássico nos seus alicerces, pois modificou o quadro de categorias e conceitos fundamentais do pensamento clássico. A revolução da matemática e da lógica, depois a transformação da Física com as grandes teorias da Relatividade, dos Quanta, da mecanica ondulátoria, a emancipação do mundo atômico, etc., obrigaram o pensamento europeu, nos últimos cincoenta anos, a transpôr rapidamente as etapas, num esfôrço extraordinário que continua em nosos dias.

A formação é tão importante que podemos dizer que a ciência entrou numa nova fáse histórica, que sucede á época copérnico-newtoniana. Isto não significa que a ciência clássica fosse abandonada e substituida por outra, mas sim que a ciência clássica se tornou insuficiente, pela estreiteza dos seus quadros, para interpretar e exprimir a soma atualmente conhecida de experiência. O caixilho tornou-se muito pequeno para o nosso quadro, e foi necessário alargar o caixilho. Para isso foi preciso revêr e remodelar o quadro de conceitos fundamentais do pensamento ciêntifico e até daqueles conceitos, que, como os de espaço, tempo e causualidade, se julgavam necesários e inabalaveis. A revolução ciêntifica trouxe como consequencia, portanto, uma revolução filosófica que é fundamental, pois atinge o pensamento em seus processos fundamentais. O movimento extendeu-se pois a todo o campo do pensamento tendo determinado uma movimentação da lógica, da epistemologia e da filósofia talvês sem precedentes. E como a filosófia é o reflexo da totalização da experiência, êste movimento extendeu-se á própria metafísica, que reage no momento atual em face desta revolução de formas variadas.

O esforço realizado pelo pensamento contemporaneo é gigantesco; e parece extraordinário que um tal renovo se dê precisamente no momento em que a Europa atravessa uma crise histórica profunda; mas o fáto é normal e não seria de surpreender que uma tal vitalidade intelectual coincidisse com uma crise de decadência histórica (1).

Seja como fôr, no meio de uma perturbação histórica grave e profunda, o pensamento europeu está realizando um esforço sem precedentes na história, e realizando uma obra que é, como dissémos uma éra nova na evolução do pensamento. Chamam-lhe já alguns autores a Era Einesteniana; mas a relatividade não representa toda a revolução atual, que é mais extensa e profunda, muito embora a Relatividade seja ao mesmo tempo um dos seus expoentes capitais e um dos seus elementos populares.

Esta transformação histórica das ciências e do pensamento não deve ficar desconhecida do público e são numerosos os esforços feitos, no sentido de o informar sôbre o conjunto dêste movimento e de lhe apresentar, de uma fórma acessivel, o panorama geral da nova ciência e da nova filósofia.

Simplesmente a taréfa é dificil, bem mais dificil relativamente á ciência e á filosófia clássicas. A dificuldade provem do próprio caráter essencial desta revolução intelectual a qual, atingindo os próprios conceitos fundamentais do pensamento, obriga o espirito a um esfôrço considerável sôbre si mesmo, no sentido de se adaptar aos novos processos de pensar. Depois a transformação não cristalisou ainda por forma que não é possivel, desde já, em certos pontos, codificar resultados definitivos e apresentar soluções classificadas, extraidas da sua série de hesitações, discussões, perplexidades.

A tudo isso acresce que o pensamento atual utiliza uma aparelhagem matemática e lógica complicadíssima, de um manejo dificil e, por vezes, de aparência abstrusa; o que tudo combinado com a combinação e delicadeza crescente de conhecimentos especializados, torna dificílima a tarefa de guiar o público no meio da engrenagem complexa do pensamento ciêntifico contemporaneo.

Se, porém, a tarefa é difícil, não é, no entanto, impossivel. Assim pensam autores da categoria de Reichenbach, Langevin, Luiz de Broglie e outros, entre os quais o próprio Einstein, cujas obras de vulgarização são bem conhecidas. A questão para ser utilmente resolvida, exige uma coordenação de esforços da parte dos autores e do público, e a compreensão inteligente de um certo número de pontos fundamentais, sem a

---

(1) Vêr Abel Salazar, "A Crise Européa", in "Sol Nascente".

compreensão das quais é dificil orientar os nossos esforços: — por essa razão vamos tratar dêsses pontos em primeiro lugar.

Devemos distinguir em primeiro lugar os resultados adquiridos dos esforços realizados para os adquirir: isto é, a téoria cristalizada, definitiva, da construção da téoria, o conceito construido já, do conceito em construção. As conclusões da ciência e da filósofia, quando evoluídas, elaboradas e cristalizadas são em geral simples e fácilmente acessiveis: — o que é dificil e complexo é o mecanismo da construrção, da elaboração, da cristalização. Um matemático cujo nome me não recordo, dizia que uma vez a téoria cristalizada póde ser explicada ao primeiro passante que passa na rua: "Vontade" que exprime, no fundo, uma verdade. Com efeito, pela própria natureza das coisas, uma téoria que atingiu á sua cristalização, é uma téoria que ultrapassou já á fáse hesitante de sua construção e discussão, com suas perplexidades e obscuridades, e adquiriu a classificação definitiva. Como tal ela acha-se, então, simplificada e inteligível, o que não significa que seja definitiva e indiscutivel.

Depois tôda a doutrina nova, além da sua fáse de nebulosa e de classificação, se desponta, mesmo depois de cristalizada, com um certo tempo de latência que é devido a que o espírito exige sempre um certo tempo para se familiarisar com novas idéias, conceitos e termos, tempo de latência que é tanto maior quanto maior é a transformação operada. Disto resulta que a própria evolução das téorias e doutrinas conduz a uma simplificação progressiva, a uma espécie de esquematização que a torna mais facilmente visivel em seu conjunto. Por eliminação progressiva dos elementos secundários, a estrutura fundamental, o esquêleto da teória vai aparecendo a nú, o que facilita a sua exposição. Um outro fáto convém pôr em evidência; e para o fazer recorremos ao exemplo mais típico que é o das matemáticas.

A enorme complicação dos seus edificios contrasta com a relativa pobreza do seu sistêma de conceitos; e um matemático comparando êste fáto a um teclado que permite, com um número reduzido de teclas tocar as músicas mais variadas e complexas. O que sucede com as matemáticas sucede com toda a ciência e com a filosofia: o número de problemas fundamentais e de conceitos que se lhe referem é relativamente muito reduzido e da Grécia aos tempos habituais o pensamento gira em volta de um certo número de pontos que são sempre os mesmos.

Depois uma ciência pode ser encarada sob pontos de vista muito diversos. Sirvámo-nos ainda da matemática como exemplo. Podemos considerá-la sob o ponto de vista especialisado, e a êste respeito ainda sob o ponto de vista construtivo, didático ou profissional técnico; podemos considerá-la sob o ponto de vista lógico, psicólogico, histórico, filosófico, e ainda outros.

Assim, para concretisar, o leitor pode não ter um treino técnico de calculo muito avançado, e saber no entanto compreender a significação dos simbolos, e mesmo lêr correntemente uma fórmula; póde não ser um perito de calculo infinitesimal, e conhecer no entanto os conceitos fundamentais de derivada, diferencial, integral, bem como o mecanismo essencial dêste calculo, a sua natureza, significação, recursos, etc.; póde mesmo em rigôr, conhecer a téoria da derivação, sem ser um perito de calculo diferencial. Ora, o que sucede com êste exemplo sucede com qualquer outro, e as coisas andam com o ponto de vista com que são fócadas. Póde mesmo suceder, e sucede, que um perito de calculo, habituado apénas ao calculo semi-mecanico, quasi não atente nos conceitos e teórias de que faz uso, utilisando-os por uma forma quasi automatica: — e a matemática pode, sob certos pontos de vista, ser reduzida num extremo, a uma quasi mecanica, enquanto em outro extremo, pode quasi reduzir-se a lógica pura. O mesmo sucede, de resto, com a música, de que podemos conhecer os simbolos sem sermos um virtuosi, ou conhecer-lhe a téoria física, a história, etc., sem mesmo sermos executantes; como podemos ser executantes, ignorando muitos destes pontos de vista por que a música pode ser encarada. Há um virtuosismo do calculo, como ha um virtuosimo musical; mas êste virtuosismo nada tem, por vezes, um caso com o espirito creador da matemática, noutro caso, da música. Poincaré, matemático de genio, conta, êle-próprio, que raras vezes fazia uma conta de somar sem um engano; ao passo que a minha peixeira, fazendo contas de cabeça com uma facilidade desconcertante, nunca pensou o que seja **número!**

Estas considerações são importantes porque se relacionam dirétamente com o problêma tão discutido da chamada "vulgarisação". Elas mostram-nos que esta não deve ser concebida como uma deformação esquemática, simplificadora, tantas vezes incorréta, da ciências e da filosofia, mas sim a exposição das **conclusões** destas, **numa linguagem e com um ponto de vista apropriados.** Este é o ponto fundamental, que faz diferir uma "vulgarisação", no sentido habitual, de uma exposição condensada da ciência ou filosofia, uma linguagem adequada e em circunstancias adequadas. Tal exposição pode ser perfeitamente corréta, e permitir ao leitor entrar no conhecimento dos fátos sem nenhuma deformação perturbadora.

A "vulgarisação" assim entendida não é mais do que a generalisação ao público precisamente daquele mesmo processo pelo qual o homem de ciência e o filósofo — que não podem tudo saber— chegam a formar uma idéia do panorama geral da ciência ou da filosófia, e a constituir um sistêma geral de idéias e conceitos que lhes servem de educação geral e de orientação. O que é próprio do espirito cientifico é saber-se orientar ,segundo determinados métodos e processos no meio do desconhecido, que êsse desconhecido seja a natureza, ou seja uma ciência desconhecida, por exemplo, para X, a linguística para Y, a arqueologia, etc. Conduzir-se no meio da floresta emaranhada da ciência e da filosófia, é comparavel a saber-se conduzir no meio de não importa que floresta! E por essa razão os processos a seguir teem uma importancia capital na educação do espírito.

Quer isto dizer que não entendemos por "vulgarisação" uma esquematização deformada da ciência, um pouco mais ou menos destinada a dar uma idéia imprecisa, mas qualquer coisa de exáto e de preciso, dentro de um campo especial.

Alem disso não nos propômos dar da revolução cientifica e filósofica própriamente um panorama descritivo, mas sim indicar ao leitor os melhores elementos e caminhos para êle poder chegar por si próprio á razão dêsse panorama.

Mas, dirá o leitor, que competencia póde ter o autor destes artigos, que é apenas um biologista de laboratório, no tratamento destas questões? Nenhuma. Porém todo o homem de ciência segue atentamente o movimento geral da ciência, e com êste, o da filosofia; e assim, póde transmitir ao leitor, para que delas, se quizer, se possa utilizar, as suas proprias conclusões, isto é, o panorama a que foi conduzido, o qual é perigosamente incompleto.

Notemos que a ciência, como a filosofia, quando realisada, passam a **objéto** da própria ciência, e são suscetiveis de um estudo positivo, segundo os diversos processos do método científico. E' este um dos mais curiosos mecanismos do processo geral do pensamento, pelo qual êle passa a objéto de si próprio. Nestes artigos a revolução cientifica e filosófica será considerada apenas como **fato**, isto é, como ato realisado, indepedentemente de qualquer consideração crítica, análise lógica, ou qualquer outro ponto de vista especial.

O plano obedece ás seguintes preguntas:

1 — Em que ponto do seu fluxo histórico se encontra o pensamento atual?

2 — Quais as causas da transformação atual da ciência e da filosofia?

3 — Quais os principais elementos desta transformação?

4 — Quais as suas principais consequencias?

Retrato do pintor Leopoldo Mendez

Jorge Amado

Leopoldo Mendez vestia uma calça grossa, uma camisa aberta, sem gravata, um paletó de couro, quando o encontrei pela primeira vez e pela primeira vez conversamos. Foi o poeta Miguel Bastos Cerezedo quem o trouxe á minha casa num sabado, mas logo saímos para o "Café Tupinambá", café de nome brasileirissimo onde, na capital do Mexico, se reunem para conversar os escritores e artistas. Eu andara vendo afrescos de Leopoldo Mendez, dias antes, nos Talleres Graficos, o maravilhoso predio que o governo construira para a sua imprensa oficial e onde funciona tambem a editora Mexico Nuevo. Nas paredes deste predio o pincel de Mendez juntamente com o do yankee Paulo O' Hinggins levantaram figuras e cenas de uma fôrça espantosa. Tinha visto tambem nas ante-vesperas em casa do fabuloso Mario Pavon Flores as xilogravuras de Leopoldo Mendez (e ainda hoje neste meu pequeno apartamento fico espiando as que, depois, Mendez me deu e a saudade da terra sobre todas decorativas e amavel me invade), xilogravuras que não eram apenas de um grande gravador: eram de um mestre. Mario Pavon Flores me mostrára quadros e "grabados" de muitos artistas do Mexico. Mas ia mostrando silencioso, esperando que eu dissese algo, nunca fazendo um rasgado elogio dos seus patricios. Mas quando me apontou as xilogravuras de Leopoldo Mendez foi quasi berrando que me disse:

"Es el mas grande grabador de Mexico e la mejor esperanza de la pintura mexicana".

Depois ouvi isso de muita gente. Que Leopoldo Mendez, jovem como é, tem na pintura de seu país (e lembrem-se que se trata da pintura de Mexico, talvez hoje a mais importante do mundo) um logar já definitivo, porem tem muito mais que isso: tem um futuro que talvez leve seu nome ainda mais longe que o daquele gigante sorridente que é Diego Rivera.

Agora, quando sejam publicadas estas linhas o publico paulista estará admirando no "Salão de Maio" seis notaveis xilogravuras de Leopoldo Mendez conjuntamente com uma de Dies de Leon, outro mexicano, e isso veio trazer um novo interesse á melhor mostra de arte moderna que existe no Brasil.

Pois bem: de paletó de couro Leopoldo Mendez estava indicado para Diretor da Escola de Belas Artes. Tipo do indio mexicano. Creio mesmo que o tipo do homem que as mulheres devem achar bonito: alto e forte, moreno, indio calado e de olhos cheios de movimento. Uma curiosidade enorme pelo Brasil. Isso depois. Porque a principio o pintor ficou calado e só falava quando algo lhe perguntavam. Depois foi ficando intimo. Aliás essa gente mexicana, alem de outros, tem esse ponto de contacto com a gente do Nordeste brasileiro: facilidade de fazer amizade. Agora calculem um mexicano e um brasileiro nordestino. Uma intimi-

dade bôa, o pintor querendo saber tudo acerca da gente, me fornecendo informações e reproduções e originaes de pintura e livros e tudo que se relacionasse com o Mexico. O pintor tinha na sua sala um idolo azteca de não sei quantos mil anos de existencia. Achei um encanto. Resultado: trouxe o idolo. E aqui está ele, o deus azteca, hoje no Brasil, e creio que não sentiu grande diferença na terra porque a sua cara continúa a mesma, entre sorridente e feroz. Alguns dias mais tarde escapei de trazer uma cama maya que o pintor possuia. Não vão pensar que foi por burrice que eu não trouxe a cama. Achei bonita, o pintor quiz logo mandar desmontar para eu trazer. Mas acontecia que eu já estava atravancado com uma mobilia azteca de sala de visita e com uns quantos caixões de louça de Jalisco e de Tethihuacan, alem dos objectos de marmores de Puebla e uma bengala que trazia para o mestre Oswald de Andrade e que chegou em boa paz. Não era possivel trazer ainda uma cama maya por mais linda que ela fosse. Pois o pintor quasi briga, fechou a cara de indio moreno e quiz que

eu trouxesse a cama de qualquer maneira. Tive que resistir muito, uma resistencia igual áquela que a gente tem de empregar no Nordeste quando uma familia nos oferece um almoço e quer que se como uns doze pratos a pulso, e a gente não aguenta comer mais e a dona da casa diz que é porque a comida não está boa.

Assim é o pintor mexicano Leopoldo Mendez. Andavamos pelas ruas da minha muito amada cidade do Mexico e ele ia contando o que era o movimento de pintura no seu paiz. Tipo do sujeito que nasceu para explicar. Metia as mãos no paletó de couro e contava de Orosco, Siqueiros e Pujol. Contava de outros tambem e nunca falava de si mesmo. Aliás isso não se fazia necessario porque, como já disse mais acima, a opinião unanime de Mexico sobre Leopoldo Mendez é de que ninguem tem mais amplo caminho a andar que ele na pintura.

Renovou a tecnica da xilogravura. Nessa materia de gravura em madeira não ha em America quem se aproxime dele. Os seus afrescos são poderosos como poucos eu vi em Mexico. Tenho conhecido varias figuras de forte personalidade no Brasil e fora dele. Nenhuma no entanto que me deixasse tanta certeza de que realisaria a obra que pensa realisar. Se Leopoldo Mendez desaparecesse hoje, desapareceria um grande pintor. Mas se ele viver, como espero, ainda muitos anos, ao desaparecer desaparecerá um mestre, uma figura incomum na pintura mundial.

Agora recordo-me dele na vespera da minha partida do Mexico para os Estados Unidos. Nessa noite eramos um grupo grande. Eu quiz rever as coisas e logares que mais amava na cidade e muito andamos. Depois fomos comer "tamales" num café. E ainda me deu para juntar ás que eu já tinha, como lembrança, uma das mais belas das suas xilogravuras: "Jinetes", que mostra uma carga de Pancho Vila, traços sobre a madeira representando homens a cavalo em disparada. A gente fica olhando e começa a ver uma multidão de cavalos e dos ultimos traços, aqueles que estão em segundo plano, começam a surgir cavaleiros em disparada, passando sobre homens caidos no chão. Na frente, em seu cavalo branco, vae Pancho Vila.

A America do Norte e o pacto Briand-Kellog

Mr. Cordell S. Hull dirigiu á Alemanha e a Tchecoslovaquia um apelo urgente para que observem as obrigações impostas pelo pacto Briand-Kellog e resolvam os desentendimentos por meios pacíficos. E' a segunda vez que Mr. Hull invoca essa convenção. A primeira, foi nas vésperas da marcha da Itália sobre a Etiopía.

Com isso, os Estados Unidos vêm reafirmar mais uma vez a validez do pacto Briand-Kellog.

Em 1922, Mr. Henry L. Stimson fez referências a ele por ocasião da disputa entre a Russia e a China; e em 1931 - 1932 por causa do Japão e da China. Quando o Japão começou a luta contra a China, em julho passado, Mr. Hull incluiu o pacto Brian-Kellog entre os tratados que pedia ao Japão respeitar, mas a única referência diréta a desse convenio. até agora, tinha sido no caso da invasão da Etiopía pela Itália.

Festinhas

SANGIRARDI JUNIOR

Tiraram a mesinha do centro da sala e o tapete com a figura dum principe salvando a princeza do castelo guardado pelo dragão.

Afastaram o sofá e as cadeiras. Esparramaram no chão estearina de vela raspada.

Os mocinhos e as mocinhas começam a dansar — e conversam sôbre o calor e sôbre a animação da "brincadeira". Há um acôrdo geral: — o calor está insuportável... deviam abrir as janelas... e o baile está um amôr de animado.

O Tonico disse pra Madalena que acha que ela tem uns lindos olhos. Ela respondeu que: — "não vê! ô que chaleira que você é!..."

As dansas continúam. Os diálogos tambem. Uns são partidarios da Greta Garbo, outros de Marlene, outros da Joan Crawford. Algumas mocinhas gostam mais do Clark Gable, outras do Robert Taylor. Uns acham que tal cinema é ótimo. Outros acham que um cinema qualquer não é muito deleitável por causa das pulgas.

Da parede, (a mulher loura da folhinha da farmácia apanhiando laranjas — os ancestrais da família — um velho num quadro a oleo — a República do diploma de ginásio do Tonico), da parede êles estão espiando as danças.

De vez em quando passa uma menina com uma bandeja de balas — um prato de bolo — ou licores de tangerina e abacaxi.

Na cosinha a bomba de chopp está bufando — chiiii ,sssts, fffff. chóóóóóóóó...

Há grupinhos dos que não estão dansando. Os homens conversam sôbre política e negócios. As mulheres sôbre modas e vida alheia. (Há biografias intermináveis...) Os mocinhos e as mocinhas falam de namoros.

Depois um sujeito que é o engraçado da festa anuncia alguns "números". E' o desfile dos gênios. Pedem pra Zulmira tocar piano. Ela diz que não sabe, que está destreinada — faz tempo que não tóca nada. O côro responde que ela tóca bem. Ela diz que não sabe. A mãe diz que sabe sim — porque ela não tóca **aquela?** O côro diz ela está se fazendo de rogada. Ela diz que que não está — e, finalmente, cede sorrindo e tóca **aquela**.

Há um acôrdo unanime sôbre as qualidades pianísticas da Zulmira.

Passam mais algumas bandejas de balas — pratos de sanduiches e a bomba parou de bufar na cosinha.

Em seguida cem uma menina que será a glória da família Carlindonga. A mãe acha que ela é muito parecida com a Shirley Temple. O monstrinho sapateia...

Depois "seu" Orozimbo — que sabe cada **última** de estourar de dar risada — conta uma anedota.

Em seguida vem uma menina que será recita A FLÔR E A FONTE — "versos de Vicente de Carvalho".

A Tininha, que declama com tanto sentimento, diz versos de Guilherme de Almeida, secundada por "seu" Julião, um bicho pra interpretar a parte do espanhol da "Ceia dos Cardeais" de Júlio Dantas.

E vem de-novo o "chorinho" e a charanga enche a sala, escapa pela janela aberta (Dona Cotinha, que não pode tomar vento nas costas já foi-se embora), escapa pela janela, grita no silencio da rua...

Todos os pares já estão de acôrdo, que ficou bem mais agradável depois que abriram a janela.

Lá fóra, no sereno, a noite é grande e as estrêlas são de graça...

SIMILITUD

MIGUEL BUSTOS - CERECEDO

Llovizna...
Se deshila la tarde por la lluvia
como el dolor se fuga por los ojos;
más allá del paisaje, como uma brizna-rubia,
el sol — abeja sonora —
se ha detenido en los umbrales rojos.

Tu cuerpo florecido de arcanos
está en la campánula de la hora...
y la tremenda ausencia de mis manos
tan cercana,
tan lejana...

Tus cabellos, hilos de miel,
se filtran, como hilos de lluvia,
en mi recuerdo húmedo de melancolía...
Dentro de mí... todo un río de hiel
que salta a la ribera rubia
de la tarde, como suspiro de agonía.

Hebras inasibles de leche y miel
tu cuerpo, deslizándose en mis manos.
En los estanques, el agua se arruga
bajo la sombra de las alas en fuga...

Tu cuerpo
—! siempre tu cuerpo! —
está florescido de arcanos
y la tremenda ausencia de mis manos
tan cercana,
tan lejana...

Mexico, 1938

CANCION

-- NICOLAS GUILLEN —

Muerto de fatiga y sueno
vuelve um soldado del monte.
Labio duro, duro ceno.

!Que lejos el horizonte
donde el hiedro lo descina
y el caballo lo desmonte!

Mas lejos está la nina,
la de cintura entreabierta,
que ya nunca habrá quien cina.

Soldado, soldado alerta,
— fuego e sangre, polvo e rina —
está muy lejos tu nina,
porque tu nina está muerta.

(La Habana — Cuba)

Poesia e Realidade

Não é de modo algum, a expressão de Goethe, e é mesmo alguma cousa bem diferente. A realidade faz parte de nós mesmos e, num sentido, cada um de nós é para si, a pedra de toque da realidade. Enquanto que a verdade se comunica, vive-se a realidade, mas ela permanece sempre situada um pouco além do comunicável. Sua linguagem própria é a da poesia ou a da metafísica, linguagens visinhas e e igualmente difíceis, embora na aparência muito diversas. Por pouco que se sinta esse caráter único e incomunicável, no limite da realidade, compreender-se-á que toda grande poesia, como toda grande metafísica, não é sinão um esfôrço tendente ao que não póde ser dito.

E' preciso, portanto, não acoimar os poetas de sonhadores e impotentes, porque êles são, sem dúvida, os únicos que, tendo experimentado a intuição breve e fulgurante de uma vida mais autêntica se esforçam, não por exprimí-la, certamente, mas por sugerí-la. Razão pela qual toda poesia é, ao mesmo tempo, mística e magia. Mística porque se orienta para a posse amorosa do objéto, êsse objéto único que todos nós sabemos estar perdido, sentindo-o todavia, em nós, e que bastaria tão pouca cousa para recuperar, talvez apenas um instante de perfeito abandono. E magia, tambem, magia feiticeira, porque as palavras têm um poder maior que o seu poder usual.

Nada tão difícil, e nada, entretanto, tão comum quanto a poesia, que se assemelha ao bom senso, tão bem distribuido, de Descartes. Nós observamos, maravilhados, que não há um homem, ou uma mulher, que não seja um ser poético. "Eu quasi nada desprezo". Essa afirmativa, que é de um metafísico, poderia ser de um poeta, sob condição, todavia, de suprimirmos o "quasi". Se há pessôas para quem êste mundo é vulgar e sem profundeza, por certo elas não são poetas. O milagre do que existe está sempre acima de qualquer expressão. Os poetas são realizadores de alegrias.

Sei, perfeitamente, que há poetas tristes e desesperados, e se me acontecesse esquecer, entre êles, os revoltados, Jean Cassou não deixaria de me fazer lembrá-los. Mas mesmo isso não contradiz a minha asserção, porque essa tristeza não é uma atonia. Eles não estariam tão desesperados si não tivessem alguma vez entrevisto outra cousa, e a sua revolta, enfim, não é mais que o lamento de um amor ferido. Isso que êles assediam, cantando, como outróra os Israelitas faziam reboar suas trombetas em torno ás muralhas de Jericó, essa fortaleza inexpugnável, e entretanto já conquistada, por pouco que o sol tenha doirado as suas torres no horizonte da nossa alma, não é a misteriosa realidade, nas fronteiras da qual nós vagamos entre as aparências?

E' ela, contudo, que é preciso ofertar aos homens, porque foi feita para êles. Foi em sua direção que a humanidade, há tantos séculos, se pôs em marcha. As gerações se sucedem ás gerações na terra dos mortos. Fazem tres voltas fugazes e depois se afastam. Mas os poetas sabem que essa caravana tem um sentido. e quando choram é porque o decorrer do tempo os acabrunha. Assim como os povos antigos se levantavam á voz dos édos e dos bardos, os novos povos serão convidados um dia para a comunhão.

Comunhão no que há de mais humilde, de mais profundo e de mais vital. Os poetas têm um pão a partir e a distribuir aos povos. Não lhes falando nessa linguagem acomodada aos costumes servís, polida qual uma moeda, mas sim, como dizia Mallarmé.

PARA DAR UM SENTIDO MAIS PURO A'S PALAVRAS DA TRIBU

Não os censureis, então, por serem esotéricos e obscuros. O que êles procuram dentro da noite, com mãos tateantes, é o que procurais vós mesmos, nêsses minutos pesados e raros em que não estais obcedado por outra preocupação que a de encontrar um sentido para as cousas e para a vossa própria existência, como se diz de um estofo que êle pòssue um sentido. Sentis perfeitamente, então, que tudo aquilo que parece acabrunhador e difícil não é real; que o mais importante é ultrapassar êsse limite, abrir essa porta que resiste em vão, e um dia chegará em que sereis mais fortes que ela. Bastaria uma palavra. A palavra de senha. Sem dúvida é uma palavra muito simples, muito familiar, dessas palavras balbuciadas pelas crianças que não sabem falar direito. Nós perdemos a chave. Nós perdemos o significado. E entretanto êle cá está, na ponta de nossa lingua, como êsse nome do qual em breve nos lembraremos, se deixarmos apenas de procurá-lo. Essa herança, afinal, é a nossa, e nós a tinhamos esquecido. Os poetas são aqueles que se lembram, para nós, da herança magnifíca. Não repareis nos arranhões dos seus membros, nem na face abrazada que êles vos mostram. Atentai sómente na sua prodigiosa memória que reune, no eterno, ás infancias do homem a glorificação do fim.

Jacques Madaule

(Traduzido de "Vendredi")

Ler velhas cartas e depois não chorar

COPIA DE OSORIO BORBA

Na gaveta de sapateiro acumulam-se, embolam as velhas cartas. As velhas cartas que não fazem chorar como as do velho Olegario. Postais de Candinho, de Brodowski, piadas contundentes de Motta Lima, elefantes pudicos de Singapura, de Bopp; Queiroz teimando até nas cartas em torno de questões de belesa; ironia retrospectiva de Sette, vinda lá dos fundos do Espirito Santo; garranchos transatlanticos (dos mares do sul) de Jobim; bilhetes-dynamites de Caffonso, letra miuda de capitão Josias, letra bonita de Jardim, humorismo em hespanhol (em guaraní devia ser ainda mais engraçado) do paraguaio Guevara. Amigos, casos, datas, distancias. Stop, para evitar poesia de velho e filosofía de folhinha.

"SIGO "RUY" CLANDESTINO"

De Zebin, o andarilho:

"Paris. Abr. 31. Sigo amanhã para o Havre, onde pegarei o "Ruy Barbosa". Tenho passagem até Lisbôa. Dali prosseguirei como clandestino. Quando o buque passar aí V. vá a bordo. Grave bem: V. perguntará pelo meu nome. Si alguem me conhecer, indagará então da existencia de algum clandestino a bordo".

PRETENSÃO !

De Queiroz Lima:

"Lapa. Out. 933. Osorio velho, estou muito triste. Com sua saída da cidade, fiquei mesmo sendo o mais feio. Volte quanto antes porque eu não gosto das evidencias do campeonato !"

O EXCELENTE MANUEL

De Sette, o medico:

"Afonso Claudio, Março, 931:

Si não fôr para uma das divisões da Assistencia, eu me satisfarei como socio de qualquer empresa funeraria. Garanto que a empresa progredirá assustadoramente".

Do mesmo :

"Já estava pensando que V. talvez estivesse sofrendo daquele mal extranho a que chamam vertigem das alturas, mal dos aviadores... Sua carta arredou logo do meu espirito o mau juizo e nela revi o velho amigo dos tempos ominosos (não sei si é assim que se escreve) dos Lufárias e jornais menores; o velho amigo cuja coragem me surpreendia quando, madrugada alta e barriga ôca, investia solêne pela ponte do Pina.

Sua carta fez-me ainda regressar ao tempo das minhas líricas paixões. Passeiei, quando a li, nos braços generosos de Teresa, a marafona dos labios de mel, que hoje já não me ama, sendo até capaz de arrojar-me á chuva e á tempestade, á procura de outro amor, sozinho..."

DIALECTO DE RAUL BOPP

Postal do cumpade Norato:

"Kobe, 934. Aí vai essa Cabaçadinha. Zebin tá fomeando em Paris. Salario de média sem pão. Abracissimos — Bopp".

BATENTE

De Paulo Mota a Vogal:

"A familia do 113 vai passando bem. Tudo por aqui corre na forma do costume. O menino que costuma provocal-o com indirétas injuriosas continúa a transitar por baixo de sua janela, julgando que V. não será mesmo capaz de jogar o copo dagua prometido. Sem alteração, portanto, o mercado do amendoim.

Tenho procurado conservar religiosamente os seus "causeurs". Eles continuam, sob a direção do veterano Angione, a ler os jornais que compro, na hora do serviço. Continuam tambem as aulas gratis de hespanhol: os telefonemas do Herrera e do Alberto. Apareceu-me um compadre seu, pai de uma sua afilhada. Sempre que encontra nos vespertinos alguma coisa que interesse, ele me telefona, ligeiramente atrasado.

E' solicito e atencioso como as alavancas Hollerith.

Já o Nereu é mais conciencioso que os outros. Aparece sempre nas horas de menos aperto e conversa sobre coisas interessantes, como, por exemplo, a vida boêmia da colónia brasileira de Paris.

Como vai o Estatistico? Lembranças dos fuzileiros e beijinhos de Manon, para ele. Diga a esse conquistador inveterado que apareceram novas mariposas no passeio noturno da Galeria. Bem. Vou encerrar a epistola, pois Nereu e Angione, nela citados, estão aqui por perto".

PRESENTE DE CASAMENTO

De Vogal a Paulo:

"Diga ao Marta que já comprei a encomenda dela. E' um lindo chifreiro de prata, á moda da terra. Vou manda-lo pelo primeiro portador técnico, de confiança, talvez o... Fulano. Ou ele prefere que o mande logo daqui para a futura residencia do casal?"

O CAMINHO MAIS CURTO DO JAPÃO AO BRASIL

De Jobim, sobre o outro andarilho: "Yokohama, Abril. Bopp partirá pro Brasil dentro dum mês. O itinerário será este: entrar pelo Thibet, surgir no Afganistão, subir para Jerusalém, caír no Cairo, inflectir para Alexandria, descer a Africa por dentro até o Cabo e tomar um buque niponico pro Brasil em Capetown. Chegará logo aí, dentro de cinco mezes."

CARICATURAS EM PALAVRAS

Andrés Guevara, o terrivel. Muito peior escrevendo a caminho da Argentina, longe de suas vítimas, do que desenhando no "Diario Carioca":

"Santos. Abordo del "Pan-America". Ag. 26-929. Caro Vôrva, Hubiera querido al despedir-me, con un abrazo vigoroso, crujir la colección de estilisados huesos que exibes en plena primavera de la vida.

No te enfades con la irreverencia mia, pues yo miro las cosas y casos através de un espejo concavo, y si tu me resultas imperfecto debes consolarte porque Curinga es una perfección. Curinga hasta causa la impressión que tiene el estomago en la espalda, porque parece que se comió el Corcovado y no pudo digerirlo hasta ahora. Dale un fuerte abrazo a este buen companero en mi nombre.

Otra figura que debe consolarte es la archivista que encarna esta figura fantasmagorica: Una boca persiguiendo una mujer, con un diente veterano vegetando en el oasis... Su boca mas parece una incubadora de muecas que florero de sonrisas...

Otra figura: Sady Garibaldi, el de la *regia dentadura*, para quien el sentido comum es el menos comum le los sentidos, humorista de fuerza hidraulica en el higado y callos en el espiritu... Una figura guapa, anexada a un sombrero anfibio que baraja todas las porquerias del cielo.

Y Satiro? Este si que es una enciclopedia de fierezas compaginadas en un rostro.

Y Abbadie Faria Rosa? No parece acaso o *gaiato de Lisbôa de calça comprida*, que se fugó da *taboleta* del restaurant? Termino, pues temo cansarte con mis elegias. Y porque tengo que descansar pues recien llegamos de São Paulo, donde fuimos aprovechando la estadia del barco aqui en Santos".

A Natureza, o Homem e a Cultura no Brasil

O escritor argentino Atílio Garcia Mellid, está trabalhando na preparação de um livro que se intitulará "Raiz e destino da nacionalidade brasileira" (A natureza, o homem e a cultura no Brasil). Muitos capítulos dessa obra estão sendo publicados no decana da imprensa argentina, "La Capital", de Rosário.

Atendendo a que o sr. García Mellid se propõe a oferecer á América Espanhola uma notícia atual e viva dá literatura brasileira, consideramos oportuno chamar a atenção de escritores e editores, para que lhe prestem a colaboração que merece pelo seu belo e nobre esfôrço, enviando seus livros e suas edições para: CALLE RINCO'N, 137 — Buenos-Aires.

Orações milagrosas

Edison Carneiro

Foi Aurelino Leal quem primeiro se interessou pela religião das classes pobres na Baía.

No seu estudo, si estudo se póde chamar a um pequeno folheto mal escrito de menos de cincoenta páginas, traz a data de 1891. Tão longe... Passando ao conteúdo desse folheto, parece incrivel que se possa errar tanto em tão poucas páginas. Vale, apenas, a observação, o material posto á disposição do etnografos.

Estudando os "patuás" de alguns sentenciados da Baía, Aurelino Leal cae no erro da generalização apressada. E assim, sómente porque a maioria, esmagadora menos um, dos observados, era produto do caldeamento das raças, já o bacharel vae atribuindo á mestiçagem o hábito das mandigas...

"Os individuos que têm seus "patuás" são conhecidos "mandingeiros" ou "cacundeiros", — diz Aurelino Leal. A denominação póde nos fazer supôr uma possivel influência malê. Sabe-se que os negros mandingas, provenientes do celebre reino de Mali, na Africa Ocidental, eram conhecidos pelos seus poderes sobrenaturais contra as forças da natureza. Mussulmanos, os mandingas — como, aliás, todos os negros aderidos ao culto de Allah (tapas, haussás, nagôs), aquí conhecidos sob a denominação generica de "malês", — traziam no peito, em pequenos sacos de pano dependurados do pescoço, os seus amulêtos, feitos de trechos das suratas do Alcorão copiados em papel ou pano. Tudo isso, porém, não prova nada. Os negros bantus tambem não têm o hábito dos "iteques" magicos? E os proprios católicos, não têm eles o hábito dos "bentinhos" e dos escapularios? Não conheço as origens do termo "cacundeiro", mas sei, pelo menos, que "mandingueiro" evidencia o negro, não o mestiço.

Não compreendo como ocorreu a Aurelino Leal a falsidade patente das suas conclusões. E ainda mais deante dos fátos que ele narra, como simples observador:

Antes de tudo, o signo de Salomão — velho traste mágico, posto em circulação, desde o ocultismo de Hermes Trimegisto, no Egito dos faraós, — aparece, tal qual uma fatalidade, nas rézas e nos passes rituais da pretendida mandinga. Ainda por cima, houve quem informasse a Aurelino Leal de que, si qualquer individuo se colocasse dentro do espaço por ele ocupado no sólo, ficaria salvo de todas as desgraças que o ameaçassem... E isto é tão velho quanto a astrologia, a alquimia e outras fantasmagorias iguais.

Ha mais. O material de que se serviam os tais mandingueiros, si podia parecer obra do sincretismo religioso, por outro lado devia sugerir algo de concreto, devido á sua assustadora uniformidade. Páginas de missal, "registros" de Santo António, a agua benta da missão católica, dando poder mágico á pistola e ao punhal de um tabaréu... Nenhum elemento estranho, "fetiquista". Apenas degradação da religião católica... Vez por outra, porém, certas esquisitices dignas de nota. O bandido Clemente da Virginia, que fez um incisão no peito e lá enterrou um "registro" de Santo António ... O amulêto conhecido por "mão de anjinhos", mão de criança trazida, sêca, ao pescoço...

Até mesmo nos momentos em que se póde inutilizar a mandinga alheia, não ha nenhuma originalidade. Somente, adaptação da velha mágia varias vezes secular ao meio do Brasil. Atravessando um rio, o "patuá", perde os seus efeitos. Atravessando "páu-de-porteira", idem. Ou, então, quando o mandingueiro tem o corpo "fechado" contra bala, carregar a arma com cêra da terra, fumo ou — veja-se até onde vai a crendice popular! — ponta de chifre esquerdo de boi...

Quanto ao rio e ao "páu-de-porteira", nada mais facil. Aqui está o velho "ponto neutro", especie de calcanhar de Aquiles dos magos de todos os tempos. Já na carregação da arma, convenhamos, ha mesmo alguma originalidade, mas de pouca importancia. Detalhe, apenas.

Para os mandingueiros de Aurelino Leal — e a observação vai aquí a titulo de curiosidade, — o Senhor-Menino se chamava "o filho de Santo António"...

Melhor, muito melhor do que tudo o que saiu do cerebro e da pena de Aurelino Leal, são as orações por ele transcritas, segundo afirma, fielmente.

Ao contrario, porem, do que supunha Aurelino Leal, as citadas orações nada têm a ver com a mestiçagem, nem mesmo com os negros mandingas. São apenas, como venho sustentando, elementos superstites das velhas religiões de fundo predominantemente mágico, anteriores ao catolicismo. E mais nada.

Aqui vai um exemplo, colhido por mim, — uma oração contra o máu olhado, — no genero de várias das que vêm no estudo de Aurelino Leal:

"Eu, F., com dois te botaram, com três eu te tiro, com o poder de Deus e da Virgem Maria. Si te botaram na cabeça, São João Batista que te tire. Si te botaram nos olhos, Santa Luzia que te tire. Si te botaram na cabeça, Santa Apolônia que te tire. Si te botaram no corpo, ou de gorda ou de magra, ou de bonita ou de feia, ou por bem ou por mal, ou por querer bem ou por querer mal, ou porque veste bem ou porque veste mal, ou por que passa bem ou por que passa mal, ou porque calça bem ou porque calça mal, ou porque tem dinheiro ou não tem dinheiro, ou porque tem poder ou não tem poder, ou porque tem emprêgo ou não tem emprego, ou porque tem amigos, ou não tem amigos, ou porque tem posição ou não tem posição, ou porque é feliz ou não é feliz, ou porque sabe ou porque não sabe. Santo Amaro que te tire, assim como estas palavras são verdadeiras pelo poder de Deus e da Virgem Maria, assim são as três pessoas da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, — Jesus, Maria e José, tem Deus por tí, nada mais te acontecerá, com o poder de Jesus, médico divino que te cure. Assim seja. Amen Jesus. Padre Nosso. Ave Maria. Salve Rainha, Glória a Deus Padre Todo Poderoso".

Onde está aqui a mestiçagem? Não sei. Provavelmente, não haverá quem saiba. Há por aí um livrinho chamado "Cruz de Caravaca" onde orações como esta são mais do que banais... E note-se que êste livro é velhissimo, anterior ao descobrimento do Brasil, possivelmente contemporaneo dos alquimistas, livro escrito e seguido, durante inumeras gerações, por arianos puro-sangue...

Para Aurelino Leal, a "zona" da mandinga estava compreendida, entre São João do Paraguassu', Bom Jesus do Rio de Contas, Andaraí, Lençóis, Cochó do Malheiros, Macaúbas, etc., vale dizer, a zona central do Estado. O homem que foi tão longe na generalização teve, afinal, mêdo de generalizar e tratou de pôr muralhas da China em torno dos mandingueiros... Aquí, entretanto, é que a generalização se impunha. Naturalmente, Aurelino Leal devia ser (e o folheto é a prova cabal disso) de uma notável ignorancia em matéria de mágia por assim dizer civilizada, desconhecendo os trabalhos de Elifas Lévi, de Papus e de outros bambas na matéria, desde o já citado Hermes Trimegisto até o nosso interessantissimo dr. Lawrence, domiciliado no Rio de Janeiro. Porque essa mágia "civilizada", como degradação do catolicismo, tem por palco, não somente a zona central do Estado, mas todo o Estado da Baía, todo o Brasil, todo o mundo cristão, — o engraçado mundo cristão, que erige o Acaso em deus supremo, que treme deante do azar possível e que vai procurar o futuro até nos desenhos irregulares da borra do café!

A crítica post-mortem, bem sei, póde ser detestável, mas, embora a pilheria seja desagradavel, não tenho culpa de Aurelino Leal ter morrido tão cêdo...

Afinal de contas, "tão cêdo" mesmo?

PAULO WERNECK
ilustrou

Poema Da Hora Que Passa

I

NILO DA SILVEIRA WERNECK

Nobre Espanha vilipendiada!
Através de teu sólo fecundo,
já não tecem madrigais,
desprevenidos,
os passarinhos nas ramagens verdejantes...
As florestas, agora, são de aço.
Do aço duro e frio
de baionetas gotejando sangue,
em reverbéros, mavorticas,
ao sol!
Nobre Espanha vilipendiada!
Pelos teu ares,
outróra imaculados,
lá veem — sinistra revoada! —
bandos e bandos de grandes aves metalicas
roncando... roncando... roncando...
Ostentam, nas azas gigantes,
insignias vistósas
dos defensores do primado espiritual...

Aproximam-se.
Roncando... roncando... roncando...
Passaram.
E a cabecinha,
perdidamente loira,
do menino descuidado,
que brincava com barquinhos
de papel,
foi caír,
ensanguentada,
além.
Seus olhos, muito azues,
descerrados,
ficaram perguntando,
eternamente,
ao Infinito,
que é feito de Deus...

EXALTAÇÃO

Por teus olhos severos, penetrantes,
por tua boca que a minha boca chama,
por tuas mãos nervosas, palpitantes,
por teus cabelos de doirada flama,
pela doçura da tua voz morena,
pelo ciganismo da tua alma livre,
qual passaro cantor aventureiro,
pela alegria festiva do teu riso,
que é desafio audaz á miseria da vida,
pela atração que a tu'alma canora
exerceu na minh)alma entristecida,
por tu enfim que és a minha exaltação,
eu te consagro mentor dos meus sentidos,
eu te elejo senhor do meu destino,
eu te proclamo meu Deus, minha patria, meu lar.
E sem lançar ao Futuro um curioso olhar,
fugindo á lembrança triste do Passado
e sentindo no Presente o apelo da vida,
por estradas de luz, e caminhos em flor
gloriosamente vou cantando
o hymno deste amor!...

Ivany Ribeiro

Poema de Maio

Luar de Maio, onde estão as donzelas proletarias?
Em que mucambos se encontram Gabriela e Lucia,
em que pateo de fabrica amanhecerão por estes dias?
Onde estão as judias Geny e Tatiana
de louros cabelos quentes como linguas de fogo?
Onde estão as deserdadas sonhando a esta hora?
Porque esta noite é assim clara como olhos infantis
e não veem as moças, de chita, namorar no Largo?
Onde estão as flores amanhecendo no orvalho,
que as meninas proletarias não as encontram?
Gabriela e Lucia sonhavam com jardins de todos,
Tatiana e Geny com louros pães de trigo.

Luar de Maio, não desiludas as donzelas proletarias!
Oh! os silencios cordiais das noites longas do Mecado!
Gabriela, Lucia, Tatiana, Geny, todas juntas,
e nós, meninos aventureiros, olhando com uma dor quasi mecanica
os grandes navios parados no porto!

Aydano do Couto Ferraz

Jesus Errante

"Eu morrerei sem que ninguem
Todos os que me ouvem
Todos os que me vêm
Todos os que me tocam
Percebam que eu desejei ser util
Quem sabe se eu não estou onde deveria estar?"
O peregrino partiu
Desperdiçando o tempo consigo mesmo
E parou novamente
No meio dos homens
Mas novamente teve que partir
Porque todos os que o ouviram
Todos os que o viram
Todos os que o tocaram
Não perceberam que ele desejava ser util
"Quem sabe se eu não estou onde deveria estar"?

Julieta Barbara

Suicidio de Lindaurea

Oswald de Andrade

Entre ajuntamentos e comentários, um automovel invadiu as ruas poeirentas do bairro final da cidade. Aproximou-se aos trancos. Chegou.

Uma eslovaca em chinelas, que parecia borrada de amarelo do vestido ao cabelo por um pintor impressionista, estacou Incoronata que vinha manquejando:

— Até você! Que curiosidade!

— Quem não tem curiosidade não vê!

As duas envolveram-se num grupo interessado. Um rapaz comunicou chegando do cortiço fronteiriço, onde o automovel paráira num atropelo de gente.

— Tá lá estendida!

— Coitada! Tão seriasinha!

— A polícia já chegou...

D. Fortunata gritou da janela:

— Quem sabe que disgosto tinha pra se amassá!

— Não dexô nada iscrito?

— Não sabia iscrevê!

A atração da morte fazia correr pela rua, atraz do "rabecão" da polícia, crianças, e mulheres num ar de desgraça.

— Que foi?

— Um suicidio...

— A Lindaurea, coitada!

A eslovaca sentenciou:

— Vivê ruim é mais mió que morrê...

A preta Policiana apareceu, redonda e lustrosa como um sabonete de benjoim molhado, numa chita de cores. Parecia a alta sociedade. Disse numa reprovação:

— Perdeu a graça de Deus! Hum! Não tem perdão!

Houve uma reação muda mas geral. Ela então emendou:

— Tão boasinha, coitada!

Um grupo italo-paulista comentáva:

— O que fizero pra ela?

— Levaro na justicia!

— Metero tanto medo...

Policiana passou a se preocupar com as autoridades:

— Qual é o delegado? Aquêle moço novo?

Depois tomou uma posição severa:

— Coitado dos patrões. Incomodar os patrões!

No interior do quartinho exiguo dos Moncorvino, fotografavam o cadaver com refletores e lampadas.

Dois grilos tinham trasido um caixão de zinco gasto e amassado de trambolhões.

Uma mocetona dizia para uma criança arregalada que trazia ao colo:

— Bichinho vae comê ela debaxo da terra, coitada!

Para a sêde dos jornaes, um refletor doirou o rosto calmo de Lindaurea no vestido branco.

Um grilo preto piou:

— Non tem perigo. Se não quizé í por bem, ela vae por mar!

O corpo ia sair.

— Loucura! exclamavam num grupo.

— Destino!

— Que coragem de menina!

O Chiba que interviera desde o começo parecia mais retinto no quimono japonês com que costumava deslumbrar o cortiço. Com três operários em mangas de camisa, fez vacilar o caixão fechado.

Houve um silêncio grave.

A Policiana gritou para um pequeno que enfiava o pé numa poça de agua, fazendo espirrar lama.

— Ocê leva um bofetão do guarda, oi!

O novelo de gente saiu na direção dos carros parados. Então estaurou o chôro represado da família e dos visinhos.

Dona Fortunata, da janela, exorcimara, fazendo o sinal da cruz, e berrando:

— Diavolo! Diavolo! Diavolo!

E a mãe surgiu pelo páteo como no seio teatral de uma tragédia grega. Gritou ante a nudez da turba:

— Que destino feio, fia minha!

A Policiana achou que era hora de abraçar. Colocavam o caixão no carro.

— E' destino! destino, gente!

O velho Jacopo Frelin voltou curvo pela rua empoeirada de junho. Ele interrompera a leitura que estava fazendo, no atelier de Incoronata, de uma página de história sôbre a aplicação de torturas entre os Lombardos.

— Que foi? perguntou dona Angelina. A Lindauria?

— Quem sabe? fez o velho.

(Do romance "MARCO ZERO", em preparo).

Profissão de fé dum Poeta pagão

Mês de Máio — Floreal — quando a Natureza celebra o regresso da Proserpina dos sombrios reinos de Platão, ao seio de Deméter sua mãe amantíssima;

Quando apoz o despertar das primeiras selvas, rebenta em plena floração todo o reino vegetal; quando o sol da Primavera resplandece fulgurante na promessa duma copiosa messe — o Poéta alando-se muito acima do tumultuar das vilezas humanas, libertando-se da sua condição animal, ascende pelos espíritos a sua posição laboriosamente conquistada de Ser Pensante, procura interpretar e compreender o sublime mistério do Universo.

Para isso ele busca uma solução para o angustioso problema da Vida — da sua vida pessoal e das muitas vidas que o cercam. Se é um mistico metafísico, volve os olhares para a sua Divindade, aceita um dogma fechado, ou em artificial especulação filosófica. Se é um místico clarividente, porque todo o Homem tem a sua mística — se é um místico clarividente, repito, ele busca sem afirmar nem negar, a solução subjetiva do seu problema íntimo.

Todavia, como disse, sem afirmação nem negação é possivel a busca do Absoluto, a projeção de Eu para o Todo, sem caír, no absurdo.

E para um Poeta — que deve ser acima de tudo o Artista-Homem, essa ascenção para a Verdade e o Bem, se deve fazer atravez do Belo.

"Beleza e Harmonia num elán supremo de Amor, serão a sua oração" como disse Giovanni Costa, na sua admiravel "Apologia do Paganismo", esse Paganismo sadio e puro que é afinal o que pretendo elevar aqui como sistema de minha fé de Poeta.

Para mim, para nós, posso dizer assim porque felizmente não estou a concepção pagão do Universo como a sua ética equilibrada e honesta, são a melhor sustentaculo espiritual não só no conceito acanhado do Homem-Moderno, mas do Homem-Eterno, do Homem integrado na sua verdadeira estrutura de animal emancipado, que atingiu a maioridade do espírito.

Como Poeta-Homem, sinto o mesmo entusiasmo salutar que sentiram ha muitos séculos aqueles Helenos dum plano superior, que olharam face a face o Enigma da Vida e o souberam compreender: — A Natureza, mãe sublime, donde saímos e da qual fazemos parte, é a única divindade que plenamente e todos os dias se nos revela.

Para ele vai todo o calor da nossa adóração e dentro dele, de harmonia com ele, procuramos viver. E' assim que a adoramos, de pé, para melhor contemplarmos a sua obra e porque um pagão jamais genuflecte.

E' assim que vivemos, procurando aumentar todo o potencial da vida, num sensato equilíbrio das nossas virtudes e dos nossos defeitos, ambos naturais e ambos necessários para dessa misterioso e paradoxal ação e reação, sair cada vez mais purificado o nosso ser psico-somático.

E é assim, tambem que morremos serenos e tranquilos, porque a morte é ainda essa mesma renovação que nos integra de novo na natureza donde viémos.

Com esta Fé — sempre-nova —, com esta Fé que não narcotisa energias, se constituiu a maior civilisação de todos os tempos — aquela **única** que não precisou da Força para se impor, e que ficou perdurando na História como a luz dum sol que jamais se extinguirá: — Helénia!

Essa Helénia heroica e generosa, que deu vida e unidade á Europa e para onde hoje e sempre sábios e artistas, volvem os olhos em busca da luz.

Helénia é a filha unigonita do Paganismo.

Foram as suas ilhas ditosas sombreadas pelos bosques vicejantes, foram as suas montanhas, o seu mar de esmeralda, a sua lua de prata e o seu sol de oiro, que inspiraram a sua Civilização sublime — o seu ideal de Beleza e Harmonia. Foi afinal a sua prodiga Natureza que deu aos Homens a felicidade que gozaram. Mas tambem foram esses homens que a souberam comprender porque somente desse mutuo entendimento poderia surgir essa Era feliz.

Porque teriam os Homens hoje perdido essa subtil e sublime faculdade de, já não digo compreender, mas pelo menos sentir os efluvios da Natura?

Influência dum mórbido ascetismo oriental? Cegueira, indice de demencia? — Não sei. Seja como for, ha que regressar a Natureza!

Temos de voltar a alegria, viver como individuos e como Humanidade. Para isso, só vejo um meio: — Ergamos os olhos ao infinitamente grande e contemplemos as estrelas — na Urania constelada.

Baixemo-nos sobre a terra e escutemos os seus murmúrios, as milhares de vozes de germinação das sementes, e o pulsar vigoroso que vibra nas entranhas do planeta.

Curvemo-nos sobre o infinitamente pequeno — lição maravilhosa, que os Antigos não tinham porque ignoravam a sua existência, porque não tinham os meios aptos de penetrar nesses mundos.

Abracemos tudo num amplexo de Amor, sintamos que pretencemos a esse Todo, e erguendo um templo em cada bosque do Vale e em cada píncaro de montanha, abramos-lhe as janelas para todos os horizontes do mundo, para que a luz entre a jorros e então, de pé, porque pagão não genuflecte, elevemos o nosso espírito para o Alto, numa **"oração feita de Beleza e Harmonia num elán supremo de Amor".**

Porto, Maio, 1938.

LUIZ DE SANJUSTO

Teatro Extranjero

ERMETO ZACCONI

por
José Maria Monner Sans

El gran actor italiano es, sin duda, el más ilustre sobreviviente de una época dramatica ya cerrada o casi cerrada. Epoca de muy abundante producción literaria que se refleja — con obligada heterogeneidad — en el repertorio de Zacconi. Epoca que, por etapas, vió convivir a escuelas de bien diverso y hasta antagónico signo estético: junto al tosco melodramatismo romántico de *Morte civile*, el agrio naturalismo de *Don Pietro Caruso* — agusfuerte escénico que sirve de antecedente al grotesco moderno—; junto a la preocupación ideológica y a la consiguiente lucha dialéctica vertida en *Spettri*, el tono y el ambiente simbolistas de *Cittá morta*. Repertorio que, según los programas, abarca también algunas recientes manifestaciones del teatro de posguerra: tales, por excepción, dos piezas de Pirandello.

Con esta útil visita, que debemos al empresario Dr. Enrique Muscio — gracias le sean dadas—, nos llega, pues, compendiado en reducido muestrario, el esquema de un amplio período dramático y, al frente de un pobre elenco, el más renombrado intérprete de hoy.

Hasta el momento en que escribo estas líneas, Zacconi sólo ha ofrecido tres novedades y lleva aquí veintidós días.

Ha representado *Il piccolo re*, de Giuseppe Romualdi, chata comedia burguesa donde — descartados un ocasional saludo fascista, alguna perorata de intención guerrera y la alusión al "dovere" de repoblar la península — todo lo demás, absolutamente todo, está apolillado irremisiblemente. Bastará recordar que esta obrita gira en torno de una criatura, cuyo nacimiento hace peligrar la vida de la madre, enferma de nefritis... Aunque abocetados los personajes según recetas harto manoseadas — así la tía solterona y el viejo mucamo —, Zacconi dispone de un primer acto feliz: allí, con inimitable destreza, empapa en lágrimas la alegría desbordante de sentirse inminente abuelo cuando las esperanzas de serlo se le habían ya desvanecido. Mas esta única escena no nos compensa del resto, *Il piccolo re*, acéptese la fórmula conocida, es una pieza anticuada... "antes de estrenarse".

Solitudine, de Lucio D'Ambra, quiere ser comedia psicológica y se queda en folletín. Folletín escenificado con los peores recursos del ínfimo Ohnet. Tal, entre otros, la revelación imprevista y casi póstuma de una infidelidad conyugal. Tal, la imediata muerte de la esposa, quien no aclara cuál de los tres hijos es el bastardo. Asistimos así a la desesperacion del senador Ardenza, cuya situación familiar se complica en seguida cuando tiene que buscar entre sus hijos al ladrón de unos títulos de renta. Y, naturalmente, el ladrón no puede ser sino el bastardo... Lo que en *Tutto per bene*, de Pirandello, es contraste de dos imágenes la de Lori, para sí y la de Lori para los demás — angustia lacerante del protagonista cuando entrevé esta última — se anuda en *Solitudine* mediante situaciones de muy primario efectismo y de muy retórico dolor. El tema de la herencia, que tanto interesó al realismo-naturalismo (baste el ejemplo de aquel *Abuelo* de Pérez Galdós), y que interessó asimismo a Ibsen, Strindberg y sus continuadores, tiene aquí insospechadas derivaciones policiales. No es ésta una obra de concesiones al basto gusto de cierto público. Es, toda ella, una entrega sin reservas a ese gusto basto, porque el autor no acierta a desarrollar el problema de una "solitudine" que, al concluir el tercer acto, lo es de mucha companía para el senador Ardenza: tres hijos y una nuera.

En cuanto a *Don Buonaparte*, de Giovacchino Forzano, es una comedia tramada con la técnica de siempre, la cual consiste — sin ningún desgarte mental — en altenar hábilmente las notas emotivas y los episodios hilarantes. Nada de arte pero sí mucho *oficio* y, éste, no del mejor.

Si estas tres novedades — novedades "per modo di dire" — puede incluirlas el senor Zacconi en sus temporadas italianas, ninguna razón las justifica en una gira por el extranjero. Mas no es éste un demérito exclusivo de lo anadido a su viejo repertorio, pues en él, codeándose con *Re Lear* y *Otello*, está *Il cardinale Lambertini*, cuya gracia de bolonés mundano brinda a la platea una plácida digestión.

La capacidad interpretativa de este actor octogenario es, sin variantes, la que lució entre nosotros hace quince anos. Su ductilidad expressiva, desde el alarido trágico hasta la risa contagiosa, desde el susurrante "pianissimo" hasta la ironía de sus ojos entrecerrados, se mantiene inalterable. Zacconi es un maestro de la dicción, un virtuoso de las modulaciones vocales, un perito del ademán, un artífice del gesto, un experto de la caracterización. Nada en él queda librado al azar. Así se comprende ese maravilloso poder de transfiguración psíquica y física con que asombra y sacude al auditorio.

Pero, y ahora lo vemos con suficiente perspectiva, sus dotes extraordinarias han quedado limitadas a un conjunto de obras de muy desigual valor. Y, también ahora lo comprabamos con pena, el senor Zacconi le debe demasiado a la escuela realista. Realista es su manera de componer: va del detallismo minúsculo — Pietro Caruso encendiendo un fósforo en los fundillos del pantalón, Próspero Lambertini jugando con su cajita de rapé, el Rey Lear despeinando su melena aleonada en medio de la tempestad — hasta los cuadros clínicos con que ilustra la parálisis progressiva de Osvaldo y los estertores de Corrado.

Por otra parte, su meridionalismo, renido con la sobriedad, lo induce a frecuentes exageraciones para suscitar la fácil emoción en un público tan entusiasta como poco escogido. Se necesitan pruebas? Pues sobrará con senalar el logrimeo excesivo de su *Cardinale*, el temblor de manos y la meticulosidad verbal de su Rey sin reinos, la fogosidad desmesurada que infunde en el héroe popular de Giacometti. Y lo lleva a más su temperamental exuberancia: lo lleva a corregir el final de *Pane Altrui* para darse el curiosísimo placer de morir, una vez más, ante los espectadores atónitos.

Pese a estas observaciones, Zacconi es un gran senor del escenario. Sus defectos son los defectos connaturales a un sobreviviente, sobreviviente ilustre de una época dramática ya cerrada o casi cerrada. Por eso no compromete a menudo nuestra sensibilidad 1938: lo seguimos, atentos y respetuosísimos, como quien sigue a un profesor indiscutido que imparte sus postreras lecciones. Y de éstas, la más provechosa es la dirigida a sus colegas cuando parece decirles — entre las variaciones de su flexible registro vocal, con la riqueza de sus ademanes, con la multiplicidad de sus gestos — que para ser verdadero comediante no basta el milagro de la vocación y que hace falta, además, el sacrificio de decenios en el estudio incesante de los personajes. De ahí la utilidad de su visita.

Cidade Jardim Laranjeias

Os bairros cariocas apresentam suas características próprias. Dentro do maravilhoso conjunto da cidade, cada um dêles é uma nota de belêsa natural, diferente, de magnificência, de luz e deslumbramento.

Dia a dia o Rio toma novo aspécto. Constróe-se febrilmente. Lindas casas de moradía aparecem. E a cidade cresce, dentro de sua paisagem.

Laranjeiras é um bairro acentuadamente aristocrático. E' um bairro que vem do passado, metamorfoseando-se, como uma mulher que nunca envelhecesse. Êle foi, no passado, o ponto prediléto de moradía. Hoje continúa ser o bairro procurado e querido. Suas ruas amplas, o seu ar puro, sua proximidade com o centro e os transportes rápidos, suas árvores, a natureza perto — ela que tanto auxilia o homem a viver, dando-lhe o contáto com as árvores, as matas, os morros, a paisagem necessária ao bem estar dos olhos e do espírito.

Cidade Jardim Laranjeiras é a nova cidade nascendo dentro dêsse formoso bairro. Alí se levantará, dentro em bréve, numa moldura rica, um dos mais encantadores recantos do Rio de Janeiro.

A Companhia Aliança Indústrial, está realizando a venda de terrenos onde surgirá a Cidade Jardim Laranjeiras. O grande realizador e animador da emprêsa — Severino Pereira da Silva, — presidente da Cia., amando sua cidade, tudo fará para que Jardim Laranjeiras seja, dentro de muito pouco tempo, um real encantamento, contando mesmo com o auxilio dos poderes públicos que certamente ampararão êsse salutar e moderno plano de urbanização que tornará Laranjeiras mais béla ainda.

Propriedade da

Companhia Aliança Industrial

Rua 1.° de Março, 101

Paisagem do Paraná

Vicente Leite

A experiencia da adolescencia em Gorki (*Trecho de um ensaio*)

por D'ALMEIDA VITOR

O sofrimento de Gorki iria tomar maiores proporções, na sua adolescência; nesta fase de sua vida, o mundo iria ensinar-lhe toda a maldade, todas as vicissitudes que lhe faltou conhecer no convívio da casa dos seus avós.

As **steppes** (1) que margeiam o Volga, iriam ser, por muito tempo, o lugar onde êle repararia as fadigas das caminhadas a esmo. E a impetuosidade do grande rio, a sua caudal majestosa e colossal, livre e triste, germinaria, no seu sonho, a semente que pouco mais tarde haveria de rebentar com a mesma majestade e com a mesma repassada amargura.

Haveriam de embalar o seu sono intranquilo, as canções dos barqueiros; a música selvagem do rio acompanharia o gemido dos **bourlaks** (2) acorrentados á barca, enchendo a sua emoção dessa extranha sinfonia, e fixando, no seu espírito adolescente, o sentimento de revolta pelo sofrimento comum, que exprimirá, depois, a sua produção.

O domínio imenso que refugiou Stenka Razin, que abrigou todos os réprobos da lei, todos os egressos da sociedade, todos os corações inquietos, também o abrigou, influenciando, na sua alma, o amor ao rio, ás águas revôltas, onde o seu espírito flutuará enamorado por toda vida, porque êle jámais se cansou de descrevê-lo, como o seu grande mestre de amor á natureza, como o sublime inspirador da sua poesia impetuosa como as águas do rio.

Um tipo singular surgiu, então, na vida de Gorki. Contratado êle como moço de cozinha de um vapor, foi ter, como seu chefe, um antigo soldado da guarda imperial, Miguel Smourof, que se tornou seu preceptor.

Êsse gigante de fôrça prodigiosa e de cara de poucas amizades, era, no entanto, e sem embargo da sua posição, um amigo das leituras. Num grande baú colecionara, promíscuamente, obras de Gógol, Nekrassof, Tourgenef, Tolstoi, vidas de santos, romances populares e episódios da história russa.

Antes de deitar-se, diáriamente, fazia com que o seu ajudante lesse, em voz alta, os livros que lhe apresentava. Era como a semente lançada em terra virgem, farta de hu-

mus. Assim, no espírito de Gorki, inconcientemente vai despertar o gôsto pelos livros. A sua inteligência voa para um mundo diferente do que vivia, ou podia imaginar em face das condições da sua existência, desvelando, para a sua sensibilidade ainda informe, um novo universo onde democráticamente se entrecruzavam personagens da história, figuras de lendas, santos e bandidos, em situações heróicas ou romanticas, grandiosas ou degradantes.

A essa iniciação cultural de forma imprecisa, caberá, de certo modo, o sentido original da obra de Gorki, feita de violentos contrastes, como nessa fase da sua vida estavam os seus sonhos para a realidade que sentia. E êle próprio, recordando, anos em fóra, êsse momento vivido, haveria de referí-lo repassado de um esplêndido humor, ao afirmar que os romances de Tolstoi lhe valeram boas bastonadas, quando o contrário acontecia quanto ás obras de Dumas, que lhe permitiam dias de descanso.

Tal situação, porém, teria que ser breve. Êle teria que seguir um novo caminho; haveria de sentir os horrores da fome, de ser vagabundo, pertencer á facção dos miseráveis, dos renegados sociais, libertar-se dos escrúpulos da conciência, dos preconceitos, e dispor-se a qualquer baixeza, a trôco de uns míseros **kopeks,** (3) para adquirir alimento ou embriagar-se nas tavernas, e viver como rato das prisões.

E mais sofria por se sentir dominado por uma fome de conhecimentos, que o levava ás escolas, onde lhe era negado o direito de matrícula, em vista da sua situação miserável. Aos dezesseis anos chegou a Kazan, cidade universitária, certo de alí poder realizar o seu desejo. Ainda alí, entretanto, lhe foi negado êsse direito. Para poder viver, serviu, então, como ajudante de padeiro, ocupação esta que êle descrevera na sua novela **"Konovalof",** a qual, pela maneira sincera da narrativa e pelo caráter real do entrecho, bem nos parece um flagrante auto-biográfico. A figura de sua personagem, filosofando sempre com os acontecimentos, grande bebedor, com o espírito torturado pela aventura e pela plenitude de horizontes que não podia sentir no alojamento subterraneo e infécto que habitava, é bem a sua própria imagem.

Gorki copiou, da vida, as situações que serviram de elemento para a pintura que é toda a sua obra. **Os ex-homens,** por exemplo, pelo modo das impressões descrítas, pela tonalidade das emoções e pelo realismo dos motivos, não poderá deixar de ter sido um livro vivido. São como páginas soltas da sua vida, juntadas depois, como se fôssem pertencentes a outrem.

O contacto com as sociedades estudantinas da cidade, mesmo na sua qualidade de "extra", num momento em que a idéias daquela mocidade estavam num período de ebulição, de efervecência, brotando do coração, numa ansia incontida de renovação social, — estado êste que magistralmente nos descreveram Dostoievski e Tourgenef, — essa febre de idealismo, êsse estado enfermiço de animos contagiou a alma de Gorki, transmitindo-lhe um outro bacilo de Sonho, — o da revolução social. Empolgado com o seu novo sentimento, êle ia alimentá-lo no sub-solo da padaria onde morava.

E nem a fome, nem a debilidade organica lhe arrefeciam o ardor transformador, como nos confessa depois: "Como ironia da sorte, nem

de propósito! Naquele tempo eu estava muito preocupado com os destinos da humanidade. Sonhava com renovações políticas, com uma reorganização na máquina social; lia vários autores diabolicamente difíceis, pensadores tão profundos, que os seus pensamentos, ao que parecer mais verosímel, nem para êles próprios eram inteligíveis. Naquele tempo, eu empregava todos os esforços para preparar, na minha pessoa, **uma fôrça ativa e poderosa para a coletividade.** Chegava a parecer-me ter realizado êste propósito; pelo menos, a idéia que formava de mim mesmo, ia até o reconhecimento do meu direito exclusivo á existência, como importante personagem indispensável á vida geral, e perfeitamente qualificado para desempenhar, nela, um papel histórico de primeira plana". (4).

Nêsse instante da sua vida, o seu idealismo, sem forma definida, resistia aos jejuns forçados, opunha resistência á debilidade organica do seu ser, mas não poude, de certo, impedir que, num momento menos refletido, Gorki tentasse suicidar-se, metendo uma bala no corpo.

Tinha êle, nessa época, cerca de dezenove anos. O seu supremo humor, a sua verve sadia fariam com que êle mais tarde dissesse, recordando êsse momento: "Escapei desta, para me iniciar como vendedor de maçãs".

---

(1) — Planícies desnudadas.
(2) — Barqueiros do Volga.
(3) — Moeda divisionária do rublo.
(4) — GORKI — Um dia de outono.

Regime de maus tratos

Ademar Vidal

Em meio de uma crescente população de Senhores de Engenho e latifundiários havia um pequeno numero de proprietários com sangue na guelra. E que não tratavam bem aos negros cátivos. Como que se vingavam nos pobres "sujeitos ao açoite" das afrontas que sofriam de rivais na posse da gléba. Os feitores eram ordináriamente carrascos. Deles se serviam os capitalistas na execução de planos vingativos. E os escravos experimentavam as iras desses Senhores menos camaradas.

Apanhavam como bêstas de carga. Nem todos tinham sangue de barata ao vêr o corpo retalhado pelo chicote e ferrado pelo fôgo. Reagiam. Em consequência os crimes praticados pelos escravos africanos não eram raros na vida mais ou menos pacata de Provincia ou da Capitania. Relativamente eram até frequentes. Vemos em 1858, no Engenho Parueira, devido aos excessos do feitor, este ser barbaramente assassinado pelo escravo Balduino. O crime revestiu tais circunstancias que o nome do criminoso e o historico do facto constam da mensagem do presidente de então. Os relatorios e estatisticas estão cheios de referencias ao julgamento de negros captivos condenados por crime de morte. Atiravam-se a tamanhos extremos em vista do tratamento deshumano que lhes davam certos Senhores e feitores. Onde preponderavam tambem fortes circunstancias sexuais.

Verifica-se uma coincidencia interessante que não póde passar despercebida. Aqueles donos de terras que possuiam grande quantidade de escravos raramente não se mostravam implicantes com os párias seus subordinados. Mostravam-se exigentes. Apoderavam-se das negrinhas ainda impuberes e faziam-lhes filhos. e ai de quem murmurasse alguma queixa!

Por vezes frequentes chegavam mesmo a tomar as mucamas que viviam nas Senzalas. Bastasse que fossem apetitosas, — mais nada, pois nenhuma consideração tinham pelos amantes das mulheres negras. Apossavam-se delas como se fossem bichos á tôa.

As consequencias desse regime de injustiças e de bravio sexualismo não poderiam deixar de ser sangrentas. Entretanto, quando os nucleos de escravaria eram menores, o numero de crimes se tornava imperceptivel, mal aparecendo nos relatorios, crônicas e estatisticas. Nesses dados a gente nota serem consideraveis os cativos réos de homicidio. E de ordinário delitos praticados por amôr contrariado ou por excesso de sofrimento fisico. O "tronco" teve a sua grande ação como determinante de crimes ferozes. Que só mesmo o odio entranhado do fraco pelo mais forte poderia provoca-los num meio de aberta competição de classes.

Havia uma forma supremamente delicada de vingança que tem mais ou menos igual significação do "harakiri" dos japonêses. Muitos negros de sentimentos nobres não podiam suportar agravos excessivos sem procurar o suicidio como recurso de vingar afrontas.

Conta o Chefe de Policia, Regueira Costa, no seu relatorio de 1862, que "em o dia 20 de setembro do ano passado, enforcou-se no distrito de Tapuara o escravo Pedro", pertencente ao tenente coronel João de Sá Cavalcante de Albuquerque. Assim como em Livramento "o escravo Candido de propriedade de Bento Gomes da Silveira", também se enforcou. Numerosos outros enforcamentos são mencionados e o motivo era sempre o desgosto por "ter sofrido injustiças do Senhor".

Muito comuns esses suicidios de negros cativos. Quando queriam executar os seus intuitos macabros, fugiam e se embrenhavam pela capoeira a dentro, enforcando-se num galho de arvore, aí permanecendo ás vezes muitos dias ou semanas inteiras até que o capitão de campo os fosse encontrar em carniça festejada pelos urubús.

Mas os pretos castigados, que não encontravam solução no suicidio, atiravam-se violentamente contra os seus algozes, com o animo deliberado de acabar com as suas vidas. E conseguiam o intuito desejado. Depois do que, passando pela agruras do "tronco", não sofriam a felicidade de fugir

ao castigo. Até na Cadeia da Capital ainda penavam nas unhas dos carcereiros. No dia 14 de fevereiro de 1865, relata ao presidente da Provincia o Chefe de Policia Gervásio Pires, "tendo o preto Francisco, que se achava condenado á morte insultado ao comandante da guarda, o que foi trazido ao meu conhecimento, mandei que ele fosse castigado com 4 duzias de palmatoadas. Na ocasião, porém, de ser ele tirado da prisão, em que estava com outros escravos para receber o castigo, opuseram-se os outros a que fosse castigado, arrojando-se todos sobre a guarda, resultando disso um terrivel conflito entre esta e os presos escravos, no qual foram mortos os captivos Ildefonso, condenado á morte pelo jury de Sousa; Felix, condenado a galés perpetuas pelo jury de Pilar; Tomaz, pertencente ao dr. Joaquim Moreira Lima, que se achava recolhido á requisição do seu Senhor; o guarda nacional Manuel dos Prazeres ,que fazia parte da guarda da Cadeia; e foram feridos gravemente os presos José escravo pronunciado por ferimentos graves em Pedras de Fôgo; Joaquim, escravo fugido e o guarda nacional João Francisco do Nascimento; levemente, feridos os escravos Raymundo, condenado a galés perpetuas pelo Jury de Campina Grande; Feliciano condenado a 8 anos de galés pelo Jury de Mamanguape; dois soldados de linha, Luiz Fernandes Duarte, Telephoro Pereira da Silva, e 3 guardas nacionais.

Procedeu-se vistoria em todos os mortos e feridos", conclue o Chefe de Policia. O gosto pela escravidão nesses dias remotos, subiu de temperatura. O presidente Odorico de Moura participou á Assembléa que "foram 5 os casos de reduzir á escravidão pessôas livres". O sexualismo dominava nessas vinganças.

A' Cadeia da Paraíba afluiam aqueles que vinham cumprir pena. Muitos se achavam reclusos, por pedido expresso de seus donos, que, não contentes com os efeitos do "tronco", ainda queriam completar o castigo, mandando po-los nas grades. O fato é que a população escrava sacudida na solitaria era de ordinário bastante notavel relativamente ao numero total de reclusos que nunca excediam de 80. A respeito as notas que poderiam ser colhidas em nada quase adeantariam ao ponto de vista que temos de expôr e que é o sofrimento a que estavam sujeitos aqueles que caiam no desagrado dos seus Senhores.

Mostra Azevedo Faro, Chefe de Policia em 1882, que sobre "as prisões de escravos estas foram feitas: — a requerimento dos Senhores, 2; fugidos, 5; por andar fóra de horas, 3". Ao carcere não iam ter sómente os que cometiam crime necessário de punição; iam ter os escravos mesmo sem crime nenhum, pois bastava que o Senhor "requeresse". Nada mais era preciso. A ação criminal caia de rijo sobre os pobres africanos considerados como coisa. As Cadeias viviam cheias de condenados á morte e ás galés perpetuas. Já não cabiam de tanta gente. E foi por isso que em 1864 o Govêrno Imperial autorizou o da Paraíba a enviar para a Ilha de Fernando de Noronha grande numero de sentenciados. Dessa feita viajaram muitos escravos para cumprir pena e que não mais voltaram daquele presidio.

Devemos deixar consignado que os nossos Senhores de Engenho e grandes proprietarios eram comumente de indole benigna. Havia excepções tremendas na classificação dos celerados. A esmagadora maioria no entanto era humana. O famoso Ursulino deixou nota indelevel. Ainda alcançamos a lenda de que depois da meia noite passava na rua da Areia e na rua Direita um carro de boi arrastando o corpo do tirano amarrado em correntes grossas. Estava penando.

Todos diziam que a sua alma cumpria a sina de crueldades praticadas. Guardamos lembrança viva de que no começo deste seculo chegámos a ouvir o chiado monotono daquele carro de boi dentro da madrugada repleta das visões de mêdo que encheram a nossa primeira infancia. Ursulino ficou ocupando largos espaços nas historias contadas pelos creados favoritos.

Aqui caberiam novos comentarios sobre a vida sexual do escravo sempre preterido no melhor pelos brancos da Casa Grande.

Os crimes que se cometeram tomaram então formas variadas e perversas. Os crimes mais hediondos. E esse "gosto do esquisito generalizou-se por outras camadas sociaes. Contaminou até aos padres. Na Bica dos Milagres ocorreu em 31 de julho de 1801 um delicto que abalou a Capitania. Frei José Lopes, do Convento de S. Francisco, vivia reservadamente com a preta escrava Tereza. Vivia ás escondidas e, por ciumes, mandou o negro captivo Amancio realizar o seu desejo. Isto é, mandou matar a amante por uma fórma crudelissima: — "introduziu na cavidade intra pubiana da mulher um páu que a traspassou".

Flavio de Carvalho entrevista o pintor checo Emil Filla

Faço pintura - O abstracto é sem significação - O que eu faço é... - Racine diretor cinematografico - A tendencia barroco do teatro - Gosto da poesia que não explica nada

Filla e seu cão

RETRATO

Emil Filla é um homem que aprecia pouco a sociedade humana e faz um esforço realmente patético para ser convenientemente amavel para com as pessôas. A sua atitude torna dificil qualquer penetração da sua mascara.

"Natureza morta"

Filla começou como empregado numa companhia de seguros em Brno, estudando em seguida belas artes na Academia de Praga; no começo da sua vida era impressionista com Bonard e Munch. As suas principais exposições foram em Paris, Munich, Veneza, Roma, Budapesth, Varsovia, Londres, Nova York... os seus quadros se encontram nas principais galerias do mundo. Filla iniciou o cubismo em 1910, ao mesmo tempo que Picasso.

Emil Filla nasceu em Chropy, na Morávia, em 1882.

A emoção na Exposição de Arte Francesa

SILVIA

A crítica dos técnicos e cultos no domínio da arte tem por certo a obrigação de esclarecer aos entendidos e aos ávidos por entender.

Assisti a exposição de arte francêsa. Não sou artista. Não tenho cultura artística. Tenho apenas nervos. Sensibilidade. A emoção me toma. Comunico-me com traços ou côres dentro da minha possibilidade de percepção. Interpreto de forma primária. Como a maioria. Encorajo-me porque é a ela que a arte expressionista serve. E' a ela que impõe edificação. A iniciativa do "Centro das Edições Francesas", que Anibal Machado inaugurou, marcou um passo.

Eugene Dabit disse certa vez sobre um "Salão" intitulado "Prestige du dessin": "Visitar semelhante exposição reclama de cada um esforço imenso". "Os recursos do desenho, são infinitos como os do homem e do espírito". "Todos esses artistas são possuidos do mesmo tormento, perseguem os mesmos problemas"; e "apresentam diferenças impostas pela época".

E' o que podemos repetir. Os autores de agora são os mesmos que Dabit comentou. Os mesmos, os independentes. De fáto. Nos trabalhos contemplados saltam a nossos olhos, muito marcadas, dentro das caracteristicas de cada um, as diferenças próprias do humano. O artista é um ser vivo arrastando as decorrentes de seu complexo e exteriorisando um choque constante na reação do subjetivo contra o objetivo.

Aquarelas, litografias e gravuras, reunindo nomes enormes ilustraram o salão do Palace Hotel, sob os auspícios da Associação dos Artistas Brasileiros.

Lá estavam as maravilhosas litografias e gravuras de Renoir. O pintor realisa poesia. E' legitmo na criação da carne com sangue em movimento e luz em harmonia. Tem vida. Sadia, exuberante e alegre. Não sofreu influencia de realques deformadores. Nunca vacilou na sua concepção de beleza. "Baigneuse", "Portrait", "Paysanne endormie" e outras reproduções tomaram um grande relevo no ambiente do salão.

Picasso, sempre enorme, elegante dentro do seu estilo exaltação de volumes, expressivo em sua bizarria e profundo nos seus efeitos realidade. Demoniaco no conceito bom — verdadeiro. "Les Saltimbanques" e "Femme et Enfant".

Cézanne. Materialista. Artista de revolução. Marcante nos seres e nas paisagens. Foca o homem e a natureza, integrando. Dando o que falta, tomando o que sobra. Humanista. Rico em cores e original em superficie e fundo. "La Montagne Victoire" e "Les joueurs des Cartes".

Van Gogh, Matisse, Dufy, estraordniários.

Paul Signac, ora nas linhas ricas introsadas de coloridos, cheias de contornos, levesa e emaranhado interior na construção de seu impressionismo; ora poderoso na luz e no dinamismo como vimos na gravura "Port de Larochelle".

Vlaminck. Imprevisto no seu realismo. Transforma recantos naturais parados em natureza humanisada. Reclama e luta dentro de aguas paradas movimenta a terra ensinando aos homens. Aquarela ultrapassando de todas as dimensões. "alegria visual, uma das razões da pintura", como dizia Dabit, se manifesta: anseio e ideal vencendo os sofrimentos.

Masereel em "Le Journal", demonstra uma força poderosa no traço, traço caracteristico em suas obras, que partindo da unidade atinge aos mais expressivos relevos.

Convenci-me rapidamente que estavam irmanados os *novos*, os *mais velhos* e os *novíssimos*. Todos com o mesmo intuito, confundidos dentro do mesmo viço, do mesmo calor e da mesma obstinação. Dirigem-se para o mesmo lado: para os homens. Distribuem generosidade que não humilha. Confraternizam. Impõem libertação. Dizem vida e se comunicam.

A VOZ DE FILLA

Eu nunca raciocinio sobre o futuro da pintura... apenas faço pintura".

Em seguida fala-se sobre as tendencias:

"Acredito que mesmo Rembrandt e Miguelangelo não eram realistas. Uma tendencia barroca não é realista, creio que é muito mais naturalista. Courbet é realista e Daumier, eDlacroix romantistas.

Conhecemos a natureza não sómente pelos olhos mas tambem pelos dedos... *fazemos a natureza quando conhecemos a natureza. Ver uma* guerra *e* conhecer *uma guerra são duas coisas diferentes.* O completamente abstracto é uma fantasia sem significação em formas geometricas, sem ligação com a natureza... *o que eu faço é uma arquitetura, ou uma escultura como uma arquitetura".*

E a conversa versou sobre teatro, films, politica, poesia e musica.

"Não gosto do teatro porque tudo é falso no teatro, sobretudo hoje. Gostaria de um teatro muito primitivo e muito expressivo. O teatro é o falar, e não pode fazer concurrencia aos films. Prefiro o cinema americano. Se Racine vivesse hoje ele faria cinema e não teatro.

As tendencias do teatro se conservam sempre barrocas, o que é lamentavel.

A politica não me interessa, acho no entanto que as cousas devem mudar... hoje estão mudando. Fazem experiências em tudo mas em sociologia nada fazem.

Gosto da poêsia, sobretudo da poêsia que não explica nada. A poêsia não deve ser logica mas sómente fantasista.

Da musica antiga prefiro Bach e da moderna Stravinsky".

Comentando livros

"PEDRA BONITA"

DIAS DA CÓSTA

A primeira verificação que se faz ao terminar a leitura de "Pedra Bonita", o ultimo livro de José Lins do Rêgo, é que o autor, já no seu oitavo romance, continua em plena posse de todos os seus extraordinários recursos de narrador. Esses recursos estão claramente evidenciados na facilidade com que ele focaliza os seus tipos humanos, tipos que ficam vivendo, que resistem, que não se apagam da nossa memoria.

Lançando um olhar retrospectivo para a obra de José Lins do Rêgo, mesmo sem ser necessario fazer qualquer esforço de memoria, voltamos a ver as figuras de seus diversos livros, Carlos de Melo, o velho Zé Paulino, o moleque Ricardo, José Marreiro, a preta Generosa, D. Dodó, muitos personagens, importantes ou humildes, que desfilam diante dos nossos olhos, quasi materializados, tal a força de vida com que o autor os marcou.

Essa capacidade de crear tipos é, sem nenhuma duvida, a força maior do romancista. Mesmo porque, para crea-los realmente, para que eles tenham uma vida capaz de resistir a passagem do tempo, é necessario que esses personagens se apresentem perfeitamente situados dentro do ambiente que o romance retrata e que sofram todas as reações desse ambiente de maneira logica. Pelo menos dentro da logica do mundo creado pelo autor.

Porque ninguem esquece, por exemplo, Madame Bovary de Flaubert, o tio Goriot de Balzac, o Suvarin de Zola ou o primo Bazilio de Eça? O que é mesmo que salta á nossa lembrança, quando falamos de "Os Maias", senão as figuras de Carlos da Maia, do velho Afonso, de João da Ega, de Eduarda? Lembramos-lhes os nomes, visualisamos-lhes os tipos, recordamos-lhes as preferencias, sabemos as cores de suas roupas, imaginamos os seus gestos, ouvimos as suas palavras. Atravez deles é que vemos as paizagens que os cercaram, os ambientes onde eles se moveram, os logares que eles povoaram com a força singular de suas personalidades. Quando essa afinação não é alcançada e o ambiente não acorda com os personagens, ou as suas vidas aberram do clima que o autor utilizou, um elemento se sobrepõe aos outros, a fabulação torna-se ilogica, a vida não se apresenta e sentimos bonecos onde deviamos encontrar entes humanos e cenarios de papelão onde devia haver paizagens reais.

José Lins do Rêgo nada perdeu em força abandonando a zona do assucar nordestino para focalizar o seu sertão. O quadro que "Pedra Bonita" traz para o romance brasileiro é tão importante nas suas revelações quer individuais, quer sociais, como todo o "Ciclo da Cana de Assucar", Aí estão retratados, nas suas linhas mais sugestivas, aspétos de uma zona das mais importantes do Brasil, pelo material valioso que oferece aos que encetaram a tarefa de nos revelar honestamente a nós mesmos. A natureza, o individuo e a sociedade têm nesse romance as suas fronteiras perfeitamente marcados, revelando, com uma clareza meridiana, até que ponto cada fator age como causa e até que ponto cada um aparece como efeito, na interdependencia natural em aglomerações humanas onde o homem ainda é apenas um joguete entre as forças diversas que o cercam. Daí o circulo vicioso de causa e efeito que se nota no ambiente que o autor fixou. O cangaço, a seca e o beatismo são, aparentemente, as causas da pobreza local. Mas, por outro lado, vemos que o cangaço e o beatismo existem porque a pobreza e o abandono condicionam a ignorancia geral. Existe a seca porque não houve uma luta racional contra ela. Reagindo contra o abandono em que vive, o homem primario, castigado pela natureza hostil, instintivamente e de acordo com as modalidades temperamentais, cai na revide violenta ou se entrega ao fanatismo barbaro. Qualquer desses dois caminhos traz como consequencia repressões drasticas dos poderes organizados, gerando novos odios, creando novos misticos e produzindo novos revoltados. As volantes, com os tenentes Mauricios acreditando somente na eficacia da bala do rifle e na eficiencia do cipó de boi, agem apenas como fator de maior insegurança, como germen de novas revoltas, cada

de erico verissimo

Um filósofo europeu em sua passagem pelo Rio de Janeiro observou com surpresa que no Brasil se estava criando uma nova civilização diferente da européia. Uma civilização descuidosa e alegre, boemia e tolerante, e cuja base estava longe de ser êsse delirante progresso mecanico que lançou o mundo no labirinto em que se encontra.

Nós brasileiros, sentimos a verdade dessa observação e fazemos votos para que os males que afligem a Europa não nos contagiem. Compreende-se que importemos máquinas e perfumes, papel e drogas. O inconcebível seria importarmos velhos ódios de raça, ideologias políticas nascidas em terras de clima diferente do nosso.

O Brasil deve aprender a lição do Velho Mundo e fazer sua a experiência milenar das velhas raças.

Vivamos o nosso momento de paz e de tolerancia. Não tomemos muito ao pé da letra a moral da fábula de Lafontaine sôbre a cigarra e a formiga. Sejamos sempre um pouco formias, sim, mas não nos esqueçamos de ser de quando em quando cigarras descuidosas.

---

vez mais tragicas pela força sempre maior de sua violencia. Foi tudo isso que José Lins do Rêgo soube ver e soube fixar em seu livro, tirando da justeza de sua fixação toda a força que ele contem. Domicio, Aparicio e Antonio Bento, pela força de realidade que levam em si, transcendem dos limites do romance e se projetam como simbolos, amargos simbolos. Atravez deles, de suas sensibilidades primarias, mas capazes de agir e reagir humanamente, vemos todo o quadro que o autor viu com olhos abertos e sentimos o que ele sentiu com apurada sensibilidade.

Resultados distintos de uma só causa, os tres irmãos de "Pedra Bonita", valem como documentos vivos de doloroso fenomeno social. Mas igualmente interessantes nos aparecem quando os estudamos apenas como individuos, tal a força da humanidade que lhes comunicou o autor. Eles fornecem todo o material artistico necessario para a confeção do romance. E' atravez deles que a paizagem está no livro. E' por meio de suas sensibilidades que sentimos a beleza das lendas que povoam os seus mundos. Os cantos de Domicio, as tentações que ele sofre da cabocla da furna, o seu misticismo ingenuo, trazem até nós um sopro de poesia rude, que a linguagem que ele fala torna ainda mais sugestiva. E quando Domicio se entrega definitivamente ao beato e os fanaticos enchem as paginas do livro de horrores quasi hediondos, o romance alcança uma força quasi biblica, cheia de uma beleza barbara e primitiva. A tragedia que fica em suspenso sobre Pedra Bonita, o logar ao mesmo tempo sagrado e maldito, deixa bem evidenciado que a grande tragedia que pesa sobre esses entes abandonados ainda não teve o seu epilogo. Mas, pelo menos, e isso já é um grande passo, teve em um escritor honesto como José Lins do Rêgo o seu interprete fiel. E se essa não é a virtude unica de "Pedra Bonita" é, sem nenhuma duvida uma de suas grandes qualidades.

Realisando um verdadeiro romance José Lins do Rêgo escreveu ao mesmo tempo um libelo cheio de angustia. E a sua voz encontrará certamente em todos os homens honestos a compreensão que merece, pela força da verdade que traz em si. Porque, apezar de tudo, é muito dificil se fugir totalmente á força da verdade, principalmente dessa verdade dolorosa que vem até nós misturada nas vidas dos tres irmãos que a maldição da Pedra Bonita sacrificou.

Reportagem num prologo, varios atos e um epilogo

SADY-GARIBALDI

CENÁRIO

Manhã de Maio, Manhã de ouro. Manhã sensual.

O Sol, o ilustre Sol, o eminente doutor Sol do bairro do Flamengo a cuja sabedoria e espirito esportivo devo o tostado da minha pele e a rijeza dos meus musculos, entra-me estabanadamente, estardalhaçantemente pelo quarto a dentro, convidando-me á vida, á alegria e ao trabalho.

PRÓLOGO

Desfraldo, pois, a rubra bandeira da Alegria no alto mastro da minha disposição para o labor e entôo, marcialmente, em posição de sentido, o classico.

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho...

...nobilita, na realidade, mas debilita tambem o "homo sapiens" de Linneu.

Deixemos, porém de brincadeiras. O caso é serio. Necessito trabalhar muito, hoje. Arregaçarei bem as mangas do bestunto e aguentarei, firme, na retranca da minha caneta automatica. Estou atrazado, atrazadissimo em tudo. Não paguei ainda a ninguem. Se o meu calendario não mente, dez luas já se passaram, depois do dia primeiro e... nicles! O senhorio espera. Espera a lavadeira. A mulher da marmita continua a alimentar a mesma verde esperança. Esperam, desde mêses, cordatos e conformados, todos os meus prestações. Bôa gente, magnifica gente, gente camarada, estes semitas! Cada vez mais me entusiasmo pela raça predestinada. Mas, é logico, todos acabarão desesperando. Ao demais, não tenho jeito para travar polemicas em tôrno de problemas domesticos. Falta-me habilidade para apresentar desculpas a credores.

Sem embargo, tenho fome de dinheiro. Preciso alimentar... bocas alheias. E não vejo outro remedio: espremerei os miolos, sem contemplação, mas hei-de cavar um bom "pro labore". Olá, si hei-de!... Ajamos. O tempo corre. E por que, então, semelhante prologo, tanta conversa fiada? Ponhamos mãos á obra. Vasculhemos a cachola.

ATO PRIMEIRO, CÊNA ÚNICA

Ah, mas eu possuo nesta gaveta umas notas sobre Pedro Alvares Cabral. Representam varios anos de pesquizas. Que tal, a biografia do grande almirante, romanceada ao gosto dos contemporaneos? Todos estudamos a historia do Brasil. O nome do celebre navegador é o primeiro que se nos fixa na memoria. Dele, entretanto, só conhecemos o episodio do descobrimento. E a sua existencia, antes e após a notavel façanha? Isto porém, é tarefa para dias e semanas. Custará muitas jornadas de oito horas, a salario minimo, o preparo e alinhavo de tantas peças. Neste momento, o que me interessa é um assunto ao alcance de todos os gôstos. Quero bordar uma cronica rapida, sem erudição: leve como o andar daquela garota que ali vai passando, em frente á minha janela e tintinabulante como a risada de cristal da minha bela e otimistica visinha.

Esta minha gaveta é uma verdadeira gaveta de sapateiro... das letras.

ATO SEGUNDO

Aqui está! Achei! Até que enfim! Janusz III, rei dos Ciganos. Tema de eleição. O publico ledor é louco por assuntos deste genero. Os zingaros... Nação admiravel! Os gitanos... Poesia maravilhosa!

A legenda amatoria do digno sucessor de Michael II assume algo das heroicas novelas cavalheirescas da Idade-Media. Lances pateticos á Amadis de Gaula. Audacias incriveis á Palmerim da Inglaterra. Gestos cativantes á Rei Artur.

Seja, pois, Janusz III, com toda a pompa do ritual boêmio, a primeira vitima a ser imolada na ara sacratissima das minhas urgentes necessidades domesticas.

Grande Janusz! Vivam todos os tziganos do Universo!

ATO... CONTINUO

Disponho-me a iniciar a cronica:

"Os Ciganos começam a ser conhecidos na Europa ao estreiar do seculo XV..."

Ora, o seculo XV! Quem, nestes dias, se importa com o seculo XV? Tratemos daquelas trigueiras, de olhos vivos e negros e vestes pintorescas, que nos pedem, na rua, uma prata ou um niquel em troca da "buena-dicha"... Vamos! Não ha tempo a perder!

PRIMEIRO QUADRO... TÉTRICO

Ouço gritos, porém. E' ali, ao lado, naquela Cabeça-de-Porco — habitação coletiva de gente pobre, arranha... chão dos humildes: a "canalha das ruas". Mas os gritos aumentam. Ha sinais de desespêro. Alguma tragedia, sem duvida. As tragedias são mais frequentes entre os engeitados da Sorte. Do lado oposto o proverbial é a comédia. A minha consciencia profissional impele-me até lá. Desço as escadas num pulo. Vôo á casa quasi contigua á minha. Penetro nessa babel da desventura — Torre de Ugolino dos

que nem sempre conseguem o pão mixto "nosso", de cada dia...

De entrada, além do máu cheiro que mefitisa o ambiente — o "aroma" da miseria — noto confusão no interior do pardieiro. Vozear abafado. Sururú? Talvez. Só indagando. Um brado forte se ergue sobre o rumor generalisado:

— Nônô! Vem cá, Nônô!

A voz que chama por tal nome está molhada de aflição. Nônô deve ser alguma personagem importante neste meio. Bem poderá resolver o caso. Que caso? Averiguemos. O caso está-se verificando. Desenrola-se, normalmente, como todos os casos em que ha berros, muita gente apinhada e, sobretudo, muita curiosidade da parte daqueles que nada têm a vêr com o peixe, mas que dele querem tomar conhecimento á viva força. E' o meu caso por exemplo. Que vim eu fazer aqui? Bisbilhotice de reporter. Reporter, simples colecionador de emoções...mercadejaveis.

Contudo, o chôro continúa. Escuto-o: chôro de angustia, chôro comprimido, chôro que tem horror á publicidade...

INTERMEZZO

A criatura humana é um animal que chora e nem sempre ri.

— *Riez! Riez!* Mestre Rabelais, bebamos, riamos, gozemos materialisticamente a vida! A vida é um ai que mal sôa. A vida é fumo que passa. A vida é um lago azul... O' poetas! A vida...

A vida, meus amigos, já dizia Goethe, num alemão intraduzivel, é um buraco! Bobagem de Goethe. A vida são dois... Não, a vida são tres... Não, não, a vida é uma coleção infindavel de buracos!...

EXCLAMAÇÃO ATRÁS DOS BASTIDORES

— Maldito! Desgraçado! Deus ha-de castigar esse bandido! Por causa dele perdi a minha rica mamãizinha!

ATO TERCEIRO

— Mestre Rabelais, abafemos o tilintar das nossas taças espumantes de coloridos e generosos falernos. Façamos cessar o cascateio das nossas gargalhadas impudicas em homenagem respeitosa a esse lamento convulsivo que foge, como ladrão perseguido, do interior das quatro paredes desse cubiculo infecto.

Mas, a final de contas, que se estará passando dentro dessa pocilga? Um tereré entre marido e mulher, com pancadaria e etc., a coisa mais trivial deste mundo... Quem sabe? Procedamos á reportagem.

— Mestre Rabelais, retire-se!

ATO... NO QUARTO

— Conte, dona Florinda. A senhora conhece bem essa menina, é sua visinha, não é?

— Conheço-a, sim-senhor. Era filha da velha Genoveva. Pobre da dona Genoveva! Sempre doente, havia tres anos. Ela se chama Franceliza. Tão mocinha! Mas trabalha, trabalha... Só o senhor vendo. Todos nós temos muita pena dela. Tão boazinha! Muito querida de todos nós. O irmão, o Quintino, morreu o ano passado, na pedreira...

— Morreu trabalhando...

— Foi. Escapou uma pedra grande, lá de cima... Ficou todo esmigalhado. Santo Deus!

— Bem, bem. E o que dizem daquele negocio?

— Ah, seu moço! Que coisa cruel! Deus Nosso Senhor me perdôe! Virgem Nossa Senhora da Penha!

— Conte, diga tudo.

— Coitadinha da Franceliza! Queria salvar a mãi! Perdeu o emprego ha uma semana. O patrão dela arranjou outra empregada mais barata. Ganhava quarenta mil réis por mês. Hontem de manhã o doutor da Assistencia esteve aí. Disse que era a ultima receita que passava. A velha estava desenganada. Ih! Era aquela agonia... A velha sentia falta de ar. Coitada! A menina não tinha dinheiro p'ros remedios. Andava atrapalhada. Caminhava p'ra lá e p'ra cá. Não parava. Bem que eu reparei: a cara dela não me enganou. Lá na farmacia, o moço disse que não podia fiar. Veio p'ra casa, chorando. Saiu, de novo, e mais tarde voltou acompanhada de um homem. Fecharam-se ambos no quarto. Eu não vi nada. Quem viu a cara do zinho foi a Maria Batata. Hoje é que se soube de tudo. O homem esteve com ela. Foi-se embora, dizendo que depois trazia o dinheiro. E não apareceu mais. A menina ficou como louca. A velha começou a piorar, a piorar, até que morreu de manhãzinha. Tá morta ali, e a coitadinha sem nada, nem p'ro enterro! Esta vida, seu môço...

— Está bem, dona Florinda. Basta, basta. Muito obrigado.

EPILOGO

Que esplendida reportagem! Ganhei o meu dia. Gordissimo "pro labore"! Logo mais ouvirei, orgulhoso, pela Avenida, o berreiro infernal da garotada a apregoar o sensacionalissimo caso da môça que vendêra a virgindade para tentar salvar a mãe agonizante! Nos vespertinos, em duas colunas cada um, os "clichés" da vitima, da besta-fera e da camisa ensanguentada. E tome literatura!... A minha literatura!

E eu, satisfeito da vida, a confraternizar, festivamente, com os meus numerosos e gentilissimos "cadaveres"...

Diante de tais perspectivas não mais se estranhará, a esta altura, que eu tenha mandado ás urtigas todos os ciganos e Januszes da Terra.

RÚBRICA FINAL

Abandono dona Florinda e a Cabeça-de-Porco, a correr, ansioso por dar forma e estilo á obra que me vai redimir, financeiramente.

Hei-de produzir uma pagina de envergadura esquiliana.

Cá fóra, o Sol, o ilustre Sol, o eminente doutor Sol do bairro do Flamengo, a cuja sabedoria e espirito esportivo devo o tostado da minha pele e a rijeza dos meus musculos, cantava, num tablado de fogo, a "Ode á Alegria", de Schiller com a musica de Beethoven.

Trecho de Romance

José Geraldo Vieira

Paul-René acabou de cear na sua mesa habitual do "Walpurgis". Bebeu agua, limpou os beiços, sorriu placidamente para Fluffy que deante dele, brincando com miolo de pão o encarava muito absorto.

— Que é que há em mim, para assim me contemplares?

— Nada.

— Quais as novidades do dia? Flandin substituiu Doumergue... Foi imponentemente atrevido o congresso do Partido Nacional-socialista, em Nuremberg... A U. R. S. S. foi acolhida no seio da Sociedade das Nações.

— E em arte?

— Começaram as conferencias em Oxford sôbre a poesia. Saiu um artigo de Matisse sôbre "Modernismo e Tradição".

— Bravos... E que mais?

— Fui ver o film "Rapto", de Kirsanoff. Esplendido. Estou começando a acreditar nas possibilidades totais do cinema que desdes o "Lirio Partido" tinha caido es estado de hibernação.

— "Rapto"? Filme sovietico? Bom? Ah!... E falar em sovietico, os jornais têm trazido alguma cousa sôbre o Congresso dos Escritores Sovieticos? Malraux sempre froi?

— Li hoje telegramas. Falaram Gorki, Isaac Babel, Ilia Ehrenburgo, Boris Pilnak e Fédine.

— Cousa interessante?

— Sim... A Russia tem uma função.. disse com certo temor Fluffy.

— Há-de ter. Mas servir-se da arte para propaganda sovietica é erro. Fui, na semana passada ver dois filmes prohibidos pela Censura.

— Tu vês filmes proibidos?

— Sim, ás vezes. Vi "Contra-Palno" e "Montanhas de ouro". Pessimos. Só propaganda...

— Pois vai ver "Rapto". Fiquei bestificado...

— E em livro, esta semana saiu alguma cousa interessante?

— Um romance de Guy Mazeline.

— Tens o artigo de Matisse. Gostaria de ler...

Agora, quando Paul-René ceia deante dele, dando-lhe noticias do mundo, está o inefavel Fluffy.

— Tu és o meu reporter. Prova desta compota.

Mas Fluffy agradece, está ás voltas com o seu cachimbo. Cheguei hoje e os encontrei calados, olhando um para o outro. Senteime. Paul-René, sabendo que eu tinha ido ao "Vieuq Colombier", assistir a "Loire", quiz saber da minha opinião.

— Vamos amanhã? — avançou Fluffy, voltando-se ora para mim, ora para Paul-René.

— Não! — disse Fluffy. — Eu agora sou todo Lifar e Mlle Lorcia.

Nisto, chegou Thorenc, puxou uma cadeira, começou a explicar a Paul-René, a peça "Intermezzo" de Giraudoux. Então Fluffy contou-me as minucias dos últimos processos sovieticos, as condenações, as penas e as injustiças.

Aproximou-se o professor Albani, que estava na outra mesa. Palitava os dentes, pedia cigarros, encomendava Gin ao garçon. Fez-nos a todos calar, para fazer paralelo fotogenico entre o principe Starhremberg e o principe Otto de Habsgurgo... Dois rematados galãs de opereta vienese... Voltou-tou-se para Fluffy perguntou-lhe:

— Viste a fotografia de Mussolini á saida do Capitolio onde foi inaugurado o Conselho das Corporações? Viste os uniformes? Qual, aquele um nasceu artista... (ria...) Mas vinguei-me. Enquanto ele inaugurava aquele tróço, eu visitava o Embaixador Potemkine e ambos, o embaixador e eu bebiamos e fumavamos e nos davamos íntimas pancadinhas porque Lerroux vai mal, Azana se consolida, o povo exige a anistia de Companys... Demais, o Duce não sabe bem o formigueiro que é a Abissinia... Eu me rio dele... Eden anda viajando. Ainda hontem lhe vi a fotografia descendo dum Imperial Airwayas...

Paul-René ouvia o prof. Albani com certo ar de satisfação pessoal. Êste falando lhe sorria.

Nisto chegou De Merlin. Todos se ergueram, menos Paul-René e o foram abraçar e trazer para a cadeira ao lado de Paul-René. Atras dêle vinha Torremuza, cumprimentando todo o mundo desde a entrada, parando aqui e acolá, dando rizadas, fazendo saudações com a mão, ora imitando os fascistas, ora os comunistas.

— Que há, mestre? Que manda? Donde vem? Que luzes nos

traz? — perguntou o prof. Albani, perfilando-se.

— Não me amole. Hoje não quero conversa. Sou todo Igor Strawinsky...

Fez um ar de recolhimento, todos ficaram calados. Sentou-se, deu uma pancada amigavel mas impetuosa em Paul-René, boxeou Fluffy, disse virando-se para Paul-René.

— Amanhã vou buscar-te na tua revista para irmos assistir a "Le vray mistré de la Passion", deante do portal de Notre-Dame. Uma concessão que te faço... E isto aqui, é um presentezinho para ti. Mostrou o embrulho chato e circular.

— Adivinha o que é.

Paul-René sorria com ar de convalescente visitado...

— E's santo, mas não adivinhas. São discos com o psalmo dramatico de Honneger, "O Rei-David". E ainda dizes que sou atêu, monstro, etc... Sou de facto tudo isso, mas te quero bem. Em doutrinas somos polos opostos, em amizade um equador amplissimo de afêto. E isto aqui é para Thorenc. Toma, Thorenc. Como pretendes pessimamente seres suprarealista te trouxe êste numero de "Manometro". Depois olhou para Torremuza, ergueu-se, veio abraça-lo, fingindo que chorava.

Torremusa o recebeu em seus braços simiescos, fingindo tambem chorar. E com voz patetica De Merlin anunciou a morte da condessa-poetisa Anna Mathieu de Noailles... Torremuza bramia, mil carpideiras gemiam no seu soluço de barítono e de bufão.

— Morreu aquele estupor. Ah...

O garçon trazia wisky, gin, cognac, vinho do Porto, democráticos copaços de cerveja.

Fluffy queria conversar a sério com De Merlin.

— Não me amoles, já te disse. Eu hoje sou todo Igor Strawinsky.

— Está bem, mas que dizes do encontro em Washington com Roosevelt, de Herriot e Mac Donald. Tratarão eles das dívidas, do desarmamento e da conferencia mundial economica.

— Naturalmente, se lhe pedires com modos...

Thorenc mostrava um livro ao prof. Albani que por sua vez lhe emprestava outro dizendo amistosamente, erguendo a barbicha:

— Eu te cedo "I nostri simili", panaché de Freud, Lawrence e Joyce, e tu em compensação me emprestas por tempo indeterminado o discurso á nação europeia de Julien Benda...

Cumprimentavam-se, semi erguidos das cadeiras, bebericavam, abriam o Manometro com medo, vagarosamente escandalizados.

— Quais os sucessos de livraria? indagava Paul-René para Kippenberg que era o catalogo de todos e que tinha chegado sem ser percebido.

— Ora, ora. Naturalmente André Siegfried e Ludwig... Enquanto isso o "Pour la Poesie" de Cassou, saido há um mez, não se vende...

—Felizmente , meu caro, a poesia é como a mulher, tende ao recato e é impermeavel ao mundo objétivo.

De Merlin viu dois jovens chegarem e conversarem em pé, respeitosamente com Paul-René.

— São católicos, não? — perguntou-lhe quando os jovens se tinham ido. Paul-René sorriu.

— Senhores, disse, como num comício, De Merlin, voltado para todos, para o resto do café e para o proprio garçon, atenção e em guarda, pois aqui nêste café, até mesmo aqui, está havendo uma Renascença do Peguysmo...

Paul-René sorria, de palpebras fechadas.

— Não rias assim que me irritas. — dizia-lhe De Merlin. Não gosto dêste teu sorriso.

— Por que?

— Porque? Ainda perguntas? Não rias assim. Há misericordia em teu sorriso, beatitude e isso me enerva.

— A minha serenidade te irrita?

— Naturalmente. Já sei que vais falar na euforía mística, no estado biologico do ser convertido, e mais patranhas de William James...

— Agostinho, ainda pagão, se irritava com a paz de Santo Ambrosio...

De Merlin atirou fóra o cigarro, bebeu o resto do vinho do Porto, pediu outro, avançou o busto sôbre a mesa, e disse com desprezo:

— E's feliz... Encontraste Deus. Andas a dizer isso a toda a gente.

— Pois faz como eu. Vem a Ele, experimenta e dar-te-ás ótimamente, sentirás euforía, bem estar, rirás como eu estou rindo, pois sentirás que existe entre Ele e tu proprio uma semelhança ontologica, a chamada "Universidade metafísica"...

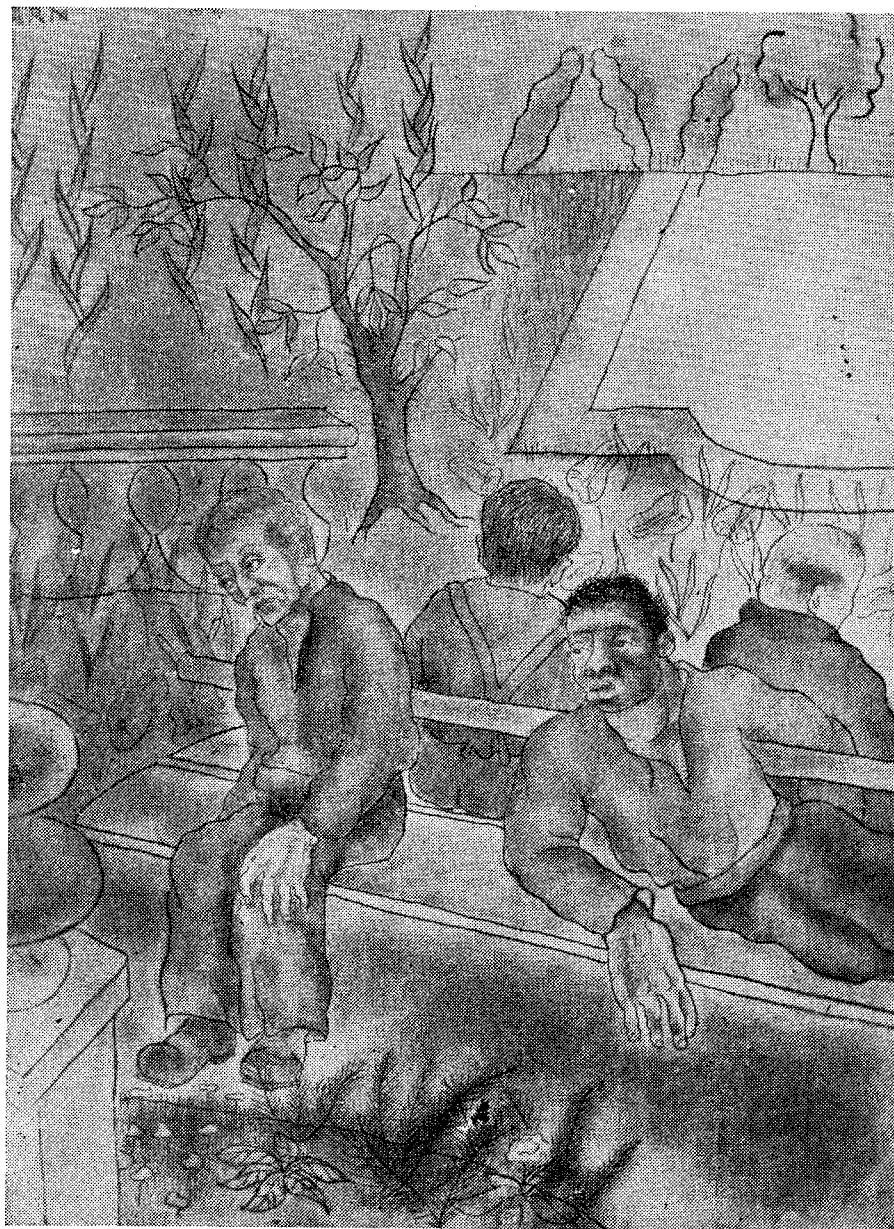
— Babozeiras... Hiperboles... Deus é uma duplicata inventada do proprio ser inferior, um símbolo, reminiscencia de rítos primitivos, a fé é uma adesão negativa, no maximo uma modalidade subjetiva da ética...

— Meu pobre De Merlin. Repetindo como um papagaio, Voltaire, Kant, Spencer... Como não hei de eu rir? Tenho pena te ti...

— Tens pena de mim? Tu te cuidas por ventura "realizado", garantido com a tua salvação eterna, achas que não precisas investigar mais, já alcançaste o maximo?

— Não, absolutamente, pois até hoje nenhum homem houve que tenha possuido e esgotado toda a perfeição de que é susceptivel a sua natureza. Tenho apenas paz interior, ordem íntima, para "continuar". Estou á sombra de Deus, e tu estás ao relento...

Carta sobre artes plasticas no Salão de maio

por Geraldo FERRAZ

A segunda vez que o Salão de Maio realiza a sua exposição anual, evidencia muito a necessidade de um intercambio artistico maior entre os pintôres e escultores do Rio e de São Paulo. Essa, afirmativa, tirada da apresentação do catalogo do Segundo Salão de Maio, manifesta-se visível a quantos visitem para ver, a mostra de arte no Esplanada Hotel. Só êste aspéto mereceria consideração, não apenas da parte dos nossos artistas morando nas duas capitais, como mesmo dos poderes público, pelos setôres da administração interessados em coisas da cultura brasileira. Se é que há êsses setôres.

Está justificada a inclusão dos artistas do Rio. Uma parte grande dos valores que o Salão apresenta está nêles. Cito primeiro como apresentados agora e portanto, quasi inéditos para nós, Alcides Rocha Miranda, Orlando Teruz, a última fáse de Sílvia Meyer, o evocativo Soares das festas do povo

nordestino. Novos trabalhos de Cicero Dias, de Guignard, de Hugo Adami. São novos tambem para nós nesta exposição coletiva, Paulo Werneck e Osvaldo Goeldi, dois gráficos que com Livio Abramo representam talvez a trindade mais alta do desenho no país. (Porque permanece ignorado dos paulistanos o traço inteligentíssimo do engenheiro Carlos Leão).

Mas estou quasi esquecendo que a carta é do Rio para São Paulo, e que as poucas pessoas que se interessam por arte no Brasil, incluindo aí até alguns artistas (que se interessam sim senhor), devem naturalmente estar pedindo ao missivista informações sôbre os pintores e escultôres locais. Eles aí vão com o meu desgosto sincero de ser sincero.

O nome tão paulista de Tarsila assina dois trabalhos estremamente convencionais. Não há novidade nem no processo nem nas coisas que ela quiz pintar. Os fins da pintura da outrora sinhá bonita não resistem. Há uma indecisão muito grande nessas telas que eu já conhecia daí do Rio, pois Tarsila começou pintando os homens do garimpo no atelier da rua Santo Amaro. A pintura muito nova de Lucí Citti Ferreira sofre uma deformação marcada pela influencia de Segall professor dela. (Mas se compreende e vale essa influencia). Flavio de Carvalho inquieto e desordenado com a sua contribuição que tem de tudo, sem que mostre uma convicção definitiva. Salvam os afrescos estereotipados de Gomide e os seus oleos ainda mais estereotipados, tres aquarelas verdadeiramente bonitas na originalidade quente de suas tonalidades, nos motivos. Iolanda Lederer que é pena não mostrar oleo tem tres aquarelas de uma sensibilidade fina, delicadíssima. Contam a pintura de Segall, de Quirino da Silva, os trabalhos dos abstracionistas ingleses que Flavio de Carvalho convidou; dos mexicanos que Jorge Amado fez vir, e as esculturas de Elisabeth Nobiling e de Brecheret. Se fosse mais dizer sôbre o Salão e sôbre as conclusões apontadas ia longe. Sem mais.

A liquidação do Caso Etiope

Não póde haver drama mais lamentavel do que o vivido ha dias em Genebra. Mais uma vez o mundo se inclinou diante do triunfo da fôrça.

E o mais triste é que si o mundo se revoltasse contra o fáto, desagradavel mas evidente, procederia como um insensato.

Não resta dúvida que a conquista da Etiopia foi uma berrante injustiça e um abuso flagrante do direito do mais forte. E' tambem incontestavel que a orientação politica da Sociedade das Nações, naquela época, sob a influência britanica, era desastrada, perigosa e ineficaz.

Resultado: o Direito sucumbiu, como acontece sempre que não se acha solidamente armado para fazer recuar a Violencia, e a paz do mundo ficou ameaçada.

Duração da guerra da Hespanha

Ha mais de um mês o general Franco proclamou, num discurso pelo radio, que a guerra já estava ganha, mas, agóra, prepara-se para outra campanha invernosa. A conclusão que os observadores, melhor informados sobre a Espanha, tiram da pausa no avanço dos nacionalistas, é que a vitória está muito longe das mãos do general fascista. Não foi essa a primeira vez que Franco deu a impressão de triunfar para, em seguida, caír. Em novembro de 1936, a captura de Madrid parecia questão de horas. Ha algumas semanas, quando os nacionalistas chegaram ao Mediterraneo, presumiram, não só em Burgos mas tambem em Londres e Paris, que estava proximo o fim da guerra. Falavam na escassez de viveres e munições em Barcelona e em Madrid. Falavam no naufragio final dos republicanos, como cousa para poucas semanas, embora os militares não se extenuassem... Mas os comunicados oficiais se tornaram laconicos, só anunciando as chuvas que impediam os avanços... Apesar disso, diziam que a Espanha republicana estava condenada e que o general Franco completaria a sua conquista de um momento para outro. Agóra, os observadores são de opinião que a guerra não terminará este ano e que os nacionalistas vão precisar ainda de muito auxílio estrangeiro... No entanto, no dia 1º dêste mês, o general Franco declarou, aos representantes da imprensa, que os nacionalistas se bastam...

Num discurso feito no mês de abril, Franco disse, pelo radio, aos republicanos, que já os havia vencido e que toda e quar resistência só serviria para agravar os crimes pelos quais responderiam. Essas ameaças não obtiveram o efeito desejado, ao contrário, fortificaram a resistência republicana. A unidade do territorio nacionalista tem diminuido por causa da **severidade** com que o general Franco trata os prisioneiros políticos...

"O Lobo e a Ovelha"

Waldemar de Oliveira

LUCILO Varejão, êsse homem magro, anguloso, de móle andar esconso, que todo dia eu encontro num dos "passos" do nosso comércio mental, escreveu um romance a que pôs um titulo de dôce simbolismo biblico: **"O lobo e a ovelha".**

..E' a história banal de muita rameira que nada de novo nos tem a contar: um namoro perseguido pelos pais, uma leviandade, o irremediavel e a descida rapida para a vala comum das ruas suspeitas. Não lhe deu maiores cuidados êsse enrêdo trivial que, nas cidades pobres, se encontra muito á mão dos romancistas, o suficiente para que não se deixem tentar pela busca fatigante dos têmas de exceção.

O que devéras tentou a Lucilo foi, sem duvida, o cênario onde colocou êle os seus personagens: Olinda, a Olinda dos lados do Amparo, que tanto lhe enfeitiça o coração desde o "O destino de Escolastica". Muito bebido no Eça, que tantas vezes esqueceu o túmulo das metropoles pela quietude das cidades decadentes, Lucilo, nos seus primeiros livros, explorou a vida doméstica da Olinda velha com a mesma pena e a mesma tinta com que o criador de Fradique Mendes fez, de Leiria, o fundo escuro onde veio o padre Amaro viver toda a sua tragedia sentimental.

O entrecho do seu ultimo livro é pobre de vida e de ação, mas, muito de acôrdo com o cênario onde êle o jogou, cênario cujas tragédias cêdo se compreende, não mereceram, pela sua mesquinhês, mais do que a apagada referencia de um **fait-divers.** Esse enredo é, já por si, um traço de vivo colorido do ambiente que o autor nos oferece. Por si, êle nada valeria. Vale porque se passa em Olinda e é finalmente a própria Olinda beata e faladora que êle refléte.

Lucilo escreveu, realmente, como um autor teatral — e êle o é, dos melhores — que quizesse aproveitar um bélo cênario e para quer, sem situações culminantes nem lances de efeito. Porque, sem dúvida, o que mais vale em todo o seu trabalho, é o ambiente, justo o que transmite ás suas figuras o vinco de vida palpitante que tanto as caracteriza. As qualidades do escritor se entremostram, precisamente, no desenho e no colorido desse pedaço de velha cidade, onde as horas se arrastam mornas e melancólicas, há muita gente que só raramente desce ao Recife e, de uma janela para outra, muito se fala da vida alheia. A pena de Lucilo nos sugere, nas entrelinhas do livro, certos pormenores que o leitor vai percebendo sem esforço: o sol tremendo que fére, ao meio dia, as ladeiras por onde passa, espaçadamente, a gente rala do burgo cansado; á noite, as ruas escuras, alguma janela aberta jogando sôbre o calçamento irregular a luz leitosa de uma lampada a alcool; cadeiras na calçada, um "bilhar da esquina", a familia que volta da casa do compadre, cumprimentando os vizinhos, as noites profundas e depois, o primeiro sino e a primeira beata... Há no meio de tudo isto, muito aperto de coração, muita tristeza escondida, um éco de saudade nas passadas lentas com que se vingam as lavadeiras, uma renúncia resignada nas fisionomias e, nas almas, uma creança infinita do céu.

Toda a cidade modorra, sem alento e triste. Os três quadros que Lucilo nos pinta — a Olinda que madruga, a Olinda que escurece, a Olinda que dorme — traduzem toda a lenta eternidade que sôbre ela pesa e por onde ela caminha, dias atrás de noites, como sistóles e diastóles que vagarosamente marcassem a agonia uremica da cidade. Nisto está toda a Olinda que sóbe ao Bomfim, derrama-se pelos Quatro Cantos, repousa no alto da Sé, nessa "calma vergada, nesse silencio crucificado de coisas velhas, que topamos na vida com um prazer de inteligencia e um terror de coração que emprestam ao pensamento uma asa e vertem uma lágrima na alma".

Aí movimentou Lucilo Deolinda, o Valério, o Julio Cobra, o Xicó, d. Caxirra, d. Maximina, d. Marocas... todos os amôres, as intrigas, as miserias e as tentações de uma cidade envelhecida que se visita, um dia, para olhar as igrejas, as igrejas de velhos jazigos e lápides gastas, onde, por um momento, desencantando da alma, se pensa, profundamente, na morte e nos enganos do destino.

O livro consagra, de vez, um mestre do dialogo. O teatrologo de "Golias" — como se conhece pouco o teatro de Lucilo! — aqui se mostra muito mais á vontade. Os personagens, de tão nitidos vincos psicologicos, embora recortados, apenas, em silhuetas, ganha muito de verdade na pena simples dêsse singular fixador de caracteres. A naturalidade das suas "falas" — para usar termo teatral — é impressionante, como a de Mário Sete. D. Marocas, nós a estamos ouvindo em carne e ôsos. O pulha Xicó, nós o encontramos, ainda hoje, em todos os bêcos onde apostámos carreira, em todas as esquinas onde jogámos castanha. Passam todos a viver intensamente na nossa imaginação, pelo brilho e verdade dos dialogos, segredo de Lucilo Varejão, escrupuloso romancista de costumes. Não se esqueça, por exemplo, a cêna que êle preferiu vasar em fórma teatral e á qual a tagarelice de um papagaio empresta o pitôresco de uma sonóra nota doméstica. Como essa, muito outras há, revelando em Lucilo Varejão uma das mais raras qualidades de novelista, tal o senso do real através do pensamento expresso dos personagens.

A narrativa decorre sem pressa e ritmica. Mesmo quando, de frente á pagina- 81, a descrição nos faz suspeitar da quebra dêsse ritmo e, pois, da unidade de **processus**, logo se compreende como êsse aparente desvio corresponde a um estado de espirito do personagem central, isto é, a uma determinada exigencia da fabulação. Assim é, por várias vezes, até mesmo quando o escritor parece querer apressar o desfecho da novela, dando ao leitor, com tanta felicidade, a noção do tempo que passa, levando de roldão os sentimentos e as vidas dos seus personagens, até o epilogo do doloroso caso de Deolinda.

Na arquitetura do entrecho, não resta dúvida, fez Lucilo a sua discréta reverencia a isso que se tem chamado "modernismo". Mas, bem longe ficou ainda dêsses romances que se jatam, por aí, de refletir uma época, só por se permitirem umas tantas liberdades de composição.

Ainda bem que, pensando continuar a sua brilhante carreira de novelista, desdenhou Lucilo êsses "romances proletarios" — sarampo dos néo-romancistas que supõem modificar o relevo terrestre com os golpes das suas picaretas Pelikan. E' mesmo um deliciado prazer de espirito colher, nas estantes de hoje, atufadas de romances revolucionarios, novelas proletárias e quejando muitos literários, um trabalho como **O Lobo e a ovelha** que ingenuamente se volta para o têma "amôr", preferindo, ao ar irrespiravel das fábricas e dos mocambos, o tranquilo descampado de um velho burgo em cheiro de santidade.

ROMA BERLIM

A Alemanha e a Itália chegaram a um acôrdo sobre os problemas economicos, financeiros, comerciaes e de navegação surgidos da união Austria - Alemanha. O convenio concluido significa a extensão á Austria dos convenios realisados entre a Alemanha e a Itália, de fórma progressiva desde 1933, sôbre comércio, cambio e turismo. Não revelaram oficialmente muitos detalhes do convenio, mas, a "Deutsche Politische und Diplomatische Korrespondenz" conta que continuam as negociações sobre a questão de Trieste, um dos portos de mar dos quais a Tchecoslovaquia depende para a saída dos seus produtos e que foi têma dos entendimentos entre Hitler e Mussolini em Roma, durante a visita do Fuehrer.

O orgão, citado, comentando o convenio, diz que é natural que os interesses surgidos das condições geográficas das baías italianas do Adriatico e especialmente Trieste, sejam tomados em consideração. E acrescenta que "os resultados poderiam servir de exemplo a muitos outros Estados (refere-se indubitavelmente á Tchecoslovaquia, entre outros) que dizem que o "Anchluss" lhes causou grandes prejuizos economicos."

Corre tambem, no circulos bem informados, que liquidaram a questão dos capitais judeus-italianos na Austria e das dividas da Austria na Itália.

Organisação Internacional do Trabalho

INTRODUÇÃO

Como toda instituição humana, a Organização Internacional do do Trabalho tem uma história que começa com vagas aspirações teóricas e se vai aos poucos transformando em realidade concreta e sólida. Precisamos convir, entretanto, que como história a da Organização Internacional do Trabalho é relativamente recente, pois um movimento trabalhista só se poderia precisar em condições de progresso material que sómente o século XIX tornou evidentes.

Dentre os documentos que primeiro provam uma conciência clara da situação desigual, em que viviam as classes trabalhadoras no século passado, devemos referir as memorias que Robert Owen encaminhou ao Congresso reunido em Viena com fins de estabelecer a Santa Aliança.

Sobremaneira expressiva na sua concisão é a seguinte sugestão sua:

> "a introdução em todos os paizes de medidas para proteger os operarios contra a ignorancia e exploração de que são vitimas".

Nas palavras acima está em embrião a ideia de que, si as convenções que regulam o trabalho fossem estabelecidas, em muitos paizes, de comum acordo, haveria uma possibilidade de distribuição melhor da justiça social que deve presidir á vida das nações civilizadas.

Owen entretanto falava cedo demais em necessidades que, os proprios interessados ainda não haviam compreendido, tanto assim, que ainda se não haviam organisado.

O mundo continuava a marcha para o progresso, a revolução industrial ia agravando cada vez mais a situação de desconforto, miséria e desemprego entre os trabalhadores do mundo europeu, principalmente. E sómente após os movimentos de 1848, os liders e pensadores retomaram os problemas sociais sobre novas bases.

Tornava-se indispensavel uma organização mais vasta, que assegurasse condições de existencia mais de acordo com as razões da justiça social, e começaram então as primeiras tentativas para um Instituto Internacional dos Trabalhadores. Já então a Organização Sindical provara ao mundo que a massa trabalhista era uma força que defendia direitos em vez de suplicar proteção.

Nisto, irrompe a guerra de 1914; periodo de quatro anos em que todas as conquistas que a custo, a ciência apoiando a razão conseguira fazer, são aniquiladas. Não ha mais convenções, nem tratados, nem justiça.

A classe mais sacrificada foi a que deu mais — carne para canhão isto é, os trabalhadores. Sairam, porém, das fornalhas, mais exigentes, mais conscios de seus direitos á vida, ao trabalho e ao bem-estar e impondo-se, dessa vez aos olhos dos mais cegos e renitentes, conseguem que, no Tratado de Paz, em Versailles 1919 um capitulo estabeleça, pelo menos para os paizes signatarios, obrigações que assegurem aos que trabalham uma nova era de reinvindicações e conquistas. Torna-se realidade a velha e imperiosa aspiração dos trabalhadores e surge a Organização Internacional do Trabalho.

PARTE I:

A Organização Internacional do Trabalho ficou consubstanciada na parte XIII do Tratado de Versailles, passando êste texto, desde então, a representar sua Constituição.

Obedecia, de inicio, aos mesmos principios que representavam o pensamento orientador daquele Tratado, isto é: *"a paz Universal por meio da Justiça Social"*.

Para atingir, praticamente êsses fins, propunha-se "fazer desaparecer as condições deploraveis que padrões de vida desiguais criavam no seio de uma mesma sociedade humana". Pretendiam os idealizadores da Organização Internacional do Trabalho conseguir a regulamentação das horas de trabalho; o descanso dominical obrigatorio; a proteção dos trabalhadores contra molestias gerais ou profissionais; os seguros contra acidentes resultantes do trabalho; a proteção ás crianças, adolescentes e mulheres; as pensões na velhice e na invalidez; a afirmação da liberdade sindical; a organização do ensino técnico-profissional e outras medidas análogas.

Como Instituto que visava a uma atuação direta do campo prático da vida social, a Organização Internacional do Trabalho precisava de orgãos capazes de levar a termo as delicadas e inestimaveis funções, a que se obrigava, á classe dos trabalhadores.

Êsses orgãos essenciais são: A Conferencia Internacional do Trabalho, que é uma assembléa que reune anualmente, todos os membros da organização e o Bureau Internacional do Trabalho, que é a sua secretaria permanente. Neste ultimo convem distinguir duas partes: uma que é o Bureau propriamente dito, outra que é o Conselho de Administração seu orgão de contrôle.

Á Conferencia Internacional do Trabalho comparecem quatro delegados de cada Estado Membro, mas, diferentemente do que acontece na Assembléa da Liga das Nações, apenas dois dêsses representantes encarnam o governo. Dos demais, um é nomeado para representar a organização operaria; o outro, a organização patronal.

Essa triplice representação consegue equilibrar três tipos de interesses: os do governo, os da classe de trabalhadores e os da classe patronal. Só por esse aspecto de organização, facilmente se póde perceber da intenção conciliatoria que preside ás discussões da Conferencia. Mas quando se trata de voltar, observa-se que, cada um desses grupos, isto é: o dos patrões e o dos trabalhadores, se reune em um só bloco para offerecerem aquelles maior resistencia e êstes maior impeto da reivindicação.

Êsse aspecto de triplice representação é um dos caractéres marcantes de toda Organização Internacional do Trabalho, pois vamos encontral-o tambem no Conselho Administrativo do Bureau Internacional. Aqui, entretanto, trabalhadores ou empregadores, não são mais, designados pelos respectivos governos, mas sim eleitos, uns pelo grupo operario outros pelo grupo patronal presente á Conferencia.

No Conselho, não importa a nacionalidade, salvo para os representantes do governo.

O Bureau Internacional do Trabalho é composto de funcionarios

sem a preocupação representativa.

Uma vez examinados, assim, em breves linhas quais os orgãos com que conta a Organização Internacional do Trabalho para levar a cabo os seus objetivos, vejamos que funções lhe cabem e como as exerce.

Dos fins praticos, que a Organização Internacional do Trabalho se propõe, o principal é o de preparar os projetos de convenções e recomendações de trabalho.

Ao Conselho Administrativo do Bureau Internacional do Trabalho cabe decidir na inscrição das questões que estarão na ordem do dia das futuras Conferencias.

Ao Bureau compete o exame de cada questão dos relatorios em que sejam examinados os aspectos juridicos e práticos, e, finalmente, é atribuição da Conferencia discutir, redigir difinitivamente e votar os projetos de Convenção e Recomendação.

Além dessas atribuições, encargo tão importante quanto êsse é o de discutir o relatorio anual do diretor do Bureau Internacional do Trabalho onde êle esboça a paizagem economico-social do mundo, daquele ano, dai acabando por sugerir as diretrizes que devem ser dadas á Organização Internacional do Trabalho no periodo seguinte.

A politica social, que a conferencia irá manter, não emanará tão sómente da discussão do Relatorio do diretor. Terá que sofrer, posteriormente uma redação mais concisa e mais categórica, sendo, então, posta em votação.

Entre as funções que o Conselho Administrativo do Bureau Internacional do Trabalho tem que exercer, é necessario referir a de votar o orçamento de organização que irá demarcar de ação por parte do Bureau.

Quanto ao Bureau Internacional do Trabalho, além da preparação tecnica das Conferencias, deve, por força do proprio Tratado, recolher, elaborar e distinguir as informações que dizem respeito a todas as questões economico-sociais relacionadas ao trabalho humano.

No exercicio desta ultima atribuição, o Bureau perde muito do seu caracter burocratico para ganhar aspecto de centro de pesquizas dos problemas sociais que agitam o mundo moderno.

Para isso, tem um mecanismo que lhe permite recolher e redistribuir pelo mundo inteiro, após elaboração, uma quantidade de informações preciosas.

Fal-o, não sómente por intermedio da sua "Revue Mensuelle" e pelas suas "Informations Sociales", mas ainda, por uma série de estudos documentados que expõem os diferentes estágios em que se encontram, atualmente, as organizações, quer trabalhistas, quer de empregadores nos diferentes paizes.

O objetivo que a Organização Internacional do Trabalho pretende alcançar, aproveitando esclarecimentos fornecidos pelos estudos do Bureau Internacional do Trabalho, é o de "prever" afim de melhor "provêr".

Finalmente, como função essencial da organização em que estão associados a Conferencia, o Conselho Administrativo e o Bureau Internacional do Trabalho, temos o contrôle das aplicações das convenções pelo Estado que as tenha ratificado.

Isto se torna necessario, pois, muitas vezes, o Estado que aceitou a ratificação, tem legislação operaria própria que entra em conflito com a convenção coletiva internacional.

Outras vezes o Estado ratifica, mas não faz a aplicação da convenção dentro do seu territorio.

Os meios com que a Organização Internacional do Trabalho conta para exercer essa fiscalização estão representados por uma Comisão Permanente, instituida pelo Conselho Administrativo do Bureau Internacional do Trabalho que examina, anualmente, o relatorio que lhe enviam os Estados-Membros.

Os resumos desses relatorios são, depois, mandados a uma comissão especial da Conferencia, que os estuda, examina e dá parte das suas observações e do seu desideratum na sessão plenaria da Conferencia.

No caso da Organização Internacional do Trabalho receber queixa de que um Estado, que ratificou uma convenção, não tornou efetiva a sua aplicação, o Conselho Administrativo indica uma comissão de inquerito que, de acordo com os resultados, se dirige ao Estado faltoso e, se este não cumprir as recomendações, a questão será submetida á Côrte de Justiça Internacional que poderá atribuir sanções economicas ao Estado inculpado.

As conquistas que os trabalhadores têm realizado no campo social se têm imposto, sobretudo, através das Convenções Internacionais do Trabalho.

Como, porém, a aplicação dessas convenções em territorio nacional depende da ratificação por parte de cada Estado, é do maximo interesse, para os trabalhadores contar com uma força de opinião capaz de influir na aceitação dos principios reivindicados nas ditas convenções. Para isso, isto é: para consolidar essa força de opinião, os trabalhadores devem organizar-se em sindicatos e estes, por sua vez, têm que influir sobre o governo em um sentido de estudo e solução dos problemas sociais mais imediatos e mais importantes.

A importancia de uma sólida organização sindical é tamanha, que se reflete no proprio seio da Conferencia Internacional do Trabalho onde as questões e os problemas que interessam aos operarios industriais e maritimos, têm sido tratados com muito mais intensidade e em muito maior numero, que as que dizem respeito ao bem-estar do trabalhador agricola ou ao empregado no comercio.

PARTE II

CONVENÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Durante os seus dezoito anos de existencia, a Conferencia Internacional do Trabalho, aprovou 52 convenções e 46 recomendações de trabalhos, que zelam por condições imprescindiveis á vida do trabalhador, nos tempos presentes.

Votação e aprovação não seriam suficientemente expressivas, do ponto de vista das conquistas do trabalhador, se não tivessem sido acompanhadas de um movimento crescente de ratificações por parte dos Estados-Membros.

Ademais, outros argumentos a favor da projeção e influencia que a Organização Internacional do Trabalho exerceu de maneira indireta embora, são os casos de Estados não Membros cuja legislação trabalhista está apresentando as marcas da orientação geral do B. I. T.

Dentre os problemas do trabalhador, que a Organização Internacional do Trabalho procurou resolver através de convenções, presentemente quasi universais, estão os de duração do trabalho, com limitação do dia de 8 horas, do repouso hebdomadario, das férias pagas e do trabalho á noite.

Têm igualmente sido objeto de convenções a assistencia medico-sanitaria aos trabalhadores, em casos de molestias, a protecção ao trabalho dos menores, com o recuo para limitar á idade minima de 14 anos, o trabalho dos menores.

As convenções sobre o trabalho das mulheres quando em condições especiais de saude, por exemplo periodo de gestação, pre e post-parto.

Dentre os trabalhadores que, até hoje, tinham levado menor numero de problemas e reivindicações á Organização Internacional do Trabalho estavam os intelectuais.

Facilmente explicavel era essa

"TERRA" - Poema de Mario Donato

Affonso Schmidt

Mario Donato é um nome que, pela primeira vez, aparece no alto da capa de um livro. Deve, portanto, ser contado entre os herois e os mártires que, num tempo como o nosso, escolhem entre todos os caminhos que a vida moderna apresenta, o mais triste de todos, o de escritor, de poéta. Mas o estreante pertence a uma geração que, por ter sido abandonada numa encruzilhada da História, tem muita verdade a dizer. Compreendeu mesmo que, no nosso tempo, quem vê alguma cousa sobre o mar dos homens e sente alguma emoção no cháos dos dialogos desencontrados, tem o dever de comunica-las ao maior número, sob pena de traír a propria conciência.

No seu trabalho de estréa, Mário Donato mostra-se um apaixonado da terra e do homem que a cultiva, regando-a com um pouco de suor e um pouco de sangue. Dentro desse sentimento, ele sonha com a liberdade, uma liberdade sem a qual não póde haver trabalho, vida, felicidade.

Quem ama a terra e o trabalho tem que ser, por isso mesmo, pacifista. Então, para simbolizar todas essas cousas que muitos pensam e poucos sentem profundamente, ele foi buscar distante, na nossa História, uma página da escravidão do negro, agravada pela Guerra do Paraguai, durante a qual era praxe entre os "filhos de algo", resgatarem a sua presença nos batalhões por um certo número de escravos. A escolha do episódio foi felicíssima.

"Chico Preto" — esclarece o poeta — herói dêste poema, é algo mais do que um negro liberto e afeito ás cousas da natureza, que não quer abandonar a terra por ser seu filho, e que não póde participar da luta por ser bom". E mais adiante: "A sua repugnancia pela hecatombe social não é apenas um sentimento humanitario de pacifismo ou covardia: é a revolta instinctiva do "homem da terra", que se vê constrangido a intervir na solução de um problema contrário á sua indole, e que o desvia da sua verdadeira finalidade". Essa a explicação que ele dá para o protagonista do poema, que morre por não querer matar. No entanto, quem se deixa embalar pelos versos harmoniosos do poema e vê perpassarem na imaginação, acordada pelos ritmos, as cênas fugidias que os versos vão evocando, compreende que a verdade humana ultrapassou talvez os planos previamente organisados pelo poeta.

Não se trata de fenomeno muito raro escrever-se qualquer cousa que, satisfazendo aos desejos do artista, atinge fortemente a problemas que no momento nos pareciam afastados de nossas cogitações. Têm-se a impressão, em tais casos, que uma especie de superior instinto coletivo debruça-se sobre a mesa dos escritores, toma de mansinho o seu pulso e, enquanto eles se dispõem a dizer cousas atinentes ás preocupações do momento, fixam para sempre as grandes emoções, os sombrios pressentimentos e as demolidoras idéas de uma época. Foi em ocasiões semelhantes que surgiram obras como a "Divina Comedia", as anedotas frascarias de Rabelais, ou o "Dom Quijote", que podem ser lidas de diferente modos.

Peladan, por exemplo, descobre nelas um sentido particular que, se fôra revelado durante a vida dos autores, bem caro lhes custaria. Para ele, a "Divina Comédia" não passa de uma "Divina Diatribe", e Rabelais, ao contrário, foi o grande místico do seu tempo. Depois de Peladan, outras interpretações foram dadas a essas obras. E a gente pergunta se, ao escreve-las, eles estavam certos da obra que iam fazer. Se não estavam, os seus amigos certamente o estariam. Por isso, o autor de "L'Accerba" dizia a Alighieri:

— "Você tantas vezes vai ao Inferno, que um dia lá fica..."

Era uma advertência, não contra o Inferno, mas contra a justiça do tempo.

Não será este precisamente o caso do poeta Mário Donato. Naturalmente, no seu poema não existirá por traz do que ele disse, qualquer cousa que ele não poderia dizer. Mas há — e isso ninguem o negará — o antagonismo entre a liberdade, o trabalho e a vida, e os sentimentos deshumanos da guerra, que, por mais que se combata, mais viva e ameaçadora se nos apresenta.

E um poema sobre tal assunto é bem eloquente: mostra que o pensamento dos filósofos já se transformou no sentimento dos poetas, isto é, entrou em contáto com as multidões. E o poema de Mário Donato, vasado nos ritmos consagrados, agrada, enleva, comove. Foi, a meu ver, uma das melhores comemorações do primeiro cincoentenario da Abolição.

---

lacuna uma vez que nunca os operarios da pena haviam cuidado da sua organização.

Os interesses em jogo, desirmanados e isolados pela distancia, desleixo e pessimismo, haviam reduzido, aqueles que, por força, deveriam ser os "leaders" de movimentos sociais a u'a massa informe e desagregada.

Foi preciso que o imperativo categorico da miseria, por um lado, e da situação de inferioridade em face de outras classes, por outro lado, castigassem impiedosamente o trabalhador intelectual para que êle se resolvesse a formar uma união, hoje ainda incipiente realidade representada pela P. E. N.

CONCLUSÕES:

E' óbvio insistir, aqui, sobre a inestimavel função que a Organização Internacional do Trabalho vem exercendo desde sua formação.

Não devemos, entretanto, omitir o seguinte: que a Organização Internacional do Trabalho, arrematando em uma só instituição o quadro das associações congêneres até então tentadas com mais ou menos exito, conseguiu mudar o panorama social através da afirmação e defeza dos direitos de uma classe numerosa que até então servira apenas como material aos exploradores e aos ambiciosos.

IVA WEISBERG.

ANA AMELIA e "A harmonia das coisas e dos seres"

MARIA JACINTHA

A poesia feminina no Brasil, concentrada em alguns nomes supremos, que a vêm sustentando com raro brilhantismo, agita-se, de novo, num movimento promissor. Depois de nos terem dado livros positivos de poesia, as nossas poetisas como que se retiraram, rumo a desertos desconhecidos — para meditação. Mas agora começam a voltar, elas ainda, essas mesmas ás quais a Poesia feminina deve a razão de ser de sua existência aqui — e só é de lamentar que outras não tivessem surgido, para a elas se incorporarem e com elas harmonizarem seus cantos.

E, a êste regresso, que Rosalina Coelho Lisboa, ainda em sua fase de estesia (periodo pré-nazista), foi a primeira a marcar com "Passos no Caminho", e ao qual aderiu, logo após, com "Velário", esta surpreendente Henriqueta Lisboa — a maga da emoção, da música e dos coloridos — vem agora se incorporar Ana Amélia, apressando seus passos no cumprimento de uma promessa que já nos tardava a chegar, para nos traduzir e revelar, com a sua agudíssima persceptibilidade de artista, a harmonia das coisas e dos seres.

Como Henriqueta e como Rosalina, o seu regresso foi o do triunfador. Suas mãos não vieram feridas dos espinhos, não trouxe a alma cansada de jornadas — e seus olhos, que tão bem sabem penetrar a beleza das cousas, recolheram as luzes de todos os deslumbramentos. Em lugar de nos vir chorar o desconsôlo de fadigas irremediáveis, a poetisa volta na eterna mocidade de sua inteligência, em pleno vigor de seu entusiasmo de artista, que recolhe as vibrações de tôdas as cousas vivas, e seus versos nos chegam impregnados do perfume de tôdas as primaveras, do esplendor de todos os estíos vividos em pleno sol, numa profusão de frutos em cujo amadurecimento, apenas, se presente o outono, mas onde os coloridos de uma perpétua juventude de alma são indeléveis — peregrina de paises por onde não anda o inverno.

⁂

Enquanto, numa onda de exaltação social, os literatos ficaram em função declamatória, cada qual supondo ter, nas mãos, o futuro da nacionalidade ou o destino dos povos, Ana Amélia recolheu-se para a sazão dos frutos de sua inteligência e nos oferece esta desalterante "A Harmonia das coisas e dos seres", que é, essencialmente, um livro de poesia e onde sobrepuja, a tôdas, a nota do lirismo sadio e da meditação que inventa mundos. Porque, prosseguindo sempre "para o clarão quimérico do amor", a poetisa canta e quer conter num verso "tôda a luz de Universo e a grandeza dinamica do ser". Não as contém, é certo, em um só verso, mas contém-nas em "Marcha para o Infinito", que é um perfeito modêlo de infiltração do ambiente no artista, de intercambio dêstes com o Mundo (intercambio cósmico, digamos, se possivel), de harmonização integral das emoções do poeta com a palpitação, com a música, com a côr da Vida, na troca de vibrações vitais e no concêrto magnífico de seus rítmos.

Apenas não posso aceitar os sentidos da poetisa em função de antenas. Não compreendo, mesmo, que num instante de tal acuidade estética, lhe tenha ocorrido a idéia, de ser antena, "esperando, no espaço, as vibrações do Mundo".

Ante o desconcertante da imágem e o absurdo da atitude, compreenderia, de preferência, falhasse a rima para serenas. Tanto mais que se não pode negar á poetisa a oportunidade dos gestos e a ciência dos termos — dentro de uma conciência muito escrupulosa de rítmo. Aquela coisa, por exemplo, em sua alma, "alargando" as angústias dos seus nervos, torna êste **alargando** um achado bastante expressivo. Tão expressivo, que dispensava a comparação que o vulgarisa (ou pelo menos lhe tira o efeito e a profundeza) com as cheias que alargam pela Terra as águas agitadas: sempre que, para uma expressão bem achada, vem a explicação que a concretiza, o nivel da primeira é baixado numa quasi anulação.

A Poesia é música que se ouve, beleza que se interpreta. Não precisa, portanto, do dístico explicativo. Há comparações descabidas. Destoantes. Principalmente para quem, como a poetisa, **combina** com os próprios versos...

Seduzem-nas as emoções serenas, a magia das músicas em surdina, das palavras veladas, dos ambientes de penumbra. Sua poesia envolve e se infiltra. Não precisa ser explicada. Nada grita em seus versos — e, por isso, nada desafina dessa personalidade macia de artista que ela se vem compondo desde "Alma" e "Ansiedade", dentro de uma atitude que parece ser o seu ponto de honra: não destoar.

Por isso, também, nunca presenciamos contrastes chocantes da poetisa com o indivíduo social. E quando se vêm personalidades de perfeita estrutura estética comprometerem tôda uma obra de beleza, em falas que exploram a boa fé de platéias — crentes ou esmagadas pelo fascínio de uma dialética, inegavelmente, do ponto de vista literário, bela, ou em oratórias eivadas de lugares-comuns, excitadores de massas sem exigências estéticas e profanadoras de passados de fidelidade ás cousas belas — não se pode negar o gesto de aplauso a artista incorruptível, que teve o bom gôsto de se conservar serena, num momento em que tanta gente se inflamava... ou fingia se inflamar por "snobismo".

O bom gôsto e a sinceridade. Sem atitudes estudadas de condutora de multidões, sem recorrer ao teatralismo de cóleras pressagas, Ana Amélia nos diz com os seus versos: — "Só o meu mundo me interessa". Mas porque o seu mundo é vasto e vai além dos limites das suas próprias emoções ou necessidades, Ana Amélia, sem transpor ainda as fronteiras, já lança além delas o seu olhar interessado, numa promessa (ou numa ameaça?) de passá-las um dia, de provar outros climas, menos suaves, é certo, mas onde a vida é mais forte e mais integralmente vivida — ampliando sua percepção para recolher as vibrações humanas, até agora apenas pressentidas.

Libertada dessa meia luz intoxicante em que vivem seus versos, da tepidez convidativa de seu clima poético, dessa quasi indolência com que apreende os aspectos humanos, Ana Amélia se poderá marcar mais fundamente na Poesia, con-

sentindo em se deixar arrebatar por um sôpro mais forte, um assomo menos contido de vitalidade. Para fazê-lo, nada lhe falta — nem mesmo esta espécie de cristalização da espiritualidade a que atingiram seus versos. Mas fará a poetisa o gesto de rebelião?

***

A arte de Ana Amélia Carneiro de Mendonça é muito serena e muito real para se deixar contagiar de delírios transitórios — e seus versos emanam de uma inteira e perfeita lucidez estética, que tem suas raizes numa formação artística cuidadosamente disciplinada, numa adaptação integral aos ambientes literários bem utilizados e magníficamente assimilados.

Mesmo quando seu verso declina para uma fraqueza de Forma que nem sempre concorre a uma prova de resistência com outros da mesma poetisa e de outros poetas, do ponto de vista **idéia** traz, sempre, alguma cousa de alto a valorizá-lo — valorizado ainda mais pela permanente inspiração que o caracteriza.

Lançado após um longo silêncio — silêncio promissor, garantia de uma elaboração conciênte e serena — "A Harmonia das Cousas e dos Seres" marca um estágio obstinado em um plano de beleza a que a poetisa se alçou desde "Alma" e "Ansiedade" e no qual se vem equilibrando com entusiasmante habilidade profissional e notável dignidade estética.

Fraquejando algumas vezes, hesitando outras, diante do arrojo de uma forma poética ou da energia musical de um ritmo — incapaz que é ela de atingir a um vigor de estilo de que, muitas vezes, se ressentem seus versos — a poesia, com isso, apenas define sua feição literária e a índole de sua poesia.

— "Boa índole"... glozará, imediatamente, alguém que exija do artista bom comportamento — no sentido enervante do termo. E, na realidade, o é. Talvez em contraposição ao delicioso "menino impossível", conferido a Jorge de Lima e dando, naturalmente, á expressão sentido suportável, não podemos deixar de oferecer á poetisa o titulo de artista bem comportada da literatura brasileira, cujas expansões não vão além de uma discreta meia confissão, em que suas emoções são apenas percebidas em ressonancia ou em longinquas vibrações que só apanhamos aos pedaços.

Mas esta poetisa que parece ignorar o grito, a rebelião, a tortura das angústias, a desordem interior, e em cujos versos apenas transparecem suavidade e lirismo repousado, tem, contudo, a fascinação, a obcessão e talvez (quem sabe?) o estígma do êxtasi em seus poêmas.

Fascinação, obcessão, atração conciênte, prazer procurado e longamente gozado, ou fatalismo que a escravisa a um estado de culto estático diante das cousas, impedindo-lhe o explendor de uma admiração exaltada pela gloria serena de uma contemplação, o êxtasi é o seu estado permanente de arte e é o seu momento fecundo de poesia. E' diante da própria felicidade — estática diante dos bens que a Vida lhe oferece — que a poetisa encontra o seu ponto de partida, na razão, de ser, revelada, de sua arte. Se a dor alheia a comove, se os infelizes a chamam, é porque em sua inquietação de beleza e nessa espécie de religiosidade com que a fita quotidianamente, seu espírito se choca com o vasio e o escuro de outras almas: lamentando-as, é a interrupção da própria harmonia interior que ela lamenta; querendo corrigir a desigualdade das cousas, é a fluência de seu destino de artista que defende.

A piedade, em seus versos, existe, na realidade — porque o seu senso de solidariedade humana já está bem desenvolvido. Mas existe na maioria das vezes ,convenhamos, ainda em caráter de escrúpulo estético. Para que a beleza que cultua seja imácula, é preciso que tôdas as coisas harmonizem com ela — integrando-a ou emoldurando-a. Na musicalidade ambiente que a poetisa se compôs, não cabem as imprecações, as dores violentas, os aspectos da miséria física e moral — e sua sensibilidade de esteta, se estaca emocionada, recua tambem, ferida, manchada em sua pureza. Em sua confraternização com os infelizes, Ana Amélia não toca as feridas de perto, não vibra em unísono com as dores coletivas, nem faz seu o pranto dos desgraçados. Sabe escutá-los, porém, e acolhê-los, em paralelos altruísticos. E' verdade que sua poesia tem — mesmo quando parece se ampliar em observações que vão além de suas próprias emoções — um caráter positivamente individualista. Tudo nela é refletido no espêlho de sua vida. Mas é exatamente nesse espêlho que Ana Amélia faz seu estudo comparativo — atingido, então, a uma compreensão mais perfeita das coisas e dos seres. Só depois dessa comparação, seus sentimentos de solidariedade, adormecidos, se agitam. Sua poesia é, então, tôda salpicada de idéias evangélicas, de ansiedades de partilhas, de desejos de uma sacrifício compensador, pagando á Vida o seu tributo de sofrimento (mas não há sacrifícios compensadores: o sacrifício apenas aumenta o número de sacrificados. Há, isso sim, esforços compensadores), de impressões de vergonha diante das misérias alheias — porque, como para a maioria dos passantes, a imagem visual é a primeira a chamá-la á realidade. Isso não a impede, porém, de pensar, imediatamente, no seu proprio sonho e de ver, na dor dos infelizes, talvez a razão "do grande sonho que florece em seu glorioso coração".

— "Capitalizando a dor dos outros" — dirá, naturalmente, algum proletário dos sofrimentos que se perdem em lágrimas inúteis, que não rendem glória, nem revertem em sonho realizado de beleza...

Mas será uma poesia egoística a poesia de Ana Amélia? Talvez não. Ser individualista; coar as vibrações alheias atravez as próprias vibrações; olhar o mundo dos outros, só depois de ter visto muito o seu próprio mundo, é falha humana e literária a que o homem e o artista só fogem quando a isso se resolvem voluntariamente.

Talvez pareçam tais comentários sugestões de carater subversivo, desejo de tirar a poetisa do "bom caminho". Nada disso. Apenas, Ana Amélia nos autoriza a essas exigências, em tôrno do caráter evolutivo de sua poesia, porque nos deixa ver, pela ternura fraternal de suas reflexões, que em sua alma há, ainda, lugar para as coisas belas e boas que seus versos nos prometem, sem nô-las dar totalmente — porque, de tôdas as poetisas brasileiras, é a única que, de dentro de seu mundo, sabe também olhar, de longe, o mundo dos outros, a única em que palpita, sem violência, é certo, mas sincera e espontanea, a simpatia pelos sofrimentos humanos.

Inflamada pelos deuses guerreiros — seus amigos íntimos — Rosalina Coelho Lisboa não

tem calma (talvez porque tais assembléias sejam por demais ruidosas) para ouvir os clamores humanos, que nem sempre são clamores, mas simples gemidos, perceptíveis, apenas, no silêncio e no recolhimento; repartindo-se entre o seu romantismo e as ironias que dardeja, Maria Eugênia Celso, é, também, bastante ocupada, para poder sentir mais do que a piedade convencional, que perdoa sem compreender — o seu discurso, por ocasião de uma festa no Asilo do Bom Pastor, e sua crônica a respeito da morte de Silvia Serafim, provam bem o quanto ainda está ela afastada dos reais problemas da existência; embriagada, envolta, mergulhada em beleza, Henriqueta Lisboa, quando vem á tona, conserva o esplêndido atordoamento de sua intoxicação de poesia: seus olhos se ficam fechados aos mundos menos luminosos, menos musicais, enquanto Gilka Machado, descansando do tropicalismo genial de seus poêmas, só sabe, diante das misérias, tomar atitudes catedráticas de propagandista do maltusianismo. Todas **comentam:** Rosalina Coelho Lisboa vibrando, sempre, em sua perpétua inquietação de sonoridade; Henriqueta, deslumbrada pela vida onde há apenas beleza; Maria Eugênia Celso quazi em função de dama de caridade; Gilka Machado selvagemente fechada a qualquer coisa que não seja á própria exaltação... E Ana Amélia? Esta não comenta: interessa-se. Que seja por um só momento, não importa: um minuto de comprensão, um instante de solidariedade, valem mais do que tôda uma vida de piedade ineficaz. E, enquanto tôdas passaram, Ana Amélia foi a única que escutou e parou, para fazer á infancia, anônima e desvalida, a oferenda comovida de "Por uma tarde fria..."

"Não há obra perfeita, sem a criança e sem o amor" — disse Zola. Em sua obra, Ana Amélia os tem, a ambos: a criança e o amor. Se algum detalhe falta, se falta um pouco mais de convicção em alguns de seus poêmas, essas duas marcas de beleza a redimem lindamente.

Com "Os Mineiros", sente-se, em "A harmonia das coisas e dos seres", nuances de poesia social. Fixar-se-á essa nuance, em alguma côr definitiva? (Sem alusão, esclareça-se).

⁂

Ana Amélia é a negação da máquina. Qualquer verso em que procure confraternizar com os ambientes mecanicos, não passará de uma afetação. Entre um luar e uma forja, ninguém, a acreditará caída pela forja — e, por isso, o seu "Poêma do ferro" seria coisa bem pouco convincente (á parte o seu ritmo inegavelmente bem apreendido), se senão percebesse, logo, nele, o disfarce de uma saudade, a reminiscência de instantes que puzeram versos bárbaros em seus nervos. O ferro entra alí apenas como pretêsto ou como válvula de escapamento. Uma agitação interior (a **fúria,** como a classificou Erico Veríssimo) precisa de qualquer coisa para se expandir. Ana Amélia **saiu** pelo barulho dos motores, pelo fragor dos malhos, como poderia ter feito, em estado mais plácido de espírito, pela surdina envolvente de uma melodia.

E' costume, quando se comenta um livro, destacar-se o que há de mais expressivo, para lançar como documento de seu valor. Vejamos algumas amostras de "A Harmonia das Coisas e dos Seres".

Deixando já assinalada "Marcha para o Infinito", "Extasi", é a emoção imediata, marcado de uma cadência de canto de beira dágua, versos marulhantes, cuja música parece tirada de dentro de conchas e que se confunde com o mar — um mar que tem corpo, e alma, e gestos...

Se eu tivesse aceitado a poetisa "posando" a antena, em face da música universal, cometeria, agora, a inconveniência de comparar "Extasi" a um disco, onde se teriam gravado êste corpo, esta alma e êstes gestos sonoros.

Fugindo, á realidade, para o seu reduto de sempre — o sonho — "Sêde" é ainda um belo momento de arte, ampliado em "Palavras a um homem", onde um sôpro de idealidade, intenso e fresco, marca a perpétua mocidade de suas emoções.

Mas o "climax" do livro é, ao lado de "Extasi", "Soneto para a morte":

"Quero morrer, sem que se desiluda..."

E' também costume dizer-se, nos comentários, as impressões más que os livros nos causam. E porque nunca podemos sentir agrado integral por qualquer coisa, sempre nos chocamos com um verso, uma idéia que nos parece vulgar, um ritmo que nos traz a reminiscência de certas impressões adormecidas... Uma atitude literária muitas vezes se reflete, em nós, de maneira tão imprevista e nos provoca associações tão absurdas, que a gente hesita em confessá-lo... por respeito próprio.

Em "A Harmonia das Coisas e dos Seres" a "diferença" é "Cansaço".

Aquelas caminhadas arrastadas por desertos e cidades, aquele puxar de grilhões de ferro e de mantos de ouro pelas regiões abandonadas, vieram despertar recordações de uma história que se ouve quando criança — história arrepiante a que se deve muita insônia e muito susto: "Eu sou a cabra cabriola, que anda por mantos e vales, por igrejas, por altares..."

A' parte essa impressão de caráter particular, há, ainda, em "Cansaço", um fecho frouxo demais para a grandeza das reflexões que nele se encerram.

Notam-se também, no livro, pequenas falhas que se nos apresentam gritantes, em contraste com as coisas belas e boas que o livro tem, em profusão. Diante do Amazonas, a poetisa se confessa "pequena e miserável", o que é, positivamente, vulgar, e, decerto, não terá sido a única impressão sua... ou talvez nem mesmo tenha sido impressão. Essas afetações de humildade diante da natureza, já não convencem mais. Fala em "colares que lhe adornam a fronte" — um descuido de péssimo efeito, se quisermos concretizá-lo. Mas porque esses defeitos não fazem parte de seu estado normal de poetisa, mal cai com a confissão de sua miserabilidade diante do Amazonas, sobe logo quando fala em "longos nervos liquidos" — que é uma imagem de apreciável valor.

⁂

Sem falsificar a essência de seus versos, sem trair-lhes o passado e sem renegar os seus primeiros entusiasmos estéticos, Ana Amélia acompanhou, serenamente, a evolução da Poesia, modernisando, sem exagero, os seus métodos e abandonando, sem alarde, as fórmulas velhas que lhe limitavam a expansão. "A Harmonia das Coisas e dos Seres" está como um belo pássaro de azas livres, experimentando seu canto, antes de alçar o vôo que, já agora, coisa alguma deverá deter. E, do descampado em que se encontra, descortina o Infinito.

Uma pagina de Jean Guéhenno

Tinhamos então 20 anos. Era por um claro mês de Julho e o sol iluminava a Europa. Tudo parecia pronto para o nosso triunfo. Nossos pensamentos, como a terra, amadureciam. Não sabiamos ainda viver — mas viviamos.

E a guerra chegou, derepente, porque um arquiduque austriaco, de quem não se sabe mais o nome, tinha sido assassinado em Sarajevo.

Esses últimos dias de antes da guerra me deixaram a recordação de uma grande febre. Se êles foram os últimos de um mundo, de uma civilização, faltou para a maioria a clara e precisa conciência para vivê-los como êles o mereciam.

Nós esperávamos. Só podiamos esperar. Os que eram a carne, a alma, o material dos próximos combates, nada sabiam, nada podiam decidir. Mas sentiram-se súbitamente cercados de atenções e de honrarias. Em todo paiz falavam-lhes como se em suas pessoas se falasse á Nação. Por toda a parte os ministros afirmavam que "a Pátria podia contar com seus filhos". E essa palavra "filho" tinha um prestígio todo novo. No terrasso de um café, um velho que lia um jornal me agarrou pelo botão da túnica e trêmulo, com os olhos brilhantes, exclamou: — "Com jovens como você!..." Nós ficavamos impacientes e um pouco orgulhosos.

E entramos nesse mundo fatal e violento onde estamos, mais vividos do que vivos e ao qual do fundo de minha alma, digo não.

Começamos a viver uma vida que não queremos, onde mesmo nada há a querer, presos a um sistema de ilusões e de forças que nos comandam e nos arrastam. Tudo o que posso contra êle é essa queixa e essa recusa?

Em poucos dias processou-se em mim um estranho trabalho de renúncia e de adaptação, um fantástico abandono. Foi-me preciso deixar todos os meus sonhos, cessar de crer em tudo em que eu tinha crido. E eu tinha crido tanto na sabedoria humana!...

Pensava sinceramente que, em todos os tempos, os melhores homens se tinham aplicado a nos compor essa alma reta e sensivel que sentiamos palpitar em nós. E caíamos nessa barbaria!...

Era preciso desprezar a vida que nos haviam ensinado a venerar. Prontos para todo o bem, fazer todo o mal. Não mais viver e dar a vida, mas morrer e dar a morte.

Obedeciamos ás ordens de um tirano invisivel e astuto, iamos para onde êle nos levava, sem que nos fôsse possivel recuperarmo-nos ou resistir — como um condenado que, em sua prisão, se conduz de quarto em quarto, até aquele em que, enfim, deve e pode morrer.

Mas talvez, recordando assim os fatos, eu ceda demais á minha própria paixão. Sei que, para muitos jovens, tudo foi mais simples. Eles aplicavam, simplesmente, a força e a generosidade que estavam neles, nessa ação nova e estranha que lhes era proposta.

O que quer que tenhamos feito, peço que nô-lo perdoem. Dominava a confusão, aquem do humano.

Quem poderá pois se vangloriar de ter então visto claro em si próprio, de ter pensado no que fazia?

Peço que perdoem tanto aos "heroes" quanto aos desertores. Péguy escreveu certa vez "que se não pode querer mal ao mundo por uma desgraça que excede o mundo". Eu direi que se não pode tambem querer mal aos homens pelo que lhes aconteceu fazer em uma tal desgraça, quando tôda a conciência estava perdida.

Pelas 4 horas do dia 1.° de Agosto, quando o cartaz branco apareceu nos muros da rua Gay-Lussac, eu estava preparado, preparadíssimo, como todos os outros.

Em Saint-Jacques-du-Haut-Pas, a 50 metros de altura, o rebate soou. Dobre de finados por ti, Mocidade! Eu tinha um violoncelo que tocava mal. Com infantil frenesi toquei e cantei "Sombre-et-Meuse": "Les fils sont plus grands que les peres"...

Tenho vergonha desse momento de minha vida.

Foi então lembrai-vos, que tornamos a ser crianças simples, humildes e nuas, como quando nasceramos — nús como pobres Sãos Joãos, como dizia minha mãe.

Jovens de cabeças cheias de sabedoria que, ainda ontem, não recusávamos saber que eramos a mais alta conciência da Europa, aquilo que, no correr dos séculos, por um lento trabalho interior, ela havia concebido de mais artificial e de mais delicado, tôdas as nossas ideologias, tôdas as nossas filosofias tombaram num momento. O castelo de cartas voou. Tal era o nosso aviltamento, que não havia mais lugar, na Terra, para uma vontade livre.

Eramos simples joguetes de deuses bárbaros. Contras as forças ocultas que pareciam querer nossa morte, aceitamos que os que nos amam opõem outras forças ocultas que êles diziam capazes de nos preservarem.

Quando ficou estabelecido que eu "partiria", minha mãe foi ver-me á caserna. Ela tinha algum dinheiro e quís que eu comprasse uma dessas coiraças que jovens mercadores tinham apressadamente fabricado e que se podia usar sob a túnica. Segura proteção — pretendiam êles — contra as balas e os "shrapnells".

Expliquei á minha mãe que essas placas blindadas me pareciam ineficientes e incômodas.

Então, chorando muito, ela me perguntou se eu lhe queria dar prazer aceitando trazer a meu pescoço, em intenção a ela, sómente por ela, medalhas que me tinha trazido. Isso dizia, servir-me-ia na vida e na morte; pois, se eu devia morrer, ao menos não devia morrer como um cão.

Ela mesma desfez o laço de minha gravata, desabotou meu casaco, abriu minha camisa e me colocou ao pescoço, sôbre a pele nua, para que me ficasse mais perto do coração, um saquinho. Jurei-lhe guardá-lo até ao meu regresso.

Abri depois êsse saquinho. Continha um Sagrado Coração de Jesus, pintado em vermelho sôbre um trapinho engomado, uma imagem de Santa Terezinha "que atingiu á santidade fazendo o bem na Terra", duas medalhas da Virgem, que me devia guiar e suplicar por mim a seu filho, duas outras medalhas, enfim, que representavam Deus Todo Poderoso —

mais misteriosas e, sem dúvida, mas poderosas. Ai só vejo iniciais destituidas de sentido para mim.

Todo o ritual estava cumprido. Os fados podiam prender-me.

Nesse interim eu me havia tornado um belo oficial. Parti. Era uma manhã de inverno. Eu nos revejo — minha mãe e eu — em uma estação, no meio da balburdia de outros seres, ocupados, tão solitáriamente como eu, a dar a última demão á sua mochila de misérias, para meses, para anos ou para sempre. Minha mãe, chorando, contemplava sua obra e eu sentia grande piedade dela e falava-lhe com uma voz doce como a de uma criança.

Corrí a comprar provisões nos botequins visinhos á estação. O solo repercutia um som sêco no ar plumbeo. Que bondade em todos os rostos! As pessoas nos sorriam como se nos conhecessem e nos devessem rever breve. As vozes das vendedoras tinham inflexes ternas como as de um padre ministrando os santos óleos. As moças enviavam-nos beijos na ponta dos dedos — elas das quais, em outros tempos, teria sido preciso roubá-los — e nos asseguravam, por olhares, que esperariam, esperariam. E tudo — beijos, olhares, sorrisos — tudo parecia querer prender-nos á vida.

Eu estava orgulhoso por tantas atenções, por minha roupa nova e pelo que significava de audácia e de renúncia partir assim para um mundo misterioso. O orgulho, um vago temor, a geada, faziam-nos fremir as narinas. Eu estava alegre — duma alegria áspera e febril como o vento.

Enfim o trem, lentamente com tôda as portas fechadas, de acordo com a ordem, rodou diante de um coronel de képi branco que saudava — dentro de um ruido surdo de gritos e de canções; depois, durante 36 horas, deslisou á margem dos rios, escalou as colinas, atravessando a França de Loire e Dunkerque.

O primeiro dia pareceu curto. Eu estava no carro dos oficiais mas, várias vezes, visitei os *homens*. Eles cantavam como numa festa camponeza ou como peregrinos em viagem aturdindo como se temessem o silencio. Um deles dirigia o côro: um homenzinho que, encolhido em um canto do carro, de túnica desabotoada para refrescar o peito que se via subir e se abaixar como um fole, o queixo para o ar, os olhos no tecto, encadeava, infinitamente, uma romanza ás outras romanzas. Passava por trinados, de uma ária a outra mais ou menos imóvel, só avançando a cabeça nos estribilhos. Então marcava o compasso, desencadeava o tumulto e, enquanto cantava ainda, eu o via sorrir quando tôdas as vozes cobriam, enfim, o ruido de ferro velho que fazia o trem.

Assim conseguia-se não pensar demais. Mas essa falsa alegria desapareceu com o dia.

Cansaço ou involuntária agonia, sobretudo a impiedosa noite, faziam cada qual voltar a si próprio.

Quando se passava pelas estações, clarões iluminavam num instante, de encontro ás paredes, cinco rostos pálidos e inquietos. Eu vigiava êsses rostos e sentia em mim um pouco da alma dessa massa tiritante e sonhadora. O cantor fechara os olhos. Dormiria? Ou, encerrado em sua prisão, meditaria sôbre uma coisa que lhe parecia de um preço infinito

Adormeci — minha miséria unida á miséria dos outros. A alegria não voltou com a aurora. Pela minha visita da manhã o cantor se calara. O sol, que nascia, iluminava de encontro á vidraça, o seu rosto — um rosto doce e paciente iluminado pela grande luz que sôbre êle se projetava, arrebitando seu nariz, salientando as maçãs de seu rosto e o queixo, emoldurando suas orelhas mordendo-lhe a boca, pondo-lhe uma chama fulva nos olhos.

Ele tinha um quê de ingenuidade feliz, ocupado a ver fugir o céu e desdobrar-se a planicie. Esta coisa vasta que o cercava, a imutável juventude dos céus parecia existir apenas para êle. Súbitamente deviou o olhar e percebí, então, que chorava.

A' noite chegamos. A' Belgica. Além de Vlamertinghe. A guerra arrastava seu longo corpo de monstro nas planícies baixas, do lado do Ypres. Desejei ir a seu encontro inmediatamente — impaciente por escutar de mais perto sua respiração.

A noite estava fria e negra. Eu andava pelo lado baixo da estrada. Pesados caminhões passavam, por vezes lentamente, na sombra. Súbitamente um ruido longinquo soava. Depois outros. E durante alguns segundos tôda a noite rugiu. Estalos nos quais se distinguia um ritmo. Golpes mais pesados que pareciam sacudir o ar. Então clarões passavam no horizonte vago, cada vez mais numerosos. Todo o céu se iluminava. Depois, esta febre efêmera passava e a noite parecia mais silenciosa e mais negra. Era extranho e belo. Dir-se-ia que o monstro, desenrolando seus anéis, fazia saltar centelhas.

Na noite seguinte chegamos ás trincheiras. Dois a dois, pelos lados da estrada, depois em longa fila, quando entramos pelos campos. Seguiamos, presos á fantasmagoria do acontecimento. O esforço impossibilitava qualquer pensamento. Para cada um o essencial era por um pé na frente do outro e seguir os companheiros.

Antes não se sabia que a noite podia ser tão negra. O solo gelado ressoava a nossos passos. A relva estava escorregadia. Chocavamo-nos a galhos de árvores. Foi-nos preciso atravessar um charco, por uma prancha sôbre a qual nossos passos soaram como um ruido de tambor. Atravessamo-lo. A agua nos encanamentos marulhava. Chegamos. Por minha vez entrei na trincheira e, após essa viagem acidentada, tive a sensação de que entrava em uma casa calma e repousada.

Um foguete subiu. Percebí, em torno um bosque mutilado. Balas perdidas estalavam contra os troncos golpeados e eu as saudava, cada vez que passavam, com um violento e inútil recuo de corpo.

Enfim, achei-me diante de um buraco estreito e profundo, cavado como um sepulcro na parede de um hipogeu, um "trou d'anglais", como se dizia. Os ingleses tinham ocupado antes de nós esse setor e, no parapeito revolto das trincheiras enlameadas estavam construidos abrigos individuais.

Eu tateava na sombra, explorava com minhas mãos, com meus pés, o canto a que eu viera para fazer êsse trabalho que meu amigo E., alguns dias antes de morrer, qualificou como devia e simplesmente, dizendo que não era trabalho para nosso estado social.

(De "Journal d'un homme de 40 ans").

El nuevo pensamiento argentino

Atilio GARCIA MELLID

En "La Nación" de Santiago de Chile, se ha publicado un artículo sobre "Piratería de Editoriales". Lleva al pie las iniciales J. E. B. No puede haber duda sobre a quién corresponden estas iniciales. Se trata de Joaquín Edwards Bello, cuyo talento ha llenado muchas columnas de "La Nación", algunas veces con firma, más frecuentemente sin ella.

Su estilo, a mayor abundamiento, resulta inconfundible. Lo cual va dicho en su elogio, claro está, pues revela que no ha escrito en balde una novela tan recia y humana como "El Roto", y un libro de ensayos tan vigorosos y documentados como "Nacionalismo Continental". Por otra parte, sus artículos corren tierras de América, tomados las más de las veces del importante diario santiaguino en que aparece su colaboración. Así, pongamos por caso no puede resultar extrano hallar en periódico uruguayo su nota sobre "Tropicalismo americano", o en diario de Venezuela su ensayo sobre "Dona Bárbara y el parisinismo". Pruebas de valimiento y de popularidad éstas, no podría regateársele su justicia, pues Edwards Bello es un escritor que excede los límites geográficos de la literatura chilena, rebalsándose en una merecida resonancia continental.

Por ello mismo, acaso, resultan más duras ciertas tentativas de parcelación nacionalista, en que últimamente parece empenado. Así, por ejemplo, cuando se apena del presunto disfavor conque hablan de Chile algunos comentaristas extranjeros, su orgullo nativista no se detiene ahí, y llega a mostrarse desdenoso de todo propósito de captación del alma nacional que pueda mover el ánimo del viajero bien-intencionado. Y este desdén resulta más injustificable, a poco que se mida todo el amor y toda la humildad conque un comentarista como Wilheim Mann, por caso, construyó pacientemente los dos voluminosos tomos de "Chile luchando por nuevas formas de vida", en que logra una exacta y vigorosa interpretación de la raza y el país chileno.

Y si en tema tal, un hombre de este lado de los Andes se siente vivamente impresionado, qué mucho decir la pena que suscitan algunos juicios contenidos en "Piratería de Editoriales", cuando es nuestro país—Argentina—y sus gentes, quienes aquí aparecen enfocados con un hurano gesto de desamor, cuando no de afectado desalino y aún de altanería?

⁂

Edwards Bello comenta ciertas desbridadas imputaciones que Ortega y Gasset, por vehículo de la revista argentina "Sur" lanzó contra la piratería de algunos editores chilenos. El genial autor de "La Rebelión de las Masas" — olvidadas medida y equilibrio que él mismo tantas veces exaltarase apasiona por el problema de las ediciones fraudulentas de algunos de sus libros, y generaliza en forma inelegante, llegando a hablar de "ictiosaurios y araucanos forajidos".

Tiene razón Edwards Bello cuando reacciona ante tamanos despropósitos, — no en defensa de estos o aquellos editores piratas, que en todas partes los hay, sino en vindicación del buen nombre de Chile, a quién tantas veces se le ha hecho el agravio de ponerle en el pie de imprenta de ediciones clandestinas... hechas en Buenos Aires, por ejemplo. Pero resulta que muy pocos renglones destina a este propósito vindicatorio, como si hubiera caído en la cuenta que la mejor táctica defensiva es la de atacar a los argentinos! Culpa de Victoria Ocampo, sin duda, pues ha sido ella, y su revista "Sur", la que acogió la invectiva de Ortega y Gasset, provocando el enconado comento de Edwards Bello!

⁂

Como correspondía, el prestigioso creador de "El Roto" la emprende primeramente con la orientadora de "Sur". Dice de ella: "Conocía detalhes de su displicencia para juzugar a los chilenos. Victoria Ocampo es un símbolo del pensamiento argentino; me la figuro tal una estatua de Samotracia (con cabeza- plantada en la puerta de la pampa y mirando a Europa. Da la espalda a Chile).

Yo no voy a ensayar la defensa de Victoria Ocampo, pues en entrevero de cosas americanas, no es muy suya la vocación de nuestro destino y el amor de nuestras cosas. Su exquisita sensibilidad, que es una de las más finas y vigilantes de la hora actual, ha sido desviada, sin duda, por una cultura europeísta, propia de una aristocracia de imitación que senti a desprecio por nuestros tanteos "indigenistas" y se mostraba hostil a la caudalosa y un poco primitiva realidad de nuestros pueblos. Por eso, la magnifica creadora de "La Mujer y su Expresión" y de "Domingos en Hyde Park", no alcanzó nunca el meridiano de lo vernáculo y la voz de pasión que se levanta de la tierra y el hombre nativos. Pero no puede negarse, tampoco, que en esa misma sensibilidad, por lo que tiene de avisada y finísima, puede producirse el hallazgo espontáneo de una autenticidad que la forzada "cultura" ha venido escamoteando hasta al momento.

⁂

Pero de lo que sí quiero quejarme (y sé que Edwards Bello se adelantará, con gesto honrado, a reconocerlo) — es de que eleve a categoria de "símbolo del pensamiento argentino", esa mentalidad desdenosa de lo autóctono (no importa precisar si de Chile, de México o de Venezuela) y de que agregue, a manera de síntesis irrevocable, esta definición de nuestro carácter: "Admiración y respeto casi humillantes hacia las cosas cotizables del exterior; indiferencia o altanera crueldad para juzgar lo criollo".

Peca de imperdonable generalización el ilustre autor de "Nacionalismo Continental". O acaso, más bien, de trasnochada información sobre las modalidades del pensamiento argentino actual, que ya no

es aquel de la generación de fín de siglo, que no admtía sino la copia servil de los modelos extranjeros para pavonearse de que en el país se estaba elaborando "una cultura clásica y europea".

Los hombres nuevos, la generación del 18 (que hizo la Reforma Universitaria, en la que está latente el ideal emancipador americano), así como las más recientes promociones intelectuales, recogieron la emoción nativista — sin fronteras nacionales — de Ricardo Rojas, anunciada en "La Restauración Nacionalista" y sistematizada en "Eurindia", y volvieron espaldas a aquella falsa valoración de nuestras posibilidades telúricas oponiendo la cultura auténtica al oropel prestado, la dramática dimensión de nuestra vida a la bárbara importación de doctrinas forasteras.

Surgieron así, para no citar sino algunas pocas obras como "Don Segunda Sombra", de Ricardo Guiraldes, "Radiografía de la Pampa", de Ezequiel Martínez Estrada, "El hombre que está solo y espera", de Raúl Scalabrini Ortiz, "Canciones y Danzas Argentinas", de Carlos Vega, "Significación Universal de los Argentinos", de José María Pérez-Valiente de Moctezuma y, recientemente, "Historia de una Pasión Argentina", de Eduardo Mallea, nacida bajo el signo editorial de "Sur", acaso como anuncio de una rectificación que todos celebraremos. Y qué decir de un libro nuevo, todavía no circulado por el continente, en que el talento armonioso de Antonio Pérez-Valiente de Moctezuma enfoca la totalidad del destino americano, bajo el sugestivo título de "Al flanco de la tierra virgen"? Senales son éstas de una corriente caudalosa y renovadora, que Joaquín Edwards Bello no puede dejar de considerar si es que quiere, con auténtica emoción, ponerse en contacto con el nuevo pensamiento argentino.

***

Es evidente que apunta una conciencia nueva en el hombre argentino de nuestros días. Los libros citados lo dicen. Cientos de artículos de ensayos, algunas tentativas de "novela americana" y numerosos poemas de vocación vernácula, lo ratifican y proclaman. Conciencia nueva que enraiza con la tradición y la historia, con la tierra y el hombre del continente que vivió extraviado por una falsa interpretación de su destino. El argentino de hoy ya no se deja alucinar por el espejismo de una "cultura occidental" a la que no tiene interés en adscribirse. Sabe que todas las posibilidades de salvación están, justamente, en evadirse del sino de esa cultura, cavando en la propia realidad circundante hasta que le brote sangre de las manos...

Por eso, el argentino nuevo siente, por sobre toda otra cosa, el deber de solidaridad con los pueblos del continente. Se integra en el destino americano, porque sabe que no puede haber un destino particular sino en la medida en que crezca y se diferencie un destino de proporciones colectivas. Y ama a Chile (sin amor excluyente, desde luego) y conoce sus problemas, y sigue la obra de aquellos escritores que, con Edwards Bello, exaltan en sus creaciones "la moral primitiva, humana, paradisíaca" del hombre americano.

Mire Joaquín Edwards Bello, a quién tanto admiramos en la Argentina, con un poco de bondad la tierra en que se le conoce y se le ama. Y diga con gesto menos áspero nuestros defectos nacionales; olvide que "decir de un argentino que es snob, huelga", porque esto ya no es totalmente verdad y no vale la pena decirlo, y siga dándonos su bella lección de americanismo y de confianza, en la certeza de que se la agradecemos profundamente, con ánimo humilde y con un gran deseo de aprender...

Buenos Aires, Abril de 1938.

Vida Artística

Jean Sarment fez uma adaptação do "Othello" de Shakespeare, que foi levada á cena este mês. São do conhecido autor-ator estas palavras explicativas:

"O que fiz da tragedia shakesperiana foi mais um rejuvenecimento do que uma adaptação propriamente dita. Procurei tornar a obra ao gosto do dia, para comunicar aos espectadores a mesma emoção que Shakespeare quiz causar a 300 anos. Cortei cenas que me pareciam demasiadamente longas: no começo do segundo ato a cena do porto e um dialogo saturado de agudezas entre Othello e Desdémona. Suprimi tambem o papel do bufão. Em compensação acrecentei uma cena original na noite do casamento."

"A minha opinião é que, até hoje, ninguem compreendeu Othello. Eu comprendi. Othello não é um ciumento; é, acima de tudo, um ingenuo. O verdadeiro ciumento é Iago. Tem ciumes do amo e de Desdémona e tem inveja de tudo. Coloquei-o em primeiro plano e consegui assim fazer sobresair o sentido da obra. Acho que Iago deve ser a personagem central. Não acentuei o aspecto isabelino da obra de Shakespeare; todas as cruezas do texto são episodios. Destaquei o aspecto permanente, e por conseguinte atual de Othello."

O papel de Desdémona foi interpretado pela senhora Marguerritte Valmont, e teve cenografia de André Boll.

Jean Sarment fará representar na proxima temporada duas peças psicológicas: "O tempo perdido", na Comedia Francesa, e "Na escadaria do palacio", esta ultima, interpretada por ele e Marguerritte Valmont sua esposa.

Por ocasião das festas em honra de Santa Joana, em Orleans, René Bruyer apresentou no Teatro Municipal uma obra dramatica de indiscutivel originalidade, intitulada "Santa Joana e a vida dos demais". A obra de Bruyer se afasta de todos os efeitos teatraes faceis e apresenta uma „historia pequena", cujas verdades compõem o edificio anonimo da lenda. Mostra o duplo aspecto, humano e divino, da Donzela de Orleans, com dignidade e emoção. Essa obra, de grande altura e pureza foi interpretada pela atriz Fanny Robianne.

No teatro Garignani, de Turim, foi represenada a primeira de "Orquidea", peça dramatica em tres atos de Sem Benelli. Os criticos censuram o excesso de uniformidade e as personagens demasiadamente convencnonais. Mas a beleza do dialogo se impõe aos espectadores e dá aos artistas uma eloquencia apaixonada e convincente. Helena, a protagonista, tem um marido viciado e brutal que a transformou num instrumento de prazer. Abandonada por ele, Helena se entrega pouco a pouco á depravação. Tem uma filha, mas o marido lhe tira a possibilidade de encontrar a salvação no afeto que a liga á pequena. Um joven sabio, apaixonado por Helena opera um milagre conseguindo que vibrem no coração recequido da moça os sentimentos mais puros, e ela encontra na maternidade a força precisa para recobrar a saude moral. Andreina Pagnani e Renato Cialenti, que interpretaram os papeis principais, foram muito aplaudidos.

Sob a presidencia de Justin Godard, realisou-se em Paris o primeiro Congresso da Federação Nacional de Teatros de Fantoches, organisado por Gaston Baty e Marcel Temporal, presidente dos "Companheiros dos Fantoches". Os representantes das companhias de fantoches apresentaram informações expondo a situação e as possibilidades desse genero de arte. As companhias francesas de fantoches efetuaram diversos espectaculos. Assistiram ao Congresso os Srs. Mac Pharlin, delegado das companhias norteamericanas, e Gerald Morice, representante da "guild" britanica. Votaram varias resoluções importantes, entre elas: reunir os numerosos documentos existentes nas bibliotecas de provincias sobre fantoches, para que se organisem teatros regionais, que deverão manter as antigas tradições folklóricas, já quasi desaparecidas; levar os espetaculos de fantoches ás escolas primarias, para proveito das crianças; solicitar do Governo um auxilio para a creação, em Paris, de um teatro nacional de fantoches, com exibições permanentes; anexar ao Museu do Vestuario, a se inaugurar brevemente do Trocadero, um Museu de Fantoches.

Acaba de ser vendida, em Paris, a mais importante coleção de quadros do pintor romantico Géricault. A noticia movimentou todos os circulos artisticos franceses. Um conjunto de nove telas, sem contar varios desenhos e escudos para o celebre "Radeau de la Méduse", formavam a coleção reunida pelo Duque de Trévise. Das telas vendidas, duas fazem parte da serie de dez estudos de dementes que Géricault executou a pedido do psiquiatra Georget, dos quaes só se se conhecem cinco, incluindo os dois que pertenciam ao Duque de Trévise.

Além das obras do grande pintor romantico, figuravam na coleção dois retratos de Proud'hon, tres telas de Delacroix, numerosos desenhos do mesmo artista, e tres quadros de Carpeaux. Possuia tambem varias obras de pintores mais antigos como Pieter de Rooch, Largilliere, Van Ravestyn e Jean Fichelin, discipulo pouco conhecido de Le Nain, assim como desenhos de Watteau, Nanteuil e Hubert Robert.

Por um fenomaeo curioso, similar ao que se observou em Paris, onde a vida artistica abandonou, aos poucos, Montparnasse, numerosos artistas londrinos começaram a emigrar dos seus estudios de Chelsea para o Este, nas margens do Tamisa, até o ponto em que termina a povoada e ruidosa Hammersmith e começam as "solidões" de Chiswick. Lá se instalaram e formaram uma colonia no meio das casas de operarios. O nucleo creceu rapidamente durante o ano passado e nos principios deste mez, o "Chiswick Group of Artists", conciente da sua importancia, organisou a primeira manifesta-

ção publica, sob a forma de uma interessante exposição de pinturas e esculturas, na antiga residencia vitoriana chamada Chiswick House. Do conjunto das boras expostas emana um sentimento, muito animador, de sinceridade e de dinamismo. Entre os expositores estão: H. Trivick, Gwen Herbert, esposa do escritor A. P. Herbert, Gertrudes Hesmes, Browen Ballard e Harold Bronsword.

No Teatro Coliseo, de Lisboa, foi dada uma nova representação da opera "A Serrana", do compositor português Alfredo Keil, autor do hino nacional. Essa obra que, pela sua fatura, pertence á escola de "I Pagliacci" e "Cavalleria Rusticana", interessa sempre o publico que a considera como uma reliquia nacional. Os papeis principais foram brilhantemente interpretados pela soprano Elsa Penchi e pelos tenores João Rusa e Guilherme Holner. A orquestra da emissora nacional atuou sob a direção do maestro Fernando Cabral.

A "Association Jeune France", constituida por jovens compositores, deu, na semana passada, o seu segundo concerto anual, na Academia Nacional de Musica. Essa sociedade, fundada em 1936 e patrocinada por Georges Duhamel, François Mauriac e Paul Valéry, é composta de musicos de trinta e poucos anos no maximo. O programa do concerto apresentou uma segunda audição dos "Poemas", de Olivier Messian e tres primeiras audições: "Pastoral", de Daniel Lesur, para orquestra de camera; "Poemas para crianças", de André Jollivet, que é uma "suite" para onze instrumentos acompanhados pelas ondas Martenot, cujo primeiro tempo expressa os misterios do nacimento, o segundo, chamado "Adoração", é uma declaração lirica, e o terceiro, o "Despertar" representa a parte principal da obra, em que todos os instrumentos entram em ação, para terminar com uma "canção de ninar"; e "Eleonora", de Yves Baudier, inspirada num conto de Edgard Poe. A regencia esteve a cargo de Roger Desormieres.

A Inglaterra armazena para a guerra

Mr. Olivier Stanley defenderá esta semana, na Camara dos Comuns, o projéto de lei sobre a reserva de generos de primeira necessidade. Acredita-se que, nessa ocasião, Mr. Stanley revelará novos detalhes a respeito da aquisição de viveres feita ultimamente pelo Governo sem autorisação do Parlamento. O projéto regularisa essas compras e autorisa o Ministério do Comércio a estabelecer reservas de toda matéria essencial, seja induzindo os negociantes a crearem depositos, ou melhorando as facilidades de armazenagem, ou comprando existências por conta própria. O projéto se refere aos artigos que sejam "alimentos para os homens, forragens para os animais, adubos para a terra, todas as materias primas para se fazerem esses artigos, petroleo e derivados do petroleo."

O "comité" executivo do Partido Trabalhista examinará o projéto. Os liberais oposicionistas se mostram partidarios do plano.

O renascimento da China

O Japão fez pelo povo chinez o que esse não conseguiria fazer por si mesmo: unificou-o! O General Chang-Kai-Shek é um heróe nacional para a raça mais numerosa da humanidade. Bem podia ser transformado em heróe mundial, como patriota e como chefe, esse homem que, no meio de mil e uma dificuldades, não desesperou de salvar a China de uma exploração iligitima e deshumana. Quem sabe se do outro extremo do planeta não vem o exemplo do esmagamento de uma agressão brutal que ensinará ás Democracias a se erguerem em defesa própria, enquanto é tempo?...

A Formação do Mundo Moderno

FABIO CRISSIUMA

II — O PODER CENTRAL

Os herdeiros do poder romano no ocidente, os chefes bárbaros — francos, burgundos, visigodos, ostrogodos, vandalos — reconhecem a supremacia imperial, mesmo quando contra ella investem.

Clovis pleitea e recebe de Atanásio a dignidade de patrício:, o prestígio imperial impressiona os bárbaros e lembra ás populações, em especial ás que sofreram o seu domínio, a paz romana. Quando um chefe franco reune sob o seu guante os povos do Elba ao Ebro, da península bretã á península itálica, é logicamente investido da dignidade imperial pelo chefe espiritual da cristandade, o representante de Deus sobre a terra.

A revolução espiritual igualitária do Cristianismo nega a Cesar a qualidade sacerdotal e a naturesa divina, reivindicando a representação do Todo Poderoso para um vigário de Cristo, escolhido, direta ou indiretamente, pelos fieis. Constantino e seus sucessores se utilisam da nova força e dão á organisação eclesiástica um caracter quasi politico. Os imperadores partidários de Ario convocam concilios, decretam dogmas, removem e exilam bispos. A aniquilação do Império Romano do Ocidente liberta os bispos de Roma, os papas, embora os sujeite mais tarde á pressão dos reis lombardos. Poder temporal e poder espiritual se enfrentam, lutam: os imperadores reivindicarão, concientemente ou não, o sumo pontificado de Cesar e os papas, dizendo-se representantes de Deus, pretenderão colocar-se acima do poder temporal. Como guias espirituais procuram dominar o mundo.

A luta começa na Itália: inquietado pelo lombardo Astolfo, o papa Estêvão II apela para o rei franco e recebe de Pepino, após a derrota do lombardo, o exarcado de Ravena. Carlos Magno amplia a doação com a Pentápole e cinge a corôa de ferro de Desidério: Leão sagra-o imperador em 800. O poder efetivo de Carlos, sua moderação e respeito aos direitos clericais, somados ao benefício recente tornam o papado e a Igreja aliados respeitosos do imperador.

Já a seu sucessor imediato, Luiz o Pio, a Igreja fala pela bôca de Wala, abade de Corbie: "Que o rei se contente com as suas funções. Que não usurpe as que lhe são extranhas..." E o concílio de Paris de 829 louva Luiz e Lotário por terem compreendido que "os padres julgam os reis" e declara que "os reis não recebem o título de seus antepassados, mas apenas de Deus".

O Santo Império Germanico, fruto da aliança de Otão o Grande e João XII (Otaviano, o herdeiro das Marozzia e Teodora) contra o rei da Itália, Berengário, por uma questão de terras entre os últimos, reacende o conflito e faz da Itália um campo de batalha, sementeira de ódios e colheita de crimes.

A luta das investiduras, a questão da justiça eclesiástica são apenas dous momentos da competição secular que hoje ressurge entre o Vaticano e a Casa Parda e talvês entre aquele e o Palacio Venezia.

O direito sucessoral franco, em que os Estados como bens patrimoniais, são divididos entre os herdeiros, retalha o império carolíngio. França, Alemanha e Itália são os resultados finais da divisão, em que o título imperial cabe á segunda.

A desistência inteligente de uma prioridade ou supremacia fictícia em proveito de vantagens reais, permite á França uma unificação rápida, atravessado o periodo agudo de desintegração política do império.

O chefe do Santo Império Romano de Raça Germanica deixa, pela sombra falaz de uma preponderancia na Itália e de uma supremacia em Roma, a presa útil da unificação da Alemanha em seu proveito. Ao mesmo tempo impede o surgir de um poder forte e indiscutivel na península.

A utopia do Santo Império retarda para o século XIX a constituição de uma Alemanha e uma Itália unificadas. A unificação de ambas se faz tardiamente e em benefício de um principado quasi extrangeiro, a Prússia do Vístula e a Saboia dos Alpes.

O anacronismo de um governo absoluto ás margens do Tibre e do Sprée lembra um despotismo a Luiz XI, á Francisco I ou á Luiz XIV, em figurinos do século XX, acrescido de problemas econômicos e sociais muito mais complexos. As democracias italiana e alemã foram processos mentais importados, e, transitórios sem dúvida, os regimes absolutos ali reinantes, após a destruição dos regionalismos até há bem pouco vigorosos, terão que resultar, por evolução ou revolução, em uma organisação social mais evoluida, de tendência democrática, com diminuição das injustiças sociais. Os regimes políticos alemães e italianos são frutos de um desajustamento, pelo retardamento dos processos de evolução nacionais e democráticos. O seu elevado "quantum" despótico é testemunha disso.

A decomposição do Novo Império do Ocidente, consequência em parte das lutas fratricidas dos descendentes de Carlos, enfraquecem o poder central e aumentam a força dos potentados locais, grandes proprietários fundiários e funcionários imperiais na França, chefes de grupos raciais, na Alemanha.

Os duques de Saxe, de Francônia, de Suábia, de Baviera, grão senhores eclesiásticos com os arcebispos de Moguncia, Colônia e Treves, escolhem e elegem o soberano, extinta a descendência carolíngia, nas casas de Saze, Francônia, Suábia, Luxemburgo, Baviera e Habsburgo.

Na França a transmissão do poder se faz entre os descendentes de Carlos Magno até 987, ano em que os senhores escolhem Hugo Capeto com exclusão do carolíngio Carlos da Baixa Lorena.

O último carolíngio francês, Luiz V, possue como patrimônio apenas a cidade de Laon (que alguns consideram cidade episcopal), algumas abadias e castelos esparsos. Paris pertence ao duque dos Francos, senhor ainda de Chartres, Blois, Orléans. A Bretanha, a Borgonha têm duques locais; a casa de Auvérnia e depois a de Poitiers possuem o ducado de Aquitânia. Duque de Gasconha, conde de Barcelona, conde de Tolosa, marquês de Gótia, senhores de Bourbon, de Déols, condes de Anjou, de Blois e de Champanha se originam dos grandes proprietários ou altos funcionários reais ou ducais. O carolíngio Carlos o Simples, concede a Wrolf, chefe normando, as terras ás margens do Sena, do Epte ao mar, e daí um ducado de Normandia, similar na França aos de Saxe e Baviera, na Alemanha.

O carolíngio é o detentor do título real, o descendente de Carlos Magno, a encarnação nominal do poder supremo. Na realidade é um senhor como os outros ou mesmo inferior aos outros em riqueza e poder: Herberto de Vermandois, aliás um carolíngio, detem prisioneiro em Péronne o referido Carlos o Simples.

Ao ascender ao trono Hugo Capeto, cujos descendentes vão lutar, com maior ou menor sucesso, contra os senhores, para o fortalecimento da realeza, o rei tem apenas ação imediata em seus domínios próprios. Aliás, dos domínios de Roberto o Forte, duque dos Francos, os condados de Anjou, Blois e Chartres estão em mãos de senhores particulares. Foulques d'Anjou e Tibaldo de Champanha são netos de antigos funcionários ducais, os viscondes de Angers e de Chartres. Pouco a pouco o rei consegue impor a sua suzerania aos demais senhores, do conde de Flandres ao conde de Barcelona, do duque de Bretanha ao conde Tolosa. Em parte pela fôrça, em parte pelo uso adequado dos direitos de suzerania, absorve no domínio real os vários senhorios.

Na Inglaterra, as repetidas invasões dinamarquesas, as vitórias alternativas dos Alfredos e Canutos, culmiam no reinado de um príncipe fraco, Eduardo o Confessor. Sua morte sem herdeiros diretos deixa em presença quatro candidatos: Edgar, descendentes de Alfredo o Grande, Harald Hardrad, representante dos invasores escandinavos, rei da Noruega, Haroldo, filho do chefe nacional Godwin, conde de Wessex e Guilherme o Bastardo, duque de Normandia e primo do Confessor.

Pela razão ou pela força, Guilherme se assenhorea da Inglaterra em 1066, após Senlac, e instala um governo feudal, distribuindo aos seus fieis terras e mercês, conservando porém alguns senhores sexões.

Mas sagaz e astuto, Guilherme coloca ao lado do "earl" o "sheriff", delegado real, chefe da justiça, tesoureiro, comandante mesmo da milícia: é o feudalismo civil de que fala Glasson. O Normando recusa ao papa Gregorio VII o juramento de fidelidade e as lutas entre Henrique II e Tomaz Becket a proposito das "Assize of Clarendon" são um dos episódios da competição dos poderes temporal e espiritual.

Os pequenos reinos das Asturias de Oviedo, Leão, Navarra, em luta permanente com os mouros, ora vencedores, ora vencidos, ampliam cada vês mais suas fronteiras. Unidos sob um mesmo rei como Fernando, o Grande, de Castela ou Afonso V, ou confederados, são vencidos em Alarcos ou vencedores em Navas de Tolosa.

O conde de Barcelona sobe ao trono de Aragão e o filho de d. Henrique de Borgonha ascende ao de Portugal. O poder real, limitado "DE JURE" pelos "fueros" tambem o é de fato pelo dos nobres (ricos hombres) que destronam Ramiro III em 982 e Henrique IV em 1465 e dão o trono de Castela a Bermudes e Isabel a Católica. No reino de Aragão a "União dos nobres" se sobrepõe quasi a Pedro III e Afonso III e escolhe Fernando de Castela como sucessor de Martinho I, em 1412, impondo-lhe condições.

Nos primórdios do século XI, mercenários normandos a serviço de Bizancio contra sarracenos, acabam combatendo por conta própria e se apoderam do sul da Itália, batendo em Civitella (1053) o papa Leão IX que intervinha.

O papado aceita o fato consumado e sanciona as conquistas de Roberto Guiscardo e Rogério, que se reconhecem seus vassalos para os ducados de Aquiléa, Benevente e Cápua.

A conquista da Sicília sobre os mesmos sarracenos e a união dos dominios nas mãos de Rogerio II, dão origem ao reino das Duas Sicilias, que, pelo casamento da última herdeira com o imperador Henrique VI, cai nas mãos de Frederico II. A luta que este mantém com o papado é mais áspera ainda.

Enfraquecimento da autoridade real, fragmentação da terra e do poder publico, tendência ao regionalismo na administração e na justiça, eis o que resta da unidade romana e carolíngia. Lutar contra os particularismos, os pequenos tiranos, eis a função do poder central, que do aparente cáos feudal fará surgir as nações organisadas da nova civilisação.

A' margem da 1.ª Semana Regional de Tuberculose

Dr. Fabio Leite Lobo

Em dias da primeira quinzena de Maio, de 4 a 11 precisamente, reuniu-se na Sociedade de Medicina e Cirurgia a 1.ª Semana Regional de Tuberculose. Ideia de todo louvável e que daria farta messe de resultados, era de admirar que ainda não tivesse sido posta em prática. Afinal, 1938 viu-a transformar-se em realidade, e das mais futurosas.

De fato, a 1.ª Semana Regional de Tuberculose foi um belo prólogo, entremostrando a fecundidade inevitável das S. R. T. que hão de segui-la e continuá-la. Desde a sessão inaugural, dedicada ás cortezias de praxe, até á sessão de encerramento, limitada em sua duração pelas medidas de vigilancia determinada pelo golpe terrorista dos fascistas nativos, sucederam-se as comunicações e relatórios oficiais e as respectivas discussões.

Pneumotórax artificial, pneumotórax extrapleural, p. n. controlateral de Ascoli, "*velario dicompenso*", toracoplastia (desde as técnicas clássicas até as recentes conquistas da escola de Oslo), recensiamento radiológico pelo processo Manoel de Abreu, repercussão de processos tuberculosos nos aparelhos, orgãos, glandulas não atingidos, — não mencionando sinão os assuntos mais palpitantes — tudo isto foi abordado e discutido pelos maiores nomes da tisiologia nacional. Mas, não é aqui o local mais apropriado para uma resenha, por rápida que seja, dos trabalhos da S. R. T. Nosso intuito nestas linhas é repisar certos conhecimentos de interêsse geral, que nem sempre têm merecido a atenção dos nossos administradores.

Numa das últimas sessões, houve uma comunicação que, por um dêstes desvios de assunto tão frequentes em debates, sejam êles científicos ou não, quasi que pôs frente a frente, em escaramuças, duas velhas correntes "inimigas" nas fileiras dos tisiologistas. A conferência em questão foi a o Dr. Corinto Silva, do Instituto dos Comerciarios. E as duas correntes, dos *contagionistas* e a dos *não-contagionistas.*

O tema tratado pelo Dr. Corinto, seguro social para os tuberculosos, nada tinha que ver com esta velha polêmica. Aliás, só um mal-entendido ou uma falta de precisão na maneira de encarar o contágio em tuberculose, é que ainda póde alimentar tal bisantinice. E' cego tanto quem quer que negue o contágio da tuberculose, como quem quer que, admitindo-o, a êle atribua o papel preponderante na gênese ou na evolução de processos tuberculosos. Mas, não nos desviemos também.

O Dr. Corinto, mostrando a necessidade inadiável do seguro social e conclamando as vontades bem intencionadas para uma ampla campanha visando a sua realização pelo Govêrno, focalizou mais uma vez aquilo que nos parece o fator primacial da grande morbilidade e — principalmente — da espantosa mortalidade pela tuberculose na Capital do País: o baixo nivel de vida das classes trabalhadoras.

Hoje, isto é questão líquida em tisiologia: as condições econômicas de vida têm uma importancia capital no comportamento de qualquer processo tuberculoso. Não ha espírito honesto que possa negar fundamentalmente tal afirmativa. Documentando sua conferência, o dr. Corinto Silva apresentou, mesmo, gráficos organizados pelo Bureau de Higiene da S. D. N., gráficos que patenteam, com a exatidão e a fineza das cifras, o acréscimo enorme da mortalidade por tuberculose durante o período da Guerra Mundial, não só na França, como ainda na Inglaterra e na Holanda. E, a que se pode atribuir tal acréscimo? Na França, teatro da maior parte das operações bélicas, ainda se póde imputá-lo em grande parte á mobilização de fócos. Mas na Inglaterra insular e na Holanda neutra?

A mobilização de fócos terá sido muito menor, o mesmo se dando com a primo-infecção de adultos. Só houve um ponto que variou sensivelmente: o nível econômico dc massas populares. Baixou o poder aquis vo *per-capita*. Mais ainda: as dificuldade

perigos das travessias marítimas, si não impediram, limitaram de muito a chegada de gêneros alimentícios a êstes dois paises, vendo-se seus govêrnos na contingência de ter que racionalizar a repartição dos mesmos afim de evitar situações de panico.

Note-se que a Inglaterra, durante os quatro anos de guerra, não se descuidou um só instante das medidas de luta anti-tuberculosa a que já ha anos se vinha entregando.

O aumento do índice de mortalidade nos anos da Guerra de 1914 foi determinado, portanto, pelo abaixamento do nível econômico de vida, e quasi que exclusivamente por êle.

Sendo assim, olhemos um pouco para o que nos toca mais de perto. Como vive o nosso trabalhador? Segundo cálculo do Ministério do Trabalho, o mais bem remunerado dentre os trabalhadores, o trabalhador industrial, teve um salário médio, em 1937 e no Distrito Federal, de 271$544. Façamos a melhor das hipóteses: tal trabalhador é só, não tem mais ninguem por quem zelar. Será que com êstes magros duzentos e setenta mil réis êle poderá pagar transportes, habitação, roupas, e alimentos? No mesmo ano de 1937, qual a média do preço dos gêneros alimentícios básicos? E' ainda a estatistica do Ministério do Trabalho que nos informa: arroz kg. 1$300, açucar kg. 1$000, banha kg. 4$000, batata kg. $700, feijão preto kg. $600, manteiga kg. 7$000, massas alimenticias kg. 1$00, ovos, duzia 3$200, laranja duzia 1$200, etc. De verduras e legumes, então nem é bom falar. Como poderá o trabalhador alimentar-se racionalmente com tão pequeno salário quando os gêneros "estão pelos olhos da cara", na expressão, feliz da linguagem popular?

Na hipótese optimista que fizemos de ser êle só, já se vê a impossibilidade de uma alimentação minima necessária. Imagine-se então a situação de penúria em que estará grande número deles, sabendo-se que na maior parte dos lares operários há pelo menos uma pessoa que come e que não produz, por incapacidade.

Contra tal situação é que se dirige o projeto de seguro social por que se bateu o Dr. Corinto Silva em sua comunicação á 1.ª S. R. T., apelando ao mesmo tempo por uma ação coletiva dos tisiologistas.

E êste "A' margem..." também não visa outra coisa. E' preciso que não se deixe morrer a idéia de tão justa iniciativa. Agora que tanto se fala em "por um Brasil forte" nada mais indicado, do que começar por aí qualquer espécie de reconstrução social. Pátria, nação, país, são palavras vasias de significado quando não têm por fundamento o povo. Este é quem as faz, é quem as dignifica, e quem as engrandece com seu trabalho. E — nunca se o esqueça – é êle quem as defende com seus braços nas horas de luta e de perigo.

Nav
ced
front
o Gra
são ve
Tolosa.

Documentario Cultural Português

II

NOTA RESENHA SOBRE A DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA EM PORTUGAL

Portugal, ha quatro ou cinco anos, não tinha ainda um jornal propriamente seu.

O que existia — não vivia —; ou andava por alturas inacessiveis, "PRESENÇA", "SEARA NOVA", quere dizer — distante do público, ou andava num nivel inferior ao meio (estes últimos compreendidos entre as publicações de cunho popular).

Mas em certa altura, Portugal deu um grito e fez — "O DIABO". A tentativa, tirado o caso "diferente" de "Fradique", era, por isso, uma inovação entre nós. Trazia á frente um jornalista novo e simpático — e cheio de tenacidade combativa: Artur Inez. O jornal andava, sobretudo nestes dois pontos: o literário-literário e o político-político, ligeiramente envernizado de cultura, saliente num consultório feito por um erudito: Macedo Mendes.

A seguir outras folhas surgindo de vida mais ou menos efêmeras, — umas por falta de público, outras por falta de ambiente.

Apontemos: "GLEBA", "BANDARRA", "1935", "GLÁDIO", "ACÇÃO".

"O DIABO", entretanto, impunha-se. Depois de passado pelas mãos de Ferreira de Castro, foi para a direção de Rodrigues Lapa, que lhe imprimiu um cunho nítido de cultura. E o jornal tomava feições de gigante no nosso meio ! — correspondido aliás pelo público ávido de conhecimentos.

Outras folhas de saída mais ou menos irregular, iam aparecendo e desaparecendo neste intervalo de tempo. Citemos, desde longe, "Momento" e no momento "Manifesto". Ainda "Sudoeste" — todas mais ou menos ardorosas e culturais — de sangue jóvem —, umas e outras, por razões várias, longe do público.

Nesta altura aparecia no Porto, um quinzenário de feição popular, que visava dentro de mais jovens normas, a marchar paralelamente com "O DIABO", de Lisbôa. Fóra do seu lugar este jornal (SOL NASCENTE) tem cumprido uma missão.

Rodrigues Lapa, que havia agregado e entusiasmado intelectuais e público a um contacto estreito e de mútuas vantagens, abandonava entretanto, a direção de "O Diabo". Sucede-lhe Braz Burity que, até á suspensão do Jornal, faz, por motivos vários, um periodo irregular.

Portugal atravessou então, por meados de 1937, uns meses de enervante modorra — que por coincidencia se encontravam com os dias mais quentes do ano.

Finalmente, pelo outono, "O Diabo" volta á cena e, atravessados aqueles primeiros tempos, reerguia a cabeça vigorosamente.

Hoje é um jornal adquirido no seu equilibrio, em cujas páginas tem voz activa, sobretudo, a geração recente, — aquela que surgiu depois da guerra e na inquietação do post-guerra se formou. E', presentemente, o melhor índice da nossa média-intelectualidade — aquela intelectualidade que se cumpre e realiza no ajustamento de duas causas primordiais: a cultura e o povo. Acentue-se que "Sol Nascente" vive-lhe nas peugadas.

E agora estamos numa situação em que não pode dizer-se, propriamente se foi o público que subiu, se essas folhas — as de élite — que desceram. De-certo as duas coisas: o primeiro subiu até aos anteriores e os jornais desceram até ao público. Melhor: interferiram-se. E daí só se tem lucrado porque agora já nem a "Seara Nova" é aquela folha que ninguem lia, nem a "Presença" é a outra que toda a gente desconhecia. A "Seara Nova" é já lida por um público menos de "elite" e a "Presença" mais facilmente "comprável".

E até a "Revista de Portugal", que ha pouco apareceu para coroar uma geração que começa a deixar de ser recente, se encontra pelas tabacarias abandonada a quem tiver 10$00 com que a possa comprar.

Esta ascenção, que em Portugal se verifica, não deve ficar em silencio. Na realidade, Portugal que pouco é ainda, tem feito imenso nestes últimos tempos. Imenso no sentido duma democratização do meio. E começa a desaparecer aquele pedantismo dos "grandes" e dos "pequenos" da plebe e das elites. As elites aproximam-se da ple-

be e a plebe atinge-se e revela os homens de verdadeira elite.

Registemos, como autênticos pioneiros desta tarefa, três nomes insinuantes, sem esquecer aliás, que o trabalho é colectivo: Macedo Mendes, Rodrigues Lapa, Abel Salazar.

Hoje, Portugal vai-se reconhecendo e dando as mãos. Por toda a parte se encontram gritos dum paiz que se edifica na Democratização e Universalização da sua cultura; cultura que das cidades maiores passa ás pequenas cidades, destas ás vilas e aldeias — tudo dinamizado no mesmo sopro renovador. A gente nova das cidades universitárias leva ás gentes das aldeias por meio dos jornais de província, os conhecimentos digeridos, mais recentes e mais directamente edificantes.

Tais são, por exemplo, as páginas de novos de "A Ideia Livre", de Anadia, "O trabalho" — Vizeu, e "Independencia de Agueda" — Agueda.

REVISTA DA IMPRENSA

Fizemos referencia, no número anterior, a um incidente grave, no nosso meio intelectual, de que estava a desenhar-se um bosquejo de suspensão. Eis, porém, que uma pequena nota de José Régio no número último de "Presença" (51), parece ter de novo chegado fogo ao rastilho. Esse incidente é conhecido, entre nós, por: "A questão Abel Salazar-Antonio Sergio".

⁂

Viva, vivíssima, a discussão apontada no número anterior, sobre o conceito de humanidade na arte, que vai sempre crescendo em proporções de ordem vária. João Pedro de Andrade, escreveu um artigo conciso no "Diabo" generalisando a questão, que sintetisava no próprio título: "Duas gerações, dois critérios": a geração da "Presença", "Revista de Portugal", etc., lutando pela purificação da arte, a geração recente querendo uma arte penetrada de vida e de humanidade.

⁂

No "Diabo", de importante, a publicação de entrevistas que em Paris Jaime Brasil tem realizado com algumas das mais notaveis figuras da filosofia e da ciência atuais. Até agora apareceram os depoimentos de Paul Langevin, Marcel Prenant, Henri Berr. Traço característico, saliente em todos: a metafísica é destituida de sentido.

⁂

Iden, no mesmo jornal: Inquérito aos homns de mais de 40 anos acerca do que pensam sobre os que ainda não fizeram 30: aparecidas as respostas de João de Barros, Emilio Costa, Augusto Casimiro, Ferreira de Mira, João de Deus Ramos.

ARTES PLÁSTICAS

Em Lisbôa, o "Salão dos Humoristas", que, segundo A. G. e J. D. no "Diabo", não se impoz .

— e a "35.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes" em que ha, ao que deduzimos de A-G. (O Diabo) — num nível médio, deficiências e promessas, — as primeiras frequentemente dentro das segundas.

⁂

No Porto, a exposição da Família Reis (M. Luisa Reis, João Reis e Carlos Reis) — e a de Eduarda Lapa, em que, no testemunho de João Alberto (Sol Nascente) confirmado, aliás, pela tradição, — predominam os extremos negativos.

CINEMA

Parece que, de facto, o cinema português, tende a afirmar-se condignamente. "A Canção da Terra", da realização de Brum do Canto, é, no dizer do competente Roberto Nobre, um bom filme-filme e um bom exemplo de filme humano e popular. Um apontamento consolador: Brum do Canto é um homem de mentalidade esclarecida.

— No "Sol Nascente", — Alves da Costa admoesta Chianca de Garcia, realizador de "Rosa do Adro". Faz, primeiro, umas considerações sobre o mal de que sofre o cinema português, diz em seguida, que "A Rosa do Adro" é um filme como tantos outros — e conclui fazendo a justiça de supor que, o filme está abaixo das possibilidades do realizador. Acentua, todavia, que este está muito próximo dos dois primeiros; e um artista, diz, revela-se quási sempre logo de começo.

Matéria estrangeira, nas nossas telas, dignas de referencia, "A Grande Ilusão", "Un Carnet de Baile" e "Maria Walenska".

TEATRO

Depois de "A Recompensa" — de Ramada Curto, única peça, ao que parece, digna de citação, — nada de positivo a apontar .

LIVROS SAÍDOS

Abel Salazar: — Editado pelo grupo de amigos que ha mêses organizou a exposição dos seus quadros, saiu agora um "A L B U M" reproduzindo alguns quadros da mesma — e as referencias (parte) que por ocasião daquela apareceram na imprensa.

Inútil insistir em comentários: Abel Salazar é um dos homens mais completos que Portugal tem conhecido. O sábio histologista, o filósofo da "Crise Europeia", o crítico, o panfletário e o escritor, nivelam-se com o artista.

Alguem, desta revista, definiu com justeza: "Portugal, no imenso que tem negado, deu tudo a um HOMEM: Abel Salazar é o esteio de uma geração".

⁂

Amorim de Carvalho: — "Atravez a obra do sr. Antonio Britto". Neste trabalho que, diz o autor, "pretende sobretudo, contribuir para que o público seja esclarecido e orientado por crítica mais realista que só eleve os autores á altura em que eles possam airosamente sustentar-se", A. de Carvalho, passa em analise os ritmos, o estilo e a originalidade na obra do poeta A. Botto, e confrontando passagens suas (do poeta) com as de outros escritores, emite a opinião de que o livro português é um ente propenso a grandes sugestibilidades literárias.

⁂

Antonio Madeira: — "Caminhos Magnéticos", que a editorial "Europa" agora publicou na Coleção dos "Autores Modernos Portugueses" — da direção de J. Gaspar Simões, é um livro de contos, de climas irregulares: ora o real (no sentido comum do termo), ora o imaginoso, ora o devaneio despreocupado. De qualquer forma, porém, livro escrito com caracter — naturalidade e colorido na descrição, — forma objectiva e clara. A. Madeira é Branquinho da Fonseca, autor de "Poemas", "Posição de Guerra", teatro, "Zonas", contos, — colaborador de "Presença", "Manifesto".

⁂

Ainda "Portugalia", de Coimbra, que ha pouco lançou "Instantes" — poemas — de João José Cochofel, "Relevos" — poemas de Fernando Namora, e "Sedução" de José Marmelo e Silva (novela), fez saír "As três pessoas" — poemas de Polibio Gomes dos Santos.

⁂

Lançada por "Europa", inicia-se agora a publicação de uma obra em fasciculos sobre o "Brasil" — que é subscrita por Osorio de Oliveira, João de Barros e Gastão de Bettencourt.

A. C. S.

Livros e Revistas

DEZESETE, de Eudes de Barros — Irmãos Pongetti, editores.

O romancista de assuntos históricos tem, atualmente, que sobrepujar, além das dificuldades próprias do gênero, uma sensível frieza de acolhimento por parte do público ledor. Após o período áureo do romantismo, a história passou ocupar, durante muitos decênios, um segundo plano entre as grandes fontes inspiradoras das belas letras, e só a partir de época assás recente é que os motivos históricos voltaram a ser aproveitados literariamente, mas já agora sob feição marcadamente moderna, como sejam os romances das grandes existências e as amplas síntesses históricas, entre as quais se enquadram trabalhos de elevado valor, á maneira das de Wells e Will Durant. Para elas se inclinam as preferências dos nossos contemporaneos.

DEZESETE, do senhor Eudes de Barros, é um desses livros, entretanto, que levam o leitor a concluir sem esforço que determinados gêneros literários não envelhecem, bastando para tal que o autor saiba, versando-os com segurança e clareza, adaptá-los ao gosto do seu tempo, despojando-os dos aparatos supérfluos que constituiram as delícias das gerações passadas.

Livro cuja preocupação de objetividade histórica em nada prejudica a fluencia e naturalidade da narração, o que o torna recomendável tanto aos apreciadores da literatura bem realizada quanto aos estudiosos do assunto, DEZESETE faz ressurgir, para os brasileiros de hoje, na interessante moldura do Recife de outr'ora, a grande epopéia pernambucana de antes da independência, nos seus vários e expressivos aspectos de movimento libertador lenta mas inflexivelmente preparado pelo evolver dos acontecimentos: a repulsa á opressão dos dominadores, a efervescência das multidões exasperadas pelos abusos do poder real, a influencia profunda dos ideáis das revoluções franceza e norte-americana, e as figuras fortes dos seus chefes, representativas de um momento histórico que não foi apenas de Pernambuco ou do Brasil mas de toda a América.

TRAÇOS A CARVÃO, de Luis Gurgel do Amaral — Irmãos Pongetti, editores.

O senhor Luis Gurgel do Amaral focaliza em TRAÇOS A CARVAO quadros familiares da sua meninice, reminiscências da vida de rapaz e acadêmico, episódios da sua careira de diplomata escritor, carreira nômade e pontilhada de incidentes pitorescos, que lhe oferece neste livro oportunidade de fixar algumas belas páginas sobre América do Sul e Itália.

OS BRUTOS, de José Bezerra Gomes — Irmãos Pongetti, editores.

Registra José Bezerra Gomes, nos rápidos capítulos desse romance, cenas e fatos da vida no interior do estado do Rio Grande do Norte. Ambientes de pequena cidade e fazendola. O feitio de reportagem adotado pelo autor dificulta o relevo necessário das personagens que desfilam pelo livro, várias das quais interesantes, e que bastante ganhariam em ser tratadas mais detidamente, com acuidade que o autor tem demonstrado em trabalhos anteriores. Os brutos, por exemplo, "trabalhadores do açude e do eito", que dão o título ao volume, passam quasi desapercebidos, sem conseguir avivar no leitor o interesse pelo seu drama de explorados.

"LA SEMAINE EGYPTIENNE", editada no Cairo, é uma excelente revista de arte e literatura, a mais importante do Oriente pela elevada tiragem e ótima colaboração, tanto a nacional quanto a extrangeira. Destacam-se nos seus últimos números (17-18), os artigos de François Talva, André Mauriois e o admirável discurso de Jan Cassou sobre "A Obra de Charles Louis Philippe", pronunciado em Cerilly, terra natal do grande escritor populista francês, por ocasião da inauguração da escola que recebeu o seu nome.

SEARA NOVA — O DIABO

As revistas culturais de Portugal realizam perfeitamente o objetivo mais imediato das publicações dessa espécie, que é o de fornecerem um índice seguro das atividades do pensamento nacional,a nas suas diversas manifestações literárias, artísticas e científicas, SEARA NOVA E O DIABO representam, para o Brasil um precioso repositório de informações sobre a cultura portugueza. Expressamos, aquí, os nossos sinceros votos de que LITORAL, a nova revista que tão promissora se anuncia,, venha breve formar na primeira linha desses batalhadores pelo prestígio do espírito português no extrangeiro.

REVISTA ACADEMICA

Número de Maio da revista creada e dirigida por Murillo Miranda e Moacir W. de Castro, Á altura dos anteriores. Variada colaboração onde sobresae os artigos de Júlio Tavares, Manuel Bandeira e a poesia de Rubem Braga. Oportunissíma a tradução do trabalho de Maritain sobre os judeus.

SURTO

Mais um número da publicação belo-horizontina de Octavio Dias Leite. Texto selecionado, contos, crítica, poesia e excelentes traduções.

HOJE

Sempre otimamente informada, contendo sempre as mais interessantes notícias e artigos publicados nos dois continentes, HOE consegue manter o leitor brasileiro perfeitamente ao par dos últimos acontecimentos em todos os campos da atividade humana. Figuram no seu número de Junho trabalhos sobre a guerra bacteriológica, como os russos conquistaram o Polo, os ditadores de amanhã, os mecanismos do cérebro, dupla personalidade, Emilío Zola, etc.

Recebemos, tambem, "LA LETTURA" e "REVISTA DE SÃO PAULO".

F.

TEATRO

TEATRO GLORIA - "Baile de máscaras"

Inicialmente deve-se assinalar que "Baile de máscaras" é uma peça do bom nivel: comédia elegante ,sutil, ligeiramente original (sem ser bizarra), bastante humana e bastante harmoniosa.

Talvez um pouco ingênua. Generosa demais, talvez. Mas encantadora.

Ingênua, porque nos conta uma história singela, sem complicações psicológicas, accessivel a tôdas as mentalidades; generosa, porque confere, sem restrições, sem avareza, os bons sentimentos aos personagens destacados para possuí-los; encantadora, porque tem ambiente, gente agradável, tipos dígnos de interêsse, emoção, ternura... E é inteligente.

São três atos que a gente vê e ouve com prazer — peça para integrar repertórios bons, peça para platéias de bom gôsto. Porque, se nada nos traz de novo, ou de profundo, ou de grande, tem, acima de tudo, um mérito indiscutível: ausência absoluta do elemento canalhice. E, se outros méritos não tivesse, só isso bastaria para que lhe desculpassemos o pecado de ser apenas encantadora, quando podia ser grande, de ter situações arrumadas dentro de ingênuo convencionalismo, de não ser bastante convincente nas atitudes morais que empresta a seus personagens, de ter forçado a nota da virtude, de ter sido um pouco mistificadora na maneira por que traça as bôas qualidades de sua gente — gente que segue na reta, que não tem hesitações, que se não deixa tentar, que não enfraquece nunca. Outras coisas, porém existem, em seu conjunto, para recomendá-la como uma bôa realização artistica.

Não importa digam os "técnicos" de correrias teatrais que lhe faltam ação, movimento, vida. Não importa, também, considerem-na, êsses mesmos "técnicos" com diálogos longos, enfadonhos.

Nada disso importa: no verdadeiro teatro, *movimento* é bem manejar a sensibilidade dos personagens; *ação* é desenvolver bem o interêsse psicológico; *vida* é a emoção bem apreendida, bem fixada e bem projetada.

Decerto que "Baile de máscaras" não visa a profundas análises de alma, não apresenta problemas, não debate grandes causas. E' um história simples, é verdade. Mas uma história deliciosamente bem contada.

Na interpretação, o elenco da Companhia Jaime Costa brilhou. Ligia Sarmento estreiou, enfim, na temporada de 38. Foi feliz em tudo: na interpretação, nas "toilettes", na própria côr de seus vestidos... Usou, para essa sua estréia, as três côres que a projetam melhor — as três côres que, com pouquíssimas variantes, deviam ser as suas côres para representar.

Como artista, esteve no seu elemento. Porque há, em seu tipo teatral, uma característica a observar: sempre que lhe cabe viver uma personalidade em que tenham sido postos uma pouco de emoção, um pouco de bons sentimentos, um pouco de vida interior ela vai magníficamente. Só nas chamadas "chanchadas" Lígia Sarmento fracassa. Fica deslocada. Artificial. Não convence. (Tome-se o reparo como sugestão a seu diretor artístico).

Está muito bem marcado (com discreção, sem amadorismo) o seu nervoso quando vai ao escritório de Paulo: seu sorriso, a maneira bem graduada porque retira as mãos das do moço, a sutileza com que se furta a sua revelação de amor... E esteve também esplêndida em seu diálogo com Paulo regenerado (a propósito: está um pouco infantil, ou convencional, a causa dessa regeneração), com umas expressões de ternura cheia de dignidade que lhe ficam muito bem. Nessa larga distribuição de virtudes, que foi "Um baile de máscaras", ela chegou a convencer.

Itala Ferreira, que voltou com ruído á comédia, soube bem corresponder á simpatia com que a receberam crítica e platéia: esteve á altura. Apresentou um trabalho honestíssimo. E fê-lo com tanta dignidade que, apezar de seus últimos papéis terem sido absolutamente cômicos, conseguiu, dos espectadores, essa coisa extraordinária: foi *aceita*, nos momentos de emoção, ninguém riu, como é comum, em memória de anteriores papéis *para rir. Mesmo* porque suas cenas de emoção foram lindamente vividas, para admitirem qualquer incompreensão.

Jaime Costa fez, com linha, o seu Dr. Diógenes: não desvirtuou o gênero de comicidade do papel.

Foi perverso, com sutileza; cínico, sem exageros. Sem calcar a comicidade tirou efeitos humorísticos bastante apreciáveis dos seus momentos.

Aliás Jaime Costa tem a ciência perfeita da projeção: seus gestos, quando fantasiado de burro, foram muito bem achados, foram mesmo de burro bem falante e filósofo e causaram impressão magnífica na platéia.

Convencional o tipo que coube a Cora Costa. Muito farça — destoante do rítmo geral da comédia.

Mais bem graduado, com traços menos fortes, daria á Cora Costa, que é uma atriz inteligente, oportunidade para valorizá-lo.

Delorges foi o galã correto e convincente que todos conhecemos. Mas Delorges é, ainda, capaz de mais. Se, por exemplo, quando pretende conquistar Diana, se esquecesse da platéia e, lembrando-se de que está só em um escritório de Banco, não tivesse aquele sorrisozinho revelador de seus planos, numa tentativa de obter cumplicidade dos espectadores (incabivel, porque, na vida real, quem está fingindo finge mesmo) seu trabalho poderia ser classificado de impecável.

Simpática a atitude de Custódio de Mesquita, tomando a seu cargo a animação de um personagem eventual, sem atuação direta na comédia. Simpática e inteligente. Promissora, também — porque é prova de que Custódio está na realidade, estudando. E o seu criado foi admiravelmente bem construido.

Aristóteles concorreu muito para o brilho da interpretação. Dessa vez não comoveu porque fôsse "á toa": comoveu porque foi bom e fraco. Esquesito isso: Aristóteles, ator catalogado apenas como cômico, consegue emocionar, mesmo quando faz rir, com essa qualquer coisa de pobre coitado que imprime a certos tipos. Creio, mesmo, que está nisso a marca de sua personalidade, a característica melhor de seu talento. E, muito embora levasse um pouco para o ridículo a personalidade de Arquimedes (o que consequentemente, torna um pouco discutível a generosidade ou o espírito de renúncia de Diana), êsse traço de melancolia deu a seu trabalho o essencial para ser considerado como um trabalho dígno de aplausos.

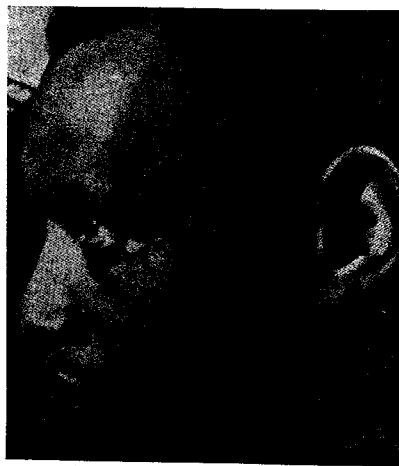
Cabe aquí uma referência especial a Ferreira Maia: é um prazer vê-lo atuando em qualquer peça, pela correção dos tipos que apresenta. Tem, mesmo para fazer

CINEMA

O mês foi pobre em bons filmes. Só na ultima semana surgiram cartazes interessantes prometendo bons numeros.

Nas primeiras semanas o que houve foi o banalissimo projetar de comédias policiais — quando serão elas riscadas em definitivo das exibições? — romancesinhos baratos e cacetes: cine-comércio. Cine-comércio que tanto prejudica o cine-arte dos americanos. Os filmes alemães e italianos continuam sua obra de propaganda fascista. Por isso mesmo deveriam ser proibidos. Nem mesmo conseguem apresentar um minimo de arte que possa suavisar a objetividade da propaganda, ou torna-la menos agressiva.

Vimos "Sublime mentira de Nina Petrova", filme francês, distribuido pela Ufa. Houve em tempos passados um filme com titulo e romance iguais, na época do cinema mudo. A cinematografia francesa progride dia a dia. Tem aspectos positivos: é sempre cuidadosamente montada, esmeradamente organisada. Mas, si este filme realisa cento por cento em fotografia, detalhes, planos, paisagens, quando chega á interpretação é lamentavel. O cinema francês, com pouquissimas exceções, continúa, pela interpretação, muito teatro. Declamatorio e demasiado gesticulante.

Isa Miranda é a estrela. Vamp da escola italiana cheirando muito á Francesca Bertini. Gestos quilometricos, exageros suburbanos. Impossivel, para ser aceita. Nada nela é humano nem convicente.

Paul Robeson

Quando diz adeus, toma-se um trem, vai-se á Cascadura, volta-se, faz-se tudo e ela continua sem terminar o adeus.

"pontas", cuidados geralmente só dispensados a primeiros papéis. Esteve manífico — é o termo.

Estiveram, ainda, em "Baile de máscaras", em simples passagens, Nelma Costa, Fulvia Saint-Clair e dizem que Lúcia Delor, está entrando e saindo tão rápidamente que mal foi percebida. As outras também nada tiveram de sério para fazer. Mas portaram-se bem, que é o essencial.

Bons cenários: limpos, sóbrios. E bôa direção, bôa marcação da peça.

Uma sugestão a Jaime Costa: aquele canteiro de ante-palco (canteiro ou presepe?), que desde a estréia da Companhia ostenta, numa ameaça de ficar, suas horriveis florinhas de papel, precisa sair dalí. Está se tornando qualquer coisa de alucinante, para os que ficam cá na platéia, obrigados a vê-lo sempre. Quem está no palco, naturalmente, não sente isso...

Um reparo a Henrique Pongetti e a Luiz Martins: a fala final de Aristóteles, com a réplica de Lígia fechando a comédia, são dissonantes. Pura concessão a platéias de mau gôsto. Dascaída imperdoável em autores tão elegantes e de tão comprovada finura artística.

Se é que não foram os artistas que as desvirtuaram, marcando-lhes intenções não existentes...

TEATRO RIVAL — "Fontes Luminosas"

Por ter sido apresentada apenas uma vez, em 37, na festa de Dulcina, "Fontes Luminosas" pode ser considerada uma *primeira*. E com esta foi substituida "A Marqueza de Santos" no cartaz do Rival.

Má escolha. "Fontes Luminosas" nada tem que justifique a sua montagem pela Companhia Dulcina-Odilon. E' uma peça sem encanto cênico, sem sentido humano, sem beleza literária. Construida dentro de um tema que, bem desenvolvido, podia dar em resultado uma comédia magnífica, como realização teatral falha inteiramente. Não sei para que gastar Dulcina em peça assim. E' francamente, um desperdício de talento. Tanto mais que, além de vulgar, o papel que lhe coube não lhe dá um único momento em que possa aproveitar as suas altíssimas possibilidades artísticas.

Urge aliás, uma melhoria no repertório de Dulcina: seu repertório, de 37 para cá, tende para uma deficiência alarmante. E, no entanto, se a platéia carioca é, como se pretende, uma platéia de pouca educação artística, ninguem com mais prestígio do que Dulcina para educar-lhe o gôsto e civilizá-la.

Para a "reprise" de "Fontes Luminosas" encontra-se, talvez, uma única razão de ser: a ótima oportunidade para Conchita, tão sacrificada em "A Marqueza de Santos". Podemos, mesmo, afirmar, que a peça é sua — porque foram seus, inteiramente, o 1.º e 2.º atos. O terceiro ato não foi de ninguém: aí a comédia resvala para a caricatura, para a farça mais inconcebivel, sem a mais leve concessão ao real. As situações morais aproveitadas para efeitos humorísticos chocam pela falta de verosimilhança. Os golpes para rir falharam todos: a solidariedade na indignação dos dois maridos não convence; a justificativa do primo, dentro do ditado: "ladrão que rouba ladrão"... é encabulante, porque grita, em sua vulgaridade, em uma comédia interpretada por um conjunto artístico a que já nos habituamos a olhar com grande respeito e do qual não se pode perdoar escolhas infelizes.

Salva-se a interpretação — não é preciso dizer. Mas a pergunta nos volta, impertinente: porque incomodar Dulcina para tão pouca coisa?.

M.

Só dois artistas realisam, nesse filme, verdadeiramente, seu papel: o galã e a ingenua. O resto dá apenas para encher.

Isa Miranda está atualmente na America. Tomara que os americanos passem-na a limpo. Assim como está provoca crises de coolite.

Samuel Goldwin, informa — segundo noticiario cinematografico que mandou buscar em Nova York, um "otimo grupo de atores juvenis" que representou "Beco sem saida" nos palcos da Broadway. Esses meninos formam um estranho grupo como jamais se viu em Hollywood. Nenhum deles pertence a familia rica. São garotos que foram amigos e companheiros de todos os moleques e vagabundos das suas ruas".

A fotografia deles que anda publicada por aí, é notavel: seis garotos jovialissimos, numa gargalhada profunda enorme. Devem saber muita cousa.

A censura cinematografica — si esse filme vier para o Brasil — é capaz de considerar, aqueles seis moleques, improprios para menores.

LI EM REVISTAS ESTRANGEIRAS

Filma-se em Hollywood "Tres camaradas" com Robert Young, Robert Taylor e Franchot Tone. Trio notavel. Romance de Remarque. Notabilissimo. Com certeza não veremos esse filme no Brasil. Terá o destino de "Depois". Remarque é muito antipatisado aqui.

Greta Garbo e Stokowski continuam achando graça enquanto os duques de Windsor. sor descançam um pouco. Stokowski alem de todas as suas qualidades de artista enorme, tem carater e cabeça. Lembram-se do que ele fez no concerto de Rockfeller em Nova York?

"Branca de Neve e os sete anões" continua num sucesso louco pelo mundo afóra. Na Palestina, segundo noticias telegraficas houve disturbios entre assistentes, ávidos para ver o filme. Walt Disney continua um dos maiores poetas do mundo.

A gente vê aquelas garotas bonitas — fabulosas! — nos filmes musicados e revistas e pensa que tudo aquilo é ouro em carne. Usam geralmente roupas e adornos brilhantissimos. E não se pensa ou pensa-se que elas ganham pouquissimo, 75 dolares por semana e trabalham no maximo 42 semanas por ano. Em mil candidatas necessitadas escolhem uma ou duas... Vivem dentro de um disciplina militar e seus sapatos de andar na rua naturalmente demonstrarão — diferentemente daqueles que usam nos filmes — que suas vidas não são nada brilhantes.

A cinematografia francesa promete para breve "Carlota Corday" interpretado por Edwige Feuillere. Rigorosamente historico. Espera-se que seja bom porque nisso a França é atenciosa: seus filmes historicos o são real e positivamente.

E.

RADIO

O acontecimento culminante de Maio foi a tentativa do integralismo. O "putsch" verde se manifestou no rádio. Tudo se deu quando o *povo* estava dormindo. O Presidente Getulio Vargas despertou dentro da luta. Defendeu sua cidadela que simbolisou uma nação digna de suas tradições históricas. Quando o *povo* acordou, os fantasmas do terror estavam abatidos. Ficou uma página negra com muitas bombas, muitos fuzis, muitas mortes. Ao mesmo tempo, outra cresceu tanto que reivindicou o anseio de todos.

O rádio é uma arma poderosa. De PAZ e de GUERRA. O momento histórico que vivemos apresenta o fenomeno das *civilisações que se cruzam*. Umas, vão — se edificam, se elevam. Florescem. Outras, *voltam*. Regressam no sentido da involução. Tendem para os crepusculos, para o fim. Nas primeiras, a onda sonora educa ensinando e distraindo. Confraternisa. Nas segundas, as vozes que o ar comunica são repletas de asperesas e ameaças. Tornam-se alucinantes de poderio. Intimidam. Oprimem. Mentem. No Brasil essas vozes já morreram: as que querem matar.

O Rádio Club do Brasil fez um ótimo serviço iom a irradiação do jogo BRASIL — POLONIA. Manteve vivo o entusiasmo nas horas febris da peleja, o grande speaker sportivo Galiano Neto. O Brasil venceu contra *tudo*. Os jogadores representaram sua Pátria dignamente. Em todos os sentidos. Ouvimos, orgulhosos de nossa performance.

O "teatro pelos ares" teve uma estreia: A Prof. Maria Rosa Moreira Ribeiro. Magnifica aquisição, dessas que fortificam a rubrica: Teatro e Cultura. O papel distribuido foi imprópro. A professora pioneira da "palavra bela" não póde fazer uma "negra" com fidelidade. Sua voz tem o requinte das elites — a marca não desaparece quando a artista impõe. Assim mesmo, dentro da exotica peça "Mulher negociada" representou a *aristocracia*. O exotismo está na moral da comedia: fala-se em teatro educacional e o autor apresenta feliz mulher que foi vendida. Os pais tinham razão, com certeza!

Os programas da Tupi estão muito equilibrados. Muito bons.

A "velha guarda" da PRA 9 afasta os ouvintes do Ladeira. Ninguem aceita mais o BIS.

Em discos, a Jornal do Brasil continua bem.

S.

I N D I C A D O R